Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

ALINA KALEDINA ORTEGA

ATUAÇÃO DO PSICOLOGO EM SERVIÇO DE MIGRAÇÃO: UM ESTUDO EM
SÃO PAULO (BRASIL) E MOSCOU (RÚSSIA)

São Paulo/SP
2015

ALINA KALEDINA ORTEGA

ATUAÇÃO DO PSICOLOGO EM SERVIÇO DE MIGRAÇÃO: UM ESTUDO EM
SÃO PAULO (BRASIL) E MOSCOU (RÚSSIA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social e do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos

São Paulo/SP

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ortega, Alina Kaledina.

Atuação do psicólogo em serviço de migração: um estudo em São Paulo (Brasil) e Moscou (Rússia). / Alina Kaledina Ortega; orientador Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos. -- São Paulo, 2015. 157f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Migração 2. Atuação do psicólogo 3. Serviços de migração
4. Psicologia Intercultural 5. Pesquisa qualitativa I. Título.

GN370

Nome: Alina Kaledina Ortega

Título: Atuação do psicólogos em serviço de migração: um estudo em São Paulo (Brasil) e Moscou (Rússia).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

RESUMO

Introdução: Este trabalho teve como objetivo descrever a atuação do psicólogo junto aos serviços de migração da Rússia e do Brasil. **Método:** Foi realizada uma pesquisa qualitativa descritiva, utilizando a entrevista semi-estruturada com 04 psicólogos do Brasil e 03 da Rússia, recrutados em serviços de migração nas cidades de São Paulo e Moscou. A análise de conteúdo do material buscou caracterizar os principais pontos de convergência e divergência do trabalho de psicólogos brasileiros e russos. **Resultados:** As entrevistas mostram que ter psicólogos é importantíssimo para um serviço de atendimento dos migrantes. Trabalhando no centro de atendimento dos migrantes, o psicólogo recebe uma rica experiência prática que não encontra atendendo no consultório. Todos os entrevistados falaram da necessidade de cursos de psicologia dedicados a migração ou(e) Psicologia Intercultural. Recomenda-se para as Faculdades de Psicologia da Rússia que ofereçam estágio aos alunos nos serviços de atendimento dos migrantes. Recomenda-se para as Faculdades de Psicologia do Brasil que ofereçam disciplinas sobre Psicologia Intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Atuação do Psicólogo; Serviços de Migração; Psicologia Intercultural; Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

Introduction: this study was aimed to describe the psychologist activity within the migration services in Russia and Brazil. **Method:** A descriptive qualitative study was conducted using a semi-structured interview with 04 psychologists from Brazil and 03 from Russia, recruited from migration services in the cities of Sao Paulo and Moscow. The content analysis of the material sought to characterize the main points of convergence and divergence of the work of Brazilian and Russian psychologists. **Results:** The interviews show that having psychologists is important for a migrant service. Working in that he cannot gain in psychological cabinet. All interviewees told about the need in psychological courses dedicated to migration or (e) Cross-Cultural Psychology. It is recommended for the Departments of Psychology in Russia to offer internships in migration services to students. It is recommended for Departments of Psychology in Brazil to offer disciplines of Cross-cultural psychology.

KEYWORDS: Migration; Activity of psychologist; Migration services; Cross-cultural psychology; Qualitative research.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1 INTRODUÇÃO.....	4
2 CAPÍTULO I - MIGRAÇÃO E FENÔMENOS PSICOLÓGICOS	7
2.1 O fenômeno da identidade e a identidade étnico-racial.....	10
2.2 Identidade, preconceito e discriminação	14
2.3 A Psicologia Intercultural, Cultural, Cross-Cultural e a Psicologia Étnica	18
2.4 A Psicologia Intercultural no Brasil.....	21
2.5 A Psicologia Intercultural (Étnica) na Rússia	23
3 CAPÍTULO III – DESCRIÇÕES DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS NA RÚSSIA E NO BRASIL.....	26
3.1 Descrição da e/imigração no Brasil	26
3.2 Descrição da e/imigração na Rússia	30
4 CAPÍTULO IV – MÉTODO	41
4.1 Aspectos éticos	42
5 CAPÍTULO V – PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO.....	43
5.1 Breve apresentação da História da Psicologia no Brasil	43
5.2 Breve apresentação da história da Psicologia na Rússia	45
5.3 Atuação do psicólogo no Brasil	49
5.4 Atuação do psicólogo na Rússia	52
6 CAPÍTULO VI – RESULTADOS	56
6.1 Descrição dos serviços de atendimento aos migrantes no Brasil	56
6.2 Descrição dos serviços de atendimento aos migrantes na Rússia	57
6.3 Descrição da primeira entrevista: psicólogo brasileiro.....	59
6.4 Descrição da segunda entrevista: psicóloga russa	63
6.5 Descrição da terceira entrevista: psicóloga russa	66

6.6 Descrição da quarta entrevista: psicólogo russo.....	70
6.7 Descrição da quinta entrevista: psicóloga peruana que atua no Brasil.....	75
6.8 Descrição da sexta entrevista: psicólogo brasileiro	82
6.9 Descrição da sétima entrevista: psicólogo brasileiro.....	88
7 CAPÍTULO VII – LIÇÕES APRENDIDAS.....	102
7.1 Recomendações para centros de atendimentos de migrantes na Rússia e no Brasil	111
7.2 Considerações finais.....	114
REFERÊNCIAS	116
ANEXO I - Atividades acadêmicas	122
ANEXO II – Grupo focal	131
Grupo focal como método da pesquisa psicológica	131
Descrição e análise do grupo focal piloto.....	133
OUTROS ANEXOS	137

APRESENTAÇÃO

Comecei a me interessar pela Psicologia Intercultural quando entrei no Departamento de Psicologia Social da MGU de Lomonossov (Universidade Estatal de Moscou). Em 2008 comecei a aprender a língua portuguesa. Em 2009 participei do Programa Internacional sobre a introdução de Vygotsky na psicoterapia. Este foi um estágio no Instituto de Aplicação e Formação em Portugal (IPAF). Em 2010 fiz intercambio pelo Programa de Cooperação Internacional no Instituto de Psicologia da USP. A participação no programa foi uma experiência muito gratificante para mim. Em 2011 defendi na Rússia um projeto sobre as culturas russa e brasileira, com o título “Análise comparativa do contexto na cultura russa e brasileira” (“Comparative analysis of context in Russian and Brazilian culture”). Nesse trabalho pesquisei uma das categorias de cultura elaboradas nas obras do antropólogo americano Edward T Hall: o “contexto cultural”. Sob o “contexto” Hall entendia um grande número de atos (eventos/fenômenos) presentes no evento comunicativo, como, por exemplo, gestos; tom de voz; distância física entre os interlocutores; lugar e hora da comunicação e outros. No meu trabalho analisei como indicadores de contextualidade se manifestam nas culturas russa e brasileira. O meu trabalho final, que concluí na universidade MGU, de Lomonossov, também foi vinculado com a Psicologia Intercultural. Aproveitando a minha experiência como gerente de recursos humanos, pesquisei sobre fatores de discriminação (tais como raça-etnia, sexo e idade) que aparecem no processo seletivo para vagas abertas. O título do projeto foi “Fatores de discriminação nas práticas de recrutamento em grandes cidades russas” (“Discrimination factors in recruitment practices in Russian big cities”). Após terminar minha formação na Faculdade de Psicologia em Moscou e ganhar o título de “especialista”, estava pensando em seguir a carreira acadêmica. Na formação acadêmica russa existe outro tipo de titulação: no sistema de Bolonha a primeira etapa é o bacharelado (4-5 anos) e a segunda é o mestrado (2-3 anos), mas no sistema praticado na União Soviética a primeira etapa chama-se especialista (dura 5-6 anos) e inclui cursos do bacharelado e, parcialmente, do mestrado. Na minha faculdade os dois primeiros anos têm cursos de Psicologia Geral e de outras áreas, como Biologia, Matemática, Filosofia, Sociologia. Os três (ou quatro) anos seguintes têm cursos de especialização, que no meu caso foi de Psicologia Social;

fazer o projeto de pesquisa é obrigatório para cada aluno a partir do segundo ano. Uma das principais diferenças entre os dois sistemas consiste no fato de que depois do bacharelado o estudante pode migrar para outra especialização, mas no caso da “especialização” o estudante não pode trocar a sua especialidade durante a formação (ou seja, se depois dos primeiros anos de cursos gerais quiser mudar a especialidade e interromper sua formação, vai ter que fazer as provas e começar do primeiro ano na outra faculdade).

Como já era familiar com a USP me informei sobre a possibilidade e as exigências de pós-graduação aqui. As condições de pós-graduação oferecidas pela USP foram atraentes e decidi prestar o processo seletivo. O tema do meu projeto atual foi escolhido junto com meu orientador, professor Alessandro de Oliveira dos Santos, por várias razões.

O fenômeno de migração, mesmo sendo abordado por vários autores, não perdeu sua atualidade. A maioria dos países continua lidando com grandes fluxos de imigração ou emigração. Quando a Psicologia aborda esse fenômeno, frequentemente trata dos processos psicológicos que ocorrem com os migrantes na sociedade que os acolhe. No meu trabalho eu escolhi outro objeto: investigar os psicólogos que atuam no serviço de migração. Esperava ver como conhecimentos de Psicologia Intercultural podem contribuir para a formação do psicólogo e sua atuação nos serviços de migração. Apesar de Rússia e Brasil terem passados históricos diferentes, as situações atuais de ambos no aspecto socioeconômico são parecidas. Em particular, São Paulo e Moscou são metrópoles com populações semelhantes, cerca de 11 milhões (contando só população da capital). Ambas as cidades recebem grande fluxo migratório (a respeito disso vou falar mais para frente). Desse modo, busquei descrever a organização dos serviços de atendimentos dos migrantes nessas cidades e a atuação dos psicólogos neles.

O **objetivo** foi pesquisar a atuação do psicólogo nos serviços de migração e como lidam com o tema das relações interculturais e étnico-raciais. Desse modo, buscou-se:

- Observar as abordagens teóricas a respeito de migração na área da Psicologia. Verificar a contribuição dos estudos sobre migração e raça-etnia para a formação do psicólogo, utilizando como norteador a abordagem da Psicologia Intercultural/Cross-Cultural/Étnica).
- Criar questionário e realizar entrevistas com psicólogos.

- Refletir sobre os principais achados da pesquisa e fornecer recomendações para os psicólogos que atuam nos serviços de migração.

Este relatório foi organizado nas seguintes seções: uma introdução; capítulos que tratam da migração e fenômenos psicológicos, do conceito de cultura na psicologia, da Psicologia Intercultural, Cultural, Cross-Cultural e Psicologia Étnica; capítulos de descrições dos processos migratórios na Rússia e no Brasil, da psicologia como ciência e profissão, dos serviços de atendimento aos migrantes nos dois países; do método, resultados do estudo, conclusões e recomendações. Nos anexos encontram-se atividades acadêmicas, grupo focal, roteiro básico de perguntas e o termo de consentimento livre e esclarecido para a realização das entrevistas.

É importante destacar que inicialmente o estudo foi planejado incluindo entrevistas individuais e em grupo (grupo focal). Mas, em função do pouco tempo para finalização do trabalho e da dificuldade de encontrar psicólogos em Moscou que atuam em serviços de migração, a realização do grupo focal foi descartada. Essa decisão, no entanto, só ocorreu após meu retorno de Moscou em 22/09/2014. Desse modo, apresento também um capítulo do grupo focal piloto que realizei, antes de ir para Moscou, com alunos de psicologia a fim de testar o roteiro de perguntas elaborado para o estudo. O grupo focal trouxe questões importantes dos alunos sobre migração, formação do psicólogo e psicologia intercultural.

INTRODUÇÃO

A migração pode ser entendida como o deslocamento de pessoas para um país, território ou região distinta, por um tempo prolongado. O termo emigração, por sua vez, significa deixar o local de origem (a pátria) com intenção de se estabelecer em um novo país. Já o termo imigração corresponde à entrada das pessoas que vêm do exterior para fins de trabalho e/ou residência em um novo local (ZAIA, 2007).

A migração humana é um fenômeno ininterrupto na história mundial. Atualmente não existe nação que “não seja herdeira ou resultante de uma grande migração” (SARRIERA; PIZZINATO; RANGEL, 2005, p. 6). A história da migração no Ocidente começou na época das Grandes Descobertas Geográficas, compreendendo da metade do século XV até o século XVII. Países europeus invadiram outros continentes (América, África, Ásia) e teve início um grande fluxo populacional. No século XIX uma média 100 milhões de pessoas emigraram para outros países; metade desta cifra consistia em fluxos transoceânicos (SARRIERA; PIZZINATO; RANGEL, 2005, p. 6).

A motivação geral da emigração dos europeus era a busca de uma vida melhor, que naquela época incluía a chegada a terras novas, “sem ocupação”, a descoberta de riquezas (ouro, pedras preciosas, especiarias) e a conquista de liberdades (políticas e religiosas, entre outras) fora do país de origem. Também existiu um tipo de emigração forçada, como a vivida pelos povos escravizados na África e trazidos em grande escala para as Américas (PEIXOTO, 2012).

No século XX a quantidade de migrações aumentou, adicionando-se pessoas que fugiam dos seus países por causa das Grandes Guerras ou por motivos políticos e econômicos. Mas normalmente essas pessoas encontravam condições ruins, como salário baixo e condições precárias de moradia e trabalho, entre outras (PEIXOTO, 2012).

No século XXI a maior parte das migrações tem se dado por motivos econômicos. Essas migrações incluem dois aspectos. Primeiro, os países do hemisfério Norte (como os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos), com seu alto nível de qualidade de vida e bem estar social, têm possibilidade de receber migrantes para trabalhar. Nesses países a população “envelheceu”, sendo as principais causas do envelhecimento o declínio da fecundidade e o aumento da expectativa de vida. Lá os

idosos constituem aproximadamente 21% da população. E se a tendência de envelhecimento não mudar previsões da ONU indicam que, em 2050, 21% da população mundial será de pessoas mais velhas. Nesses países a população economicamente ativa diminuiu e as obrigações sociais para com essa população aumentaram. Assim, os países europeus podem compensar a falta de mão de obra para o trabalho recebendo emigrantes (GRABAR, 2013).

Um segundo aspecto refere-se aos relacionamentos coloniais e pós-coloniais que formaram laços especiais de migração entre alguns países, como, por exemplo, França e Argélia, Japão e Brasil, Alemanha e Turquia. Assim, um país tem costume de receber emigrantes do outro (CHAVEZ, 2011).

Mas, em meio aos movimentos migratórios de hoje, nos países receptores existe a representação de migrantes “bons” e “problemáticos”. Migrantes mais antigos são imaginados como pessoas que queriam adaptar-se rapidamente (por exemplo, os italianos que mudaram para os Estados Unidos no início do século XX queriam ser americanos). Agora, os migrantes são vistos como pessoas que procuram incisivamente conservar sua identidade, sua língua e tradições. Isso pode levar a conflitos religiosos e étnico-raciais. As pessoas que migram se sentem com direitos limitados e os cidadãos do país que as recebe se sentem ameaçados, sobretudo no que se refere ao desrespeito a seus valores. Quando uma pessoa que migra pode virar cidadão? Elas têm o direito de receber a cidadania só por causa da sua origem de nascimento? Que direitos elas têm e que direitos têm os cidadãos do país que as recebe? Quais são os efeitos psicológicos da migração sobre as pessoas envolvidas? (CHAVEZ, 2011). Estas e outras questões têm chamado a atenção dos psicólogos nas últimas décadas, sobretudo dos psicólogos que trabalham nos serviços de migração.

Os fenômenos psicológicos de migração perfazem uma área relativamente nova do conhecimento psicológico, que se chama Psicologia Intercultural (Psicologia Cross-Cultural/Psicologia Étnica). No Brasil as investigações em Psicologia Intercultural focalizam em geral o tema da migração, a universalidade e a especificidade dos fenômenos psicológicos, a posição do pesquisador (etnocentrismo, descentrismo), as fronteiras dos fenômenos psicológicos e sua relação com as definições de cultura (ANGELINI, 2007). Embora, o Brasil conviva com muitas relações interculturais e étnico-raciais desde sua fundação, a Psicologia Intercultural é uma área de conhecimento recente no campo da psicologia brasileira.

A Psicologia Intercultural na Rússia (denominada Psicologia Étnica) tem uma história recente também. As primeiras pesquisas etno-psicológicas foram realizadas no final do século XIX. Mas, na década de 1930 do século XX, a Psicologia Intercultural (Psicologia Étnica) foi proibida na Rússia porque foi associada ao racismo científico (a respeito disso falarei detalhadamente no capítulo A Psicologia Intercultural). Ela retornou como uma disciplina científica somente após o colapso da URSS, dedicando-se ao estudo de conceitos teóricos básicos. Um dos temas que a Psicologia Intercultural começou a abordar na Rússia é auxílio à resolução de conflitos étnico-raciais, problema que existe desde o colapso da URSS e persiste até os dias atuais (STEFANENKO, 2004).

CAPITULO I - MIGRAÇÃO E FENÔMENOS PSICOLÓGICOS

O fenômeno migratório é abordado por várias disciplinas: Demografia, Sociologia, Ciências Políticas e outras. Nessas áreas a migração foi investigada mais a fundo do que na Psicologia, ainda que a Psicologia tenha papel fundamental no estudo dos dois principais fenômenos migratórios – a adaptação à nova cultura e as relações intergrupais (interétnicas ou interracialias). Este pretende contribuir com subsídios teóricos e práticos para a investigação das relações intergrupais e a mediação dos conflitos intergrupais (DEBIAGGI; PAIVA, 2004).

É importante destacar que atualmente as sociedades em que vivemos constituem-se como plurais. É difícil (se não é impossível) achar um país monocultural (com um único povo, língua, religião). As manifestações de pluralismo em cada país são diferentes, podendo se organizar em duas estratégias:

- A primeira estratégia chama-se assimilação: uma cultura dominante absorve outras, e no final nasce uma nação.
- A segunda estratégia chama-se multiculturalismo: nela os povos aceitam algumas leis gerais (as quais permitem conviver com outros povos) e conservam a sua cultura.

Dentro da sociedade pluralista há vários grupos. Alguns grupos chegaram e permaneceram voluntariamente, outros foram forçados; alguns grupos moram muito tempo num certo território, outros se deslocaram recentemente; alguns grupos pretendem permanecer, outros estão num território temporariamente. Por exemplo, os povos indígenas (autóctones) moram em um território há tanto tempo que parece que eles sempre moraram ali (são migrantes antigos, se considerarmos que todos os seres humanos se deslocaram pelo planeta em algum momento). A característica principal desse grupo é ter vivido muito tempo num território que foi incluído coercivamente (na maioria das vezes) na composição de um estado. Outro grupo é descendente das “primeiras ondas” de migração, ou seja, várias gerações nasceram e moram num território, portanto tem uma noção história sobre história de deslocamento desse grupo. O deslocamento pode ser voluntário ou forçado (caso de escravidão). Esses dois grupos da sociedade pluralista são sedentários. Os membros de uma sociedade pluralista, que nasceram e passaram a ser socializados em outra sociedade, são migrantes. Dentro essa categoria há também diversos grupos (BERRY, 2007).

Os que migraram em busca de uma vida melhor na nova sociedade de acolhida são chamados por Berry de voluntários e permanentes. Os migrantes voluntários também podem ser temporários; por exemplo, os estudantes intercambistas e diplomatas. Refugiados, por sua vez, são chamados de migrantes temporários e forçados. Recebendo a residência os refugiados podem ser considerados como permanentes. Desse modo, utilizando três fatores de categorização (Voluntário – Forçado; Sedentário – Migrante; Permanente – Temporário) o autor descreve seis grupos da sociedade pluralista (BERRY, 2007). Este modelo teoricamente pressupõe dezoito possíveis combinações de características do grupo. Assim, os emigrantes seriam sedentários, voluntários ou forçados (dependendo do caso) e temporários (por que eles não permanecem no país de origem).

Dependendo do grupo ao qual pertence, o indivíduo pode ter comportamentos e características psicológicas diferentes. Por exemplo, os refugiados podem ter mais dificuldades com adaptação porque eles não se prepararam para migrar do país de origem e também é provável que tenham sofrido traumas. Já os migrantes temporários podem não ter interesse de se adaptar, por que sabem que vão voltar ou ser mandados para outro país (BERRY, 2007).

Uma série de processos psicológicos ocorrem com os migrantes depois da chegada ao novo ambiente, no qual eles têm que se adaptar. Triandis (2007) introduziu o conceito de "curva de adaptação", mostrando que o processo de adaptação consiste em cinco fases: bom, pior, péssimo, melhor, bom. A terceira fase, chamada de péssimo, é decisiva. Nesta fase os sintomas do choque cultural, ou seja, as dificuldades que as pessoas têm para se ajustar a uma nova cultura, tendo em vista que o tempo de sua mudança física/espacial é diferente do tempo de adaptação a mudança social/psicológica, pode chegar a um ponto crítico, resultando em adoecimento e na sensação de desamparo. Se o migrante consegue passar desta fase tem boas chances de conseguir se adaptar ao novo ambiente (TRIANDIS, 2007).

O processo de adaptação da pessoa ao meio ambiente novo, com mudanças na orientação de seus valores e de seus comportamentos, é chamado de aculturação psicológica, conceito cunhado pelo psicólogo Graves. É importante notar que a aculturação pode ocorrer nos dois níveis: individual e social. Este processo envolve tanto as pessoas que migram como as pessoas dos países receptores. O processo de aculturação de dois grupos é, portanto, sempre mútuo. Além da aculturação psicológica

(ou individual), há a aculturação do grupo, que inclui mudanças de estrutura social, política e econômica. Teoricamente há possibilidade de que a influência mútua das culturas seja igual, mas na prática, durante a interação de duas culturas uma delas sempre acaba dominando a outra. Assim, o indivíduo que pertence a uma cultura dita minoritária será influenciado pela sua cultura, mas também pela cultura dominante (BERRY, 2007).

Depois da interação cultural, o indivíduo (ou o grupo) pode ter várias estratégias do comportamento. Berry definiu (2007) quatro estratégias de aculturação das pessoas que pertencem o grupo minoritário: assimilação, separação, integração e marginalização (o critério da divisão é a orientação do indivíduo no seu próprio grupo ou nos outros). A *assimilação* ocorre quando os indivíduos não mantêm a sua cultura original e se identificam com o grupo majoritário. Se os indivíduos conservam seus costumes culturais e procuram evitar os contatos com outros grupos esse estágio é chamado de *separação*. A estratégia de *integração* é quando os indivíduos conservam a sua cultura original e ao mesmo tempo tenta se adaptar à nova. A última estratégia se chama *marginalização* e ocorre quando os indivíduos perdem os laços com o seu grupo e não conseguem construir laços sócio-culturais com outros grupos. A realização dessas estratégias não depende só da intenção do indivíduo (ou do grupo-minoritário), mas também do comportamento do grupo-dominante. Para integrar minorias à sociedade majoritária é necessário ter certa política e estrutura social, baixo nível de preconceitos, entre outros fatores. Como já foi mencionado, o grupo majoritário também atua ativamente na interação. Segundo Berry (2007), quando a cultura dominante e a cultura minoritária se dirigirem para a assimilação, a sociedade tem uma estratégia conhecida como “caldeirão de fusão” (“meltingpot”). Por outro lado, se o grupo dominante tiver uma estratégia de segregação (“segregation”) ou exclusão (“exclusion”), a minoria nunca vai ser assimilada ou integrada. Se a sociedade do país de acolhida apoia a integração (nome da estratégia – “multiculturalism”), os grupos não dominantes escolhem em geral a integração, mas não necessariamente. A política de multiculturalismo pode ser efetuada só na sociedade onde a diversidade cultural é valorizada (BERRY, 2007).

Podemos visualizar na figura 1 as estratégias da interação do grupo minoritário e da sociedade; O eixo 1 fala da manutenção da herança e identidade do seu grupo, o eixo 2 aborda as relações com outros grupos.

Figura 1 – Estratégias de interação com outra cultura dos grupos étnicos e da grande sociedade.

Fonte: Berry (2007).

O fenômeno da identidade e a identidade étnico-racial

A popularização do conceito “identidade” no campo da psicologia ocorreu nos Estados Unidos nos anos 1960. Este conceito foi desenvolvido nos trabalhos de Erik Erikson, que também cunhou o termo “crise de identidade”. Para Erikson a identidade pode ser entendida como a integração de todas as identificações, e com o sentimento de completude e auto-segurança. Antes do surgimento da teoria de Erikson, os conceitos próximos à identidade já haviam sido aplicados nos estudos psicológicos. O conceito da identificação (aplicado posteriormente na psicologia social junto com o conceito identidade) foi cunhado por Sigmund Freud. O conceito da etnicidade apareceu pela primeira vez no trabalho de Gordon Allport “The nature of prejudice” (1954). (BRUBAKER; COOPER, 2010).

O conceito da identidade foi bastante abordado nas teorias cognitivistas. Na teoria de identidade social de Henri Tajfel e John Turner foi distinguida a identidade pessoal e social. A primeira subentende autodeterminação do indivíduo em termos das

características físicas, intelectuais e morais; a segunda tem a ver com pertencimento de várias categorias sociais como sexo, raça/etnia, profissão e outras. A formação da identidade social (identificação com um grupo social) ocorre em três etapas. No início, o indivíduo se define como membro de uma das categorias. Na segunda etapa o indivíduo assimila as normas e padrões de comportamento do grupo da identificação. E na terceira etapa, quando esses padrões são interiorizados, eles se tornar reguladores internos do comportamento (BELINSKAYA; TIKHOMANDRITSKAYA, 2001). Neste trabalho não apresento todas as abordagens cognitivistas conhecidas, porém, vale a pena mencionar, que tem muitas pesquisas dedicadas aos estudos da identidade étnico-racial e conflitos nacionais e étnico-raciais (e que mencionarei mais adiante).

O representante da vertente dos estudos pós-coloniais Stuart Hall chama a atenção para o fato de que existem representações sobre comunidades de minorias como grupos homogêneos com fronteiras bem-definidas. Porém, essas comunidades possuem grande miscigenação étnico-racial, histórias e tradições diferentes. Falando da identidade, Hall escreve que “não uma identidade primordial, mas uma escolha de posição do grupo ao qual desejam ser associados. As escolhas identitárias são mais políticas que antropológicas, mais “associativas”, menos “designadas” (HALL, p.64).

A identidade social não é fixa, é flexível e variável. Por exemplo, no caso da identidade étnica, as pessoas bilíngues podem ter estratégia de alternância, ou seja, a pessoa pode mudar seu comportamento, “comutar” códigos culturais, dependendo das exigências da cultura com que ela se comunica (BELINSKAYA; TIKHOMANDRITSKAYA, 2001). O construcionismo social entende identidade como algo não constante, plural, construído. O processo de construção da identidade ocorre o tempo todo, não há limitação em um período. Porém, a escolha da identidade é dependente do contexto social onde há uma gama de possíveis alternativas e variações da escolha (SERTAKOVA, 2013).

O conceito da identidade é muito utilizado em várias abordagens psicológicas. A reflexão sobre a utilização desse conceito encontramos no trabalho de Rogers Brubaker e Frederick Cooper. Os autores realizaram uma revisão das variações de utilização. Eles chegaram à conclusão de que algumas abordagens supunham que: 1) cada pessoa tem identidade ou deve se esforçar para adquiri-la; 2) todos tem identidade ou, pelo menos, se falarmos dos representantes de grupos étnicos, raciais ou nacionais; 3) a identidade pode ser inconsciente e assim pode ser “descoberta” (trazida à consciência). Entre

outras, foram distinguidas as teorias em “fracos” (flexíveis) e “fortes”. Os “fortes” se referem à suposição de que existe a identidade coletiva que compartilham todos os membros do grupo. O grupo é descrito principalmente como coeso, homogêneo, com fronteira exata entre membros do grupo e não membros. As abordagens recentes preferem a concepção “flexível” da identidade. Onde a identidade é vista como múltipla, instável, em movimento, fragmentada, construída, resultado de escolhas. De acordo com autores, o próprio conceito de identidade implica constância ao longo do tempo e alguma estabilidade, e nas abordagens recentes esse entendimento básico do conceito é negado. Os autores questionam a necessidade de utilização do conceito da identidade. Como alternativa de “identidade” é proposto o conceito de grupalidade/coletividade (em inglês “groupness”). Referindo-se aos trabalhos de Charles Tilly e Harrison White, os autores afirmam que a grupalidade descreve um grupo que tem um atributo comum e uma rede de relações. Os autores propõem adicionar um terceiro elemento – o sentimento de pertencimento (BRUBAKER; COOPER, 2010).

Na análise dos conflitos étnicos, ocorridos depois do colapso da USSR, foram usados conceitos de identidade nacional e étnica por vários pesquisadores como fator explicativo. Brubaker e Cooper não concordam com o argumento de que o regime soviético recalcava a identidade nacional e depois do colapso ela “acorda”. Segundo os autores, o governo soviético era um grande agente de institucionalização e codificação. Teve a divisão do país nos estados-nação, teve a coluna “nacionalidade” no passaporte (passaporte – documento de identificação interno) e outras. A questão seria como a categorização oficial (feita por estado ou líderes políticos), é relacionada com auto-compreensão dos grupos reais. Na opinião dos autores, o conceito de identidade confunde a categorização externa com comunidade, coesão dos grupos (BRUBAKER; COOPER, 2010).

No contexto da migração as identidades étnica e nacional ficam mais salientes devido ao deslocamento. Se antes o indivíduo não se questionava sobre quem ele é, ao encontrar a nova realidade, diferente, ele começará a se questionar. A pessoa que chegou ao novo país na idade adulta pode continuar guardando a sua identidade nacional, mas os filhos dos migrantes (primeira geração) provavelmente vão se referir ao país de residência. No caso da identidade étnica, ela pode ser conservada por gerações. Contudo, o indivíduo morando em uma cultura estável e homogênea pode não ter senso

da sua etnicidade e assim os costumes e as tradições que antes não eram salientes agora podem começar a fazer parte significativa da vida. A conservação das tradições culturais é um modo de assegurar a identidade; como no caso da identidade étnica a pessoa se refere a sua cultura e tradições (PHINNEY, 2004).

A discussão sobre a correlação entre identidade nacional (cívica) e étnico-racial (ou étnico-religiosa) é interessante. As relações não são estáveis e mudam dependendo do contexto social. Provavelmente, a identidade nacional acabará incluindo a identidade étnico-racial-religiosa (por exemplo, um judeu americano: a pessoa pode seguir tradições culturais religiosas e se identificar como americana). Quando a pessoa viaja para o exterior a identidade nacional pode ser mais importante e, portanto, se houver um conflito étnico-racial (envolvendo o grupo a que a pessoa se refere), a identidade étnico-racial pode prevalecer. Como os países modernos são formados por etnias diferentes, as políticas públicas normalmente estão dirigidas para formar uma identidade cívica nacional. Claro, houve muitas tentativas na história de formar uma nação por critério étnico-racial, mas essa experiência foi destrutiva. A identidade étnico-racial é anterior a identidade nacional (que trata de nações atuais). Como muitos países fizeram suas fronteiras atuais nos últimos três ou quatro séculos e em grande parte no século XX – podemos considerar a identidade nacional como relativamente nova.

A formação da identidade tem como correspondentes psicológicos o bem-estar e a autoestima. Pesquisa feita com adolescentes (Phinney e Devich-Navarro, 1997) mediram o bem-estar psicológico com relação às identidades nacional e étnica. Os adolescentes que tinham forte identidade étnica e não formaram a identidade nacional do país de residência foram chamados de “separados”. Eles tiveram problemas de adaptação na sociedade exterior a seu bairro. Os que formaram a identidade étnica e a identidade nacional demonstraram mais ajuste na sociedade e boa saúde mental. No caso de perda da identidade étnica e formação da identidade nacional, a pessoa pode se adaptar bem na sociedade majoritária e, portanto, pode ser rejeitada por seu grupo étnico (PHINNEY, 2004).

Se os filhos de imigrantes regressam para o local onde mora o grupo étnico ao qual eles pertencem, eles podem descobrir que este grupo étnico não os aceita. Mesmo se os filhos de migrantes têm fenótipo parecido, sabem a língua e mantêm as tradições em casa, eles cresceram em outra cultura e por isso são estrangeiros para o seu grupo étnico. Se na percepção da maioria os migrantes regressos caírem no grupo que tem

baixo status social eles terão problemas de adaptação e bem-estar psicológico. Por exemplo, os nipo-brasileiros se referem etnicamente a si mesmos como japoneses. As pessoas que nasceram e moraram no Brasil, retornando para o Japão, descobrem que lá eles são brasileiros. É melhor dizer que a sua identidade étnica dentro do Brasil é “japonesa” (e a identidade nacional é “brasileira”); e no Japão ela é “nipo-brasileira”. No Brasil o grupo de descendentes de japoneses tem alto status social, mas no Japão ocorre o contrário. Desse modo, os nipo-brasileiros que moram no Japão devem lidar com alterações de identidade e rebaixamento de status social (MIURA, 2004).

Identidade, preconceito e discriminação

Os migrantes podem sofrer discriminação quando as diferenças com a maioria são mais evidentes (sotaque, roupa e costumes, entre outras). Os descendentes de europeus nos Estados Unidos podem já na terceira geração perder a sua identidade étnica e só se referir a si mesmos como americanos (DEBIAGGI; PAIVA, 2004). Quais são as relações entre diferença, preconceito e discriminação?

Gordon Allport distingue cinco formas de preconceito (prejudice): há antilocução (antilocution, declarações negativas sobre membros do outro grupo, não pronunciadas na presença de outro grupo); evitação de outro grupo; sofrimento de discriminação (restrição de direitos, exceção de algumas esferas da vida social); violação física (ataques dos membros por outro grupo) e genocídio (ALLPORT, 1979). Manifestações extremas de preconceito não acontecem com muita frequência e, portanto, os casos extremos levam a reconsiderar as relações com as formas brandas da manifestação de preconceito.

Então, a discriminação tem relação com algum objeto. O objeto de discriminação pode ser uma pessoa ou um grupo que possuiu sinais diferentes do grupo majoritário (não compreendo o “grupo majoritário” quantitativamente). O sinal de diferença (a marca) pode ser físico (gordo, velho), intelectual (deficiente mental), social (pobre), de origem étnico-racial (judeu) (SMELSER, 1994). Se um sinal de diferença recebe uma avaliação social negativa isso se chama estigma. Erving Goffman subdivide os estigmas em físicos (obesidade, fealdade), pessoais (caráter, tendências) e “tribais” (raça, nacionalidade e religião). O portador de um estigma pode ser objeto de discriminação (NELSON, 2003).

A discriminação ocorre contra o grupo (ou um membro do grupo) sobre o qual

existe preconceito ou estereótipo na sociedade. O estereótipo é a imagem esquematizada e simplificada do objeto social. Esta imagem tem uma avaliação emocional característica (normalmente um imagem positiva de auto-grupo), concordância (dentro de uma representação do grupo estereotipador sobre o grupo estereotipado), inexactidão (o estereótipo não corresponde necessariamente a características reais) e rigidez à nova informação (especialmente se essa informação não confirma o estereotipo) (STEFANENKO, 2004). O conceito de estereótipo pode ser usado como sinônimo de preconceito. Alguns autores distinguem estes conceitos; conforme a abordagem cognitivista, o estereotipo é componente cognitivo de atitude. O componente afetivo é o preconceito e o comportamental é a discriminação (NELSON, 2003).

Como se formam os estereótipos e os preconceitos? Muzafer Sherif admitia a hipótese de que o conflito real entre grupos contribui para o aparecimento do preconceito e da discriminação. No seu famoso experimento no acampamento para crianças ele demonstra que, com o aumento da concorrência entre grupos, aumentam a agressão e os preconceitos entre grupos (STEFANENKO, 2004).

Conforme a teoria de identidade social de Henri Tajfel e John Turner, o conflito simbólico entre grupos já é suficiente para existência de preconceito e discriminação. A identidade social é a consciência de pertencimento a um grupo social. Há três processos básicos de percepção social: a categorização, a identificação e a diferenciação intergrupar. Os elementos de uma categoria são percebidos como mais parecidos e os elementos de categorias diferentes são percebidos como mais distantes do que eles são. Após a categorização inevitavelmente surge a preferência por um grupo, mesmo se as categorias forem formais. Essas conclusões foram feitas depois de um experimento realizado com grupos de escolares. Os escolares foram aleatoriamente divididos entre dois grupos: seguidores do pintor Klee e seguidores do pintor Kandinsky. As categorias foram formais porque os escolares não eram seguidores de nenhum dos dois pintores. Na etapa seguinte os experimentadores pediram para dividir a remuneração entre os dois grupos; uma matriz de variantes para essa distribuição foi posta. Entre a maximização de lucros dos dois grupos e a maximização de lucro só do seu grupo, foi escolhida a última. O mais interessante: foi escolhida a variante onde havia mais diferença entre a remuneração dos grupos (a favor do seu grupo), ao invés de se escolher a variante onde ambos os grupos tinham mais lucro. Tajfel concluiu que para o favoritismo ao seu grupo e a discriminação do outro é suficiente a pertinência formal do grupo. Ou seja, é

suficiente a auto-identificação com um grupo. Depois da categorização, mesmo características inventadas são percebidas como reais, realmente distinguindo um grupo do outro (STEFANENKO, 2004).

CAPITULO II – O CONCEITO DE CULTURA NAS TEORIAS PSICOLÓGICAS

Na psicanálise, a cultura é vista como uma organização social imposta ao indivíduo. Na obra de Sigmund Freud, “Totem e Tabu” o autor considera como poderiam ter surgido e como funcionam as leis e regras sociais de controle e regularização da vida social. A inserção do indivíduo na cultura é “marcada essencialmente pelo mal-estar, pois a inserção do sujeito na cultura é permeada pelo conflito e pela impossibilidade do sujeito em solucioná-lo de forma absoluta” (BIRMAN citado por MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010, p.168-169).

Dentro das escolas de psicanálise existem várias teorias que desenvolveram seu entendimento da relação sujeito-cultura. Na Escola de Frankfurt baseando-se na psicanálise e na teoria da sociedade de Marx, foi criada uma abordagem chamada teoria crítica (entre os representantes estão Max Horkheimer, Theodor Adorno, Erich Fromm e Herbert Marcuse) (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010). A análise da dependência (independência) do sujeito à sociedade foi representada na obra de Erich Fromm “O Medo à Liberdade”. O indivíduo durante a sua vida procura conquistar a sua independência da sociedade. Essa independência (a liberdade) faz o sujeito também se sentir sozinho e com medo (FROMM, 2011). O psicanalista Jacques Lacan desenvolveu a teoria em que ele entendia que o indivíduo se constrói no laço social; a psicanálise pode descrever as relações de poder que estão no laço social (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010). Vale a pena mencionar mais uma teoria nessa vertente, Carl Gustav Jung após analisar os mitos, contos de fadas, os costumes e rituais e religião de vários povos, chegou à conclusão de que existe o inconsciente coletivo. As formas acumuladas de percepção, reflexão da experiência de várias gerações, Jung chamou de arquétipos (VASKOVSKAYA, 2001).

O conceito de cultura é um dos principais na teoria sociocultural ou histórico-cultural de Lev Vygotsky; na tradução literal seria “teoria cultural-histórica” [Культурно-историческая теория Л.С. Выготского]. O ambiente social (a cultura) é entendido como fator principal de desenvolvimento da personalidade. Ou seja, existem

duas linhas de desenvolvimento. Na linha “natural” acontece o amadurecimento, na linha “social”, assimilação da cultura. Essa assimilação ocorre por meio de aprendizagem dos signos (símbolos) como linguagem, sistema de contas e outras. A criança aprende signos e símbolos na interação com o adulto (VASKOVSKAYA, 2001)

A psicologia comunitária também adotou as ideias marxistas, a cultura é entendida como “a descrição das práticas específicas de determinadas populações e dos significados compartilhados pelos membros desse grupo em relação a sua prática social” (CAMPOS citado por MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010, p.171). A teoria das representações sociais de Serge Moscovici está na inserção de psicologia e sociologia. De acordo com a teoria, cada grupo social tem suas representações sociais sobre vários fenômenos, assim cada grupo tem sua imagem do mundo e entendimento das normas sociais. Cada indivíduo membro do grupo compartilha essas representações sociais, porém elas não pertencem a uma pessoa exata e são transmitidas pelas gerações (ANDREEVA, 2008). A psicologia social latino-americana é representada por autores como Maritza Montero, Ignacio Martin-Baró e Silvia Lane. Esses autores chamam a atenção para construções sociais locais do povo latino-americano, essas construções “se manifestam como forma de resistência política contra a opressão socialmente instituída na América Latina desde a chegada dos colonizadores” (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010, p.173).

Uma nova perspectiva de entendimento da psicologia como ciência da cultura está representada na abordagem construcionismo social. Gergen fala que a psicologia social é uma ciência histórica e que o conhecimento psicológico não ultrapassa as fronteiras do conhecimento histórico. A interpretação de um fenômeno social é feita a partir de conhecimentos que estão nessa sociedade e que o pesquisador compartilha. Esses conhecimentos são produtos de uma concordância entre membros da sociedade sobre avaliações e entendimentos. Existem várias interpretações do mesmo fenômeno e com o tempo (e em diversos contextos) elas mudam. Os resultados, por exemplo, de um experimento psicológico não fazem sentido sem interpretação e por outro lado não pressupõem a interpretação. As teorias da Psicologia Social podem alterar os modelos sociais ou(e) gerar impacto no processo de construção social. De acordo com o autor, os famosos experimentos de Asch (1952) sobre conformismo e de Milgram (1974) sobre submissão; realmente não comprovam a existência desses fenômenos, porém causam a discussão na sociedade a respeito deles (GERGEN, 1996).

Em relação ao entendimento da raça-etnia pelas teorias psicológicas, Mountain e Lara Junior (2010) afirmam que:

O entendimento de raça-etnia em teorias psicológicas é criticado por autores de vertente pós-colonialista. A tentativa de estudar diferenças étnico-raciais, acabam sendo entendidas como diferenças ou nacionais ou religiosas. E tais questões como gênero, classe e racismo ou não entram em consideração ou podem ser vistas como naturais da cultura. Mais um ponto crítico é que na descrição de “cultura” entra a descrição de grupo dominante sem considerar os grupos marginalizados (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010).

A Psicologia Intercultural, Cultural, Cross-Cultural e a Psicologia Étnica

Os fenômenos culturais podem ser considerados a partir de várias abordagens. Porém existem abordagens específicas que principalmente estudam diferentes grupos de imigrantes ou grupos “étnicos” (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010, p. 174). Essas abordagens podem ser denominadas de Psicologia Cross-Cultural, Psicologia Intercultural, Psicologia da Cultura, Psicologia Étnica. As diversas escolas podem ser consideradas como abordagens diferentes ou como as variações da mesma abordagem. Neste trabalho essas escolas são entendidas como da mesma abordagem e os termos utilizados como sinônimos. Em princípio é utilizado o termo Psicologia Intercultural por que no Brasil os autores principalmente utilizam esse termo para considerar os fenômenos interculturais e étnico-raciais. Falando sobre os mesmos fenômenos no capítulo dedicado aos estudos na Rússia, é utilizado o termo Psicologia Étnica. Adiante no capítulo, destacarei os entendimentos desses termos e as críticas dessa abordagem.

A Psicologia Intercultural (Psicologia Cross-Cultural, Psicologia Étnica) é uma área relativamente nova do conhecimento psicológico, formada na intersecção entre Psicologia, Antropologia e Sociologia. A Sociologia e a Antropologia estudam as relações entre a cultura e a sociedade no macro nível, como a sociedade e as instituições sociais. Já a Psicologia Intercultural estuda os fenômenos individuais e interpessoais (com relação à cultura), tais como identidade, atitude, comportamento, gênero, estereótipo e preconceito, entre outras (DEBIAGGI; PAIVA, 2004). A cultura é entendida como “sistema simbólico transmitido de uma geração a outra, modo de vida de uma população que é compartilhado” (DEBIAGGI; PAIVA, 2004, p. 11).

As pesquisas interculturais foram realizadas desde a fundação da Psicologia como ciência. Wundt, por exemplo, escreveu entre 1900 e 1920 uma obra dedicada ao tema, chamada de “Psicologia dos Povos” (Völkerpsychologie). O desenvolvimento da

Psicologia durante o século XX nos Estados Unidos produziu grande conhecimento sobre o comportamento humano. Por motivos práticos a maioria das pesquisas foi realizada com estudantes de faculdades de Psicologia. As normas e os padrões de comportamento foram generalizados para todos os humanos. Entretanto, com o tempo e a contribuição da Psicologia Intercultural, verificou-se que o “padrão normal” para uma cultura pode ser considerado “anormal” para outra (MATSUMOTO, 2003).

O papel da Psicologia Intercultural é revelar os fenômenos universais e particulares do comportamento humano. Entretanto, para esse fim não é suficiente fazer as pesquisas interculturais. Na parte da interpretação dos dados aparece o fenômeno que se chama “etnocentrismo”; as normas da própria cultura parecem certas e melhores do que as normas de outra. Pensar desse modo é normal para a pessoa, mas não é adequado para o cientista, visto que isso pode redundar na confirmação de superioridade da própria cultura.

Como confrontar isso? Campbell (citado por BERRY, 2007) aconselha a fazer a pesquisa por dois autores (que pertencem a culturas diferentes); cada autor tem que examinar o fenômeno em sua cultura e na outra. Assim, é possível diminuir a influência do etnocentrismo (BERRY, 2007).

Os cientistas aceitam que a cultura tem influência no comportamento humano, mas como é esta influência? A cultura determina a conduta ou eles têm vínculos recíprocos? Apesar disso, existem no meio ambiente, fatores ecológicos e biológicos que influenciam no comportamento e que o psicólogo também precisa considerar (BERRY, 2007).

Esta área da psicologia tem ainda mais perguntas do que respostas. Assim, existem muitas definições. Os autores que podem ser considerados principais da área (John W. Berry, Ype H. Poortinga, Marshall H. Segall e Pierre R. Dasen, 2002) preferem usar o termo Psicologia Cross-Cultural (em inglês Cross-Cultural Psychology). Em um livro com o mesmo título os autores falam sobre a diferença entre Psicologia Cross-Cultural, Psicologia Intercultural, Psicologia da Cultura e Psicologia Étnica. Porém, a Psicologia Cross-Cultural inclui todas as outras (da maneira como elas são entendidas pelos autores) e o termo é utilizado como nome-título da área. Vamos introduzir a definição de John Berry, para quem a Cross-Cultural é a ciência que trata das semelhanças e das diferenças psicológicas no funcionamento do indivíduo ou do grupo em várias culturas; sobre a relação de variáveis psicológicas, socioculturais, ecológicas

e biológicas; e sobre as possíveis mudanças nessas variáveis (BERRY, 2007, p. 13).

A Psicologia Cultural é entendida como os estudos sobre como a cultura influencia na vida psíquica. A Psicologia Étnica estuda os grupos étnicos que sobrevivem no mesmo território nacional. A Psicologia Intercultural pode ajudar a Psicologia a se estabelecer como ciência global sobre o ser humano. Existem três orientações que diferenciam os pontos de vista de interpretação dos fenômenos psicológicos: absolutismo, relativismo e universalismo. O absolutismo pressupõe que todos os fenômenos psicológicos são iguais em todas as culturas. O relativismo, pelo contrário, fala que a cultura tem o papel principal na formação dos fenômenos; logo, em cada cultura existem modelos de comportamento e não é possível usar para medida das culturas o mesmo instrumento. Entre as duas orientações está o universalismo, para o qual os fenômenos psicológicos caracterizam todos os seres humanos, mas a cultura influencia na manifestação e no desenvolvimento deles (BERRY, 2007).

De acordo com a teoria, a maioria dos grupos demonstram a constância cultural através do tempo. A cultura é entendida como qualidade fixa que tem manifestações parecidas dentro de um grupo étnico e os modelos culturais são transmitidos de uma geração para a outra. Isto é um ponto crítico para outros autores. Entre os estudos críticos está o construcionismo social, pesquisas feministas e estudos pós-coloniais. Um dos argumentos é que os fenômenos culturais foram considerados fora do contexto político-histórico-social; Chantler (2005) pensa que considerar as desigualdades fora do contexto político “talvez tenha permitido um espaço de discussão das diferenças menos conflituoso, embora isso tenha evitado ou obscurecido as questões-chave das relações de poder” (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010, p.178). Como um exemplo as autoras Burman, Smailes, Chantles (2004) apontam que o “discurso cultural” pode invisibilizar a violência doméstica na medida em que a violência é vista como algo natural que faz parte da cultura (MOUNTAIN; LARA JUNIOR, 2010).

Há uma polêmica entre Psicologia Cultural (e parcialmente, construcionismo social) e Psicologia Cross-Cultural representada nas primeiras partes do primeiro capítulo do livro “Psicologia e Cultura” de David Matsumoto (em inglês “Culture and Psychology”). Sem entrar profundamente na discussão destacarei os pontos principais. Na Psicologia Cultural a cultura é definida como uma variável independente que influencia no comportamento do indivíduo (variável dependente). Na Psicologia Cross-Cultural a cultura e o comportamento tem influência mútua, e uma variável não define

plenamente a outra. Um dos objetivos é a verificação da aplicabilidade universal das teorias e leis psicológicas. A Psicologia Cultural não tem objetivos e leis definidos. O construcionismo social e a Psicologia Cultural são considerados como abordagens relativistas e a Psicologia Cross-Cultural como abordagem universalista. Entre os problemas da Psicologia Cross-Cultural, Matsumoto destacou a dificuldade de transição dos modelos teóricos para os critérios da pesquisa e a explicação de resultados empíricos, além da utilização do conceito “cultura” como fator explicativo. Matsumoto conclui que a “Psicologia Cultural pode compensar as limitações da descrição cultural, que, aparentemente, é um problema inerente da Psicologia Cross-Cultural, entretanto a Psicologia Cross-Cultural pode oferecer a abordagem metodológica mais consequente e confiável para o estudo da cultura e do comportamento humano” (MATSUMOTO; JUANG, 2003, p.38). Entre os autores que representam a Psicologia Cultural destacam-se J. G. Miller, E.E. Boesch, M. Cole; na Psicologia Cross-Cultural temos J. W. Berry, H. C. Triandis, D. Matsumoto (MATSUMOTO; JUANG, 2003).

A Psicologia Intercultural no Brasil

A Psicologia Intercultural no Brasil surgiu a partir de indagações da prática social da profissão. A partir do momento em que o Brasil começou a se tornar independente de Portugal, os cidadãos do novo país precisavam se identificar; para esse fim tinham que responder à pergunta: quem é o brasileiro? A questão foi complicada porque a nação não possuía uma etnia, uma religião ou ancestrais comuns. Recentes migrantes da Europa e do Japão, ex-escravos e ex-senhores, de origens e fenótipos diferentes teriam que moldar uma identidade.

As primeiras pesquisas da Psicologia Intercultural ocorreram nos ramos de outras ciências (porque a Psicologia ainda não estava formada): a Educação e a Medicina. A maior parte dos trabalhos foi dedicada à associação entre características étnico-raciais e tipos de caráter (ou doenças mentais). Pela visão dos cientistas da época o Brasil não constituiu uma nação unida porque tinha como habitantes representantes de diferentes raças. A concepção do médico Raimundo Nina Rodrigues (que produziu tipologias psiquiátricas e criminais) afirmava, seguindo o darwinismo social, que “os seres humanos são desiguais por natureza devido às diferentes aptidões inatas que fazem de uns superiores e outros inferiores” (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012, p.

169). Esta teoria deu origem a muitas concepções racistas e ganhou muitos discípulos. Para os representantes das “raças inferiores” (como negros e indígenas) foram atribuídos doenças psíquicas e mentais, como se eles tivessem propensões inatas a essas doenças (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012).

Na metade do século XX apareceu uma nova visão: a desigualdade racial tem raízes sociais. A primeira Dissertação de Mestrado sobre relações étnico-raciais foi feita em 1945, pela Psicóloga Virginia Leone Bicudo, com o título “Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”. A autora conduziu análise psicológica-sociológica e concluiu que existe preconceito de cor, que se manifesta à medida que o negro ascende socialmente (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012). Continuando a investigar atitudes raciais, ela concluiu a pesquisa sobre relações afetivas (rejeição/aproximação) entre estudantes conforme a cor da pele. Outra pesquisadora, Aniela Ginsberg, realizou um trabalho sobre atitudes raciais dos escolares, analisando as preferências das crianças em relação a bonecas negras e brancas (SANTOS; SCHUCMAN; MARTINS, 2012). Em 1982 ela investigou “atitudes nacionalistas de jovens brasileiros de diferentes origens nacionais, pertencentes a diferentes grupos sociais e étnicos” (DEBIAGGI; PAIVA, 2004). Aniela também realizou outras pesquisas, abordando universalidade e diferenças raciais e culturais.

Nos anos de 1950, Arrigo Leonardo Angelini se interessou pela Psicologia Intercultural e investigou a cultura e a sociedade brasileira aplicando técnicas de avaliação da motivação humana (desenvolvida por McClelland e colaboradores). Em 1979, Paiva publicou o primeiro livro sobre Psicologia Intercultural no Brasil. Depois o interesse sobre esta área diminuiu e voltou a demandar a prática nos anos de 1990, a partir de estudos sobre emigração brasileira (DEBIAGGI; PAIVA, 2004).

Como já falado, a mudança para outro país é motivo para reconsiderar ou começar uma auto-identificação. No país receptor já existem categorias identificadoras, nas quais o migrante precisa se encaixar. O brasileiro que em seu país se identifica como branco ou moreno ou pardo descobre que nos Estados Unidos é “Hispanic” ou “Latino”. A escala de categorização étnico-racial é diferente. Nos Estados Unidos, cor não é uma característica principal para definir a raça, por que este conceito é associado com ancestralidade e cultura. Se a pessoa tem ancestrais negros ela pertence à raça negra e cai na categoria “Black”. O brasileiro que se definia como pardo no Brasil acaba ficando na categoria “Black” nos Estados Unidos. Interessante que 65 dos 200

respondentes brasileiros de uma pesquisa com residentes nos Estados Unidos se declararam brancos. A referência é a cor da pele, o fenótipo. Essa auto-identificação poderia ser uma estratégia da proteção de preconceito contra “Latinos” que existe nos Estados Unidos. Alguns brasileiros não aceitam ser colocados na categoria “Hispanic”, por que “Hispanic” associa-se com língua e cultura espanhola (não portuguesa) (MARTES, 2004).

A classificação de cor-raça não é utilizada nos países europeus. Na Rússia, por exemplo, a categoria cor não aparece nem na vida cotidiana nem nas pesquisas científicas, mesmo que na vida cotidiana exista a categoria “preto”. Nessa categoria entram pessoas com um fenótipo parecido (não “eslavo”), não definido pela cor e de origem do sul da Rússia (ou de países do sul que faziam parte de União Soviética). O termo “preto” tem conotação negativa, não se utiliza no discurso formal. O termo “negro” não é igual a “preto” e pode ser utilizado no discurso formal, mas ultimamente o termo utilizado tem sido afrodescendente, considerado o mais correto. A classificação étnico-racial, utilizada na Rússia, seria de “russos” e “outras etnias”.

A Psicologia Intercultural (Étnica) na Rússia

A área que no Brasil se chama Psicologia Intercultural na Rússia é chamada de Psicologia Étnica [Этнопсихология]. Esse nome foi dado para homenagear a tradição histórica dos estudos etnográficos dos cientistas russos. Adiante, no texto, utilizo esses nomes como sinônimos.

Na Rússia o aparecimento da Psicologia Étnica é associado com a atuação da Sociedade Geográfica Russa e o nome do etnógrafo N.I. Nadejdin [Nadéjdine]. O grupo sob orientação de Nadejdin estudava a “etnografia do psíquico”, ou como se manifestam o caráter e as capacidades intelectuais e morais dos povos que habitaram no Império Russo. A partir de 1847 os membros da Sociedade Geográfica Russa de todas as regiões realizaram observações e descrições dos povos residentes da região e mandaram suas descrições para São Petersburgo, sendo publicados vários relatórios (STEFANENKO, 2004).

A próxima etapa tem a ver com os trabalhos do historiador, filósofo, advogado e membro de Sociedade Geográfica Russa K. D. Kavelin. Ele teve vários trabalhos etnográficos e etnopsicológicos dedicados à cultura e à legislação dos outros povos.

Este autor acreditava que a consciência jurídica é condicionada pelas peculiaridades histórico-culturais de nação. Kavelin elaborou o programa do método “objetivo” para a Psicologia dos Povos. Os produtos culturais de atividade humana (os costumes, o folclore, as crenças e outros) podem ser considerados como “chaves” para o entendimento da Psicologia dos outros povos. Porém o desenvolvimento da sua abordagem não teve continuidade porque na época dos primeiros estudos psicológicos os métodos das ciências naturais predominavam. Estudos de caráter psicológico foram desenvolvidos por vários pensadores e filósofos russos: Chaadaev, Homiakov, Chernyshevsky, Kluchevsky, Soloviov, Berdiaev. O objeto principal desses estudos era a “alma russa” (STEFANENKO, 2004).

Em 1920 o filósofo russo Shpet fundou o gabinete de Psicologia Étnica na Faculdade de Filosofia da Universidade de Moscou. Ele explica as suas visões a respeito dessa área no seu livro “Introdução a Psicologia Étnica”, publicado em 1927. A Psicologia Étnica é uma ciência descritiva: ela descreve as “vivências coletivas típicas”, ou seja, o que esse povo gosta e do que tem medo, entre outras coisas. O cientista não teve possibilidade de desenvolver sua concepção; nos anos de 1930 ele foi enviado para campos correcionais, onde faleceu em 1940. Naquela época a Psicologia Étnica foi proibida na Rússia porque foi associada ao racismo científico. Por exemplo, os materiais de uma expedição científica de 1932 para o Uzbequistão realizada por L. S. Vygotsky e A. S. Luria (que teve como objetivo analisar a experiência sócio-histórica na formação dos processos mentais cognitivos) foram publicados só após 40 anos (STEFANENKO, 2004).

A reabilitação da Psicologia Étnica começou a partir dos anos de 1960, porém só depois dos anos de 1980 apareceram grupos de cientistas dedicados aos estudos interculturais. A partir dos anos de 1980 grupos de origens étnico-raciais diversas já procuravam emancipação política, por considerarem a ordem que existia autoritária e ilegal. Depois do colapso da URSS, essas repúblicas se tornaram estados independentes, e hoje os moradores desses países constituem o principal fluxo migratório para a Rússia (Federação Nacional dos Direitos Humanos, 2007). As contradições e as tensões étnicas silenciadas durante o período soviético incendiaram-se após a queda de URSS. Isto se revela como conflitos reais (conflitos armados entre grupos étnicos) ou como conflitos simbólicos (aumento dos preconceitos).

Na última década o tema da migração foi um dos mais populares nas pesquisas

psicológicas na Rússia. Provavelmente isso acontece por indagação prática e por ausência de pesquisas nas décadas anteriores. O fenômeno mais estudado é a adaptação (e tudo que pode influenciar nela). Por exemplo, na Dissertação “Correlação entre estratégias de adaptação dos migrantes e o seu bem-estar psicológico” Lepshkova baseava-se nas estratégias de adaptação de J. Berry e na escala de bem-estar psicológico de C. Ryff. A amostra foi composta por imigrantes de Kabardino-Balkaria e da Chechênia que atualmente moram em Moscou. O resultado da pesquisa não surpreende: a estratégia de “integração” correlaciona todos os níveis de bem-estar psicológico; quem demonstra o nível mais alto da depressão são os migrantes que sofreram a estratégia de “marginalização” (LEPSHOKOVA, 2011). Em outro trabalho, “Adaptação sociopsicológica dos estudantes migrantes”, foram estudadas formas de adaptação consideradas bem sucedidas. A conclusão do trabalho foi que o sucesso da adaptação influencia a existência das relações de amizade de migrantes com outras pessoas. Para estabelecer essas relações na Universidade foram realizados os treinamentos (dinâmicas do grupo) de tolerância (DONSKIH, 2010). No estudo “Tipo de residência e adaptação sociopsicológica dos migrantes forçados nas novas condições de vida” foram usados questionários e vários testes para avaliar a satisfação de migrantes nas novas condições sociais. A amostra consistiu em 580 imigrantes das ex-repúblicas soviéticas etnicamente russas. Os resultados demonstraram que o sucesso da adaptação social e psicológica dos migrantes depende das condições de vida e do tipo de residência: difuso ou compacto. Um tipo de residência compacta é aquela na qual imigrantes têm uma alta concentração no local; mas isso, por sua vez, impede a integração com moradores locais. O processo de inserção social e psicológica dos migrantes que moram na residência difusa tem caráter mais bem sucedido do que o dos migrantes que moram na compacta (KONSTANTINOV, 2008).

CAPITULO III – DESCRIÇÕES DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS NA RÚSSIA E NO BRASIL

Descrição da e/imigração no Brasil

Pode-se afirmar que o Brasil surgiu como um país de imigrantes. No século XVI foi colonizado por portugueses: então, os seus primeiros imigrantes foram os colonizadores (HIRANO, 2011). O aparecimento da lei que proibiu a escravidão de índios (a primeira lei foi aprovada em 1755 e válida só no Maranhão. A segunda lei, de 1758, foi estendida a todo Brasil) conduziu ao transporte em grande escala de escravos vindos da África. Já no final do século XIX e no início do XX, o Brasil atraiu mais de 05 milhões de imigrantes europeus e japoneses (MEDEIROS, 2007; HIRANO, 2011).

No quadro geral da diversidade migratória no Brasil, no período de 1836 a 1980, os maiores contingentes de imigrantes para o Brasil foram os seguintes:

Gráfico 1 – Número de imigrantes registrados no Brasil no período de 1836 a 1980.

*Número de imigrantes, em milhares.

Fonte: MILESI R., ANDRADE W. C. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2010.

Historicamente os imigrantes não estão uniformemente distribuídos no país. Diferentes estados receberam pessoas de diferentes países. Entre 1953 e 1973 cerca de 60.000 japoneses vieram para o Brasil, a maioria para São Paulo. O projeto de migração japonesa foi apoiado pelo governo japonês e pelo Estado de São Paulo, sendo uma migração de caráter laboral, no setor de agricultura (HIRANO, 2011). No Estado do Rio Grande do Sul a maioria dos imigrantes veio da Europa (são portugueses, alemães e italianos). Hoje essa região tem o segundo maior número de estrangeiros naturalizados

no Brasil (SARRIERA; PIZZINATO; RANGEL, 2005). A maioria dos migrantes europeus do início do século XX (cerca de 1.3 milhão de pessoas) veio para trabalhar na agricultura, especialmente nas lavouras de café. Após a Segunda Guerra Mundial, a imigração árabe se estabeleceu nas regiões de produção da borracha (Norte) e café (Sudeste) (Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2009). No início do século XX um grande número de haitianos foi recrutado para trabalhar na construção de uma estrada de ferro em Porto Velho, no Estado de Rondônia (COTINGUIBA, 2011).

Atualmente, no Brasil, grande parte dos imigrantes provém de países da América Latina. A maioria das pessoas deixam seus países e vêm para o Brasil buscando trabalho e melhor qualidade de vida. Conforme dados da Polícia Federal, de fevereiro de 2008, no Brasil vivem 877.286 imigrantes regularizados. Para o Instituto Migrações e Direitos Humanos da Universidade de Brasília trata-se de aproximadamente 1 milhão de pessoas de diversas nacionalidades (MILESI; ANDRADE, 2010). Entre elas:

Gráfico 2 – Proporção de imigrantes regularizados.

***Valores em porcentagem.**

Fonte: MILESI R., ANDRADE W. C. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2010.

Estes dados referem-se aos imigrantes documentados e não incluem migração irregular. Para diminuir o número de migrantes sem documentos no país o Brasil realiza anistias; anistia é uma regularização temporariamente limitada, quando o migrante irregular pode requerer residência provisória sem penalidades. Após a anistia de 2009, mais de 45 mil estrangeiros foram regularizados, entre os quais:

Gráfico 3 - Proporção dos imigrantes regularizados depois de anistia

***Valores arredondados em milhares.**

Fonte: MILESI R., ANDRADE W. C. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2010.

O Brasil, e especialmente São Paulo, recebe grande quantidade de migrantes para trabalhar. Desde a crise econômica na Europa, em 2008, cresceu o número de trabalhadores europeus em São Paulo. Mídias brasileiras procuram analisar quem são essas pessoas e por que vem trabalhar em São Paulo. Segundo reportagem da “Folha de São Paulo” (2012), desde 2008 o número de estrangeiros com carteira assinada aumentou 60% e a metade vive na capital paulista. A maioria dos europeus, que vieram para o país por causa da crise, são portugueses, espanhóis e italianos. O imigrante europeu é avaliado como bem-qualificado e recebe um contrato com uma empresa. Mas, imigrantes da América do Sul vêm para o Brasil sem a mesma avaliação e acabam trabalhando ilegalmente e sem benefícios trabalhistas (tais como seguro saúde, auxílio alimentação). Há imigrantes que chegam com vistos de turista e trabalham ilegalmente, já que para trabalhar legalmente o imigrante precisa mobilizar muitos recursos (como tempo, deslocamento, pagamento de taxas, entre outros) (BONI; GENESTRETI, 2012).

O Estado brasileiro tem três formas diferentes para lidar com a gestão das fronteiras: acordos multilaterais amplos como o MERCOSUL, acordos bilaterais e políticas locais, dirigidas para cidades das fronteiras (por exemplo, a regulamentação de posse da terra para estrangeiros nas cidades-fronteiriças). Os países do MERCOSUL (O Mercado Comum do Sul – bloco econômico incluindo Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela como membros plenos e Chile, Bolívia, Peru, Colômbia e Equador como membros associados) têm livre circulação de migrantes entre si. Pessoas

provenientes dos países do MERCOSUL, ou provenientes da Bolívia e do Chile, podem ficar e trabalhar no Brasil por dois anos com status provisório, através do Acordo de Residência do MERCOSUL, e depois disso solicitar status de permanente (REIS, 2011).

Historicamente, o Brasil teve programas de recepção de migrantes que permanecem até hoje. Por exemplo: para atrair os camponeses europeus ao setor de agricultura no sul do país, o governo brasileiro iniciou uma grande propaganda imigratória no ano de 1890, oferecendo a terra fecunda em uma propriedade e cobrindo os custos de viagem desde os portos europeus até o local no Brasil (OLIVEIR, s/data).

A política do governo brasileiro enfatiza que o país está aberto para receber migrantes. Mas aqui eles têm que se transformar em “brasileiros”. O problema é que isso não ocorre automaticamente. Não fica nítido o que é ser brasileiro. Isso não é igual a morar no Brasil, ter documentos (SARRIERA; PIZZINATO; RANGEL, 2005).

O grande fluxo de emigração brasileira se deu a partir dos anos 1980. As dificuldades da situação econômico-social no país fizeram com que milhões de brasileiros partissem buscando empregos e condições melhores de vida. O quadro abaixo mostra o número estimado de brasileiros no exterior (dados de janeiro de 2009):

Tabela 1 - Número estimado de brasileiros residentes no exterior

América do Norte	América Central	América do Sul
Estados Unidos 1.280.000	Cuba 1.000	<u>Paraguai</u> 300.000
Canadá 26.300	Panamá 811	Argentina 49.500
México 18.800	Rep. Dominicana 750	Venezuela 48.000
	Honduras 500	Urugai 32.200
		Bolívia 23.800
		Suriname 20.000
		Guiana Francesa 19.000
		Chile 9.200
África	Ásia (e Oriente Médio)	Europa
Angola 30.000	<u>Japão</u> 280.000	<u>Reino Unido</u> 180.000
Moçambique 2.700	Israel 20.000	Portugal 137.600
África do Sul 1.160	China 5.700	Espanha 125.000
Egito 362	Líbano 5.000	Alemanha 89.000
Cabo Verde 350	Síria 2.480	Itália 70.000
	Jordânia 1.300	França 60.000
	Emirados Árabes 1.200	Suíça 57.500
	Índia 704	Bélgica 42.000
	Singapura 640	Holanda 17.600
		Irlanda 15.000
Oceania		
Austrália 18.400		
Nova Zelândia 4.100		

*Números de emigrantes brasileiros, em milhares.

Fonte: MILESI R., ANDRADE W. C. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2010.

A crise econômica de 2008, que começou nos Estados Unidos após a falência de bancos (por causa de créditos de hipoteca não reembolsados) e afetou outras economias mundiais (especialmente países de União Europeia), provocou muitos desempregos (ForexAM.com, 2014). Evidentemente, os primeiros afetados pelo desemprego nos países em crise foram os imigrantes. Por conta disso, grande número de brasileiros retornou para o Brasil. Por exemplo, em 2009 cerca de 59.715 brasileiros voltaram do Japão. No período de 2002 a 2008, mais de 37.000 brasileiros foram deportados de diferentes países, especialmente dos Estados Unidos (MILESI; ANDRADE, 2010).

Na entrevista para a BBC Brasil, a antropóloga norte-americana Maxine Margolis, que estuda os brasileiros que viviam nos Estados Unidos a partir de anos 1990, disse que “acho que acima de 90% dos brasileiros chegaram aqui, na Europa e no Japão com a ideia de voltar depois de três, quatro anos. Aqui, a grande maioria diz que os EUA são lugar para trabalhar, e o Brasil é lugar para morar” (CORREA, 2013, sem p.). Ela caracteriza a comunidade brasileira no exterior como “invisível”. Essa invisibilidade acontece por “ignorância” com relação aos brasileiros nos Estados Unidos (os brasileiros são vistos como hispânicos) e por que os imigrantes brasileiros não se organizam em grupo (como eles pensam em voltar, não há necessidade de se organizar) (CORREA, 2013).

Descrição da e/imigração na Rússia

A história de formação da Rússia é um tema longo e complicado. Impossível distinguir de onde tem que começar a história. Falarei brevemente sobre o período pré-imperial. Nos séculos VII até XI se forma a organização pré-feudal e o território é dividido em principados. Um principado consistia de um cidade e arredor; a cidade era formada por alianças tribais e possuía funções sociais importantes (a principal formação das cidades ocorre entre os séculos VII e IX. A cidade era o centro político, comercial, de artesanato, de culto religioso e de defesa militar. A transmissão de posse da terra era de irmão para irmão, ou de pai para filho. Um principado poderia ser dividido entre filhos do príncipe. Entre os principados havia guerras locais constantes. Por tempo prolongado os principados formam uma união sob dominação do principado Kiev (a união não se deu de forma voluntária; os principados pagaram tributo). Nos séculos X a II ocorre a conversão dos principados russos pagãos ao cristianismo, com exceção de

Kiev a conversão foi forçada. Os historiadores defendem que os príncipes de Kiev realizaram a conversão para uma religião monoteísta, para unir o território e fortalecer seu poder (FROYANOVA, 1998).

Do século XIII até XIV a Rússia estava sob o jugo mongol, os principados deveriam pagar tributo para câ (em outros variantes: khan, kan) mongol; ocorrem várias guerras locais e tentativas de livrar-se deste jugo. No século XV a Rússia se livra totalmente da posse mongol e começa a unificação das terras russas sob o governo de Moscou. O principado de Moscou teve força militar maior e outros principados influentes (como Tver ou Novgorod) perderam sua independência (FROYANOVA, 1998). É interessante notar que a maioria dos ex-principados hoje em dia são cidades da Rússia e possuem o mesmo nome. A partir dos séculos XV e XVI surge o absolutismo, o príncipe é chamado de czar, a posse da terra é transmitida pela dinastia e Moscou passa a ser capital da Rússia. A partir de século XVIII a força bélica da Rússia cresce, ela participa ativamente das guerras com países-vizinhos e aumenta seu tamanho, tornando-se um império (FROYANOVA, 1998).

Alguns historiadores e sociólogos russos falam que a formação da Rússia não está ligada à história da colonização (Federação Nacional dos Direitos Humanos, 2007). Pode-se encontrar os trabalhos que utilizam o termo “colonização” falando da formação do Império Russo. De qualquer forma, as regiões que podem ser considerados como colonizadas seriam o Oriente Extremo e a parte Sul. Uma das diferenças da colonização europeia para a colonização russa é que entre os territórios não teve uma fronteira exata (que no caso da colonização europeia seria o mar). Assim, entre os povos já havia ocorrido contatos, guerras locais e comércio.

A anexação ativa das terras de Oriente Extremo começa em século XVII. Essa região atraía muito autoridades russas e comerciantes pela riqueza de recursos naturais (ALEKSEEV, 1982). Não há consenso sobre entendimento da forma de anexação dos territórios. Muitos historiadores falam que a anexação dos territórios acontecia de forma pacífica, casos em que líderes locais pediam a proteção de coroa russa. No Oriente Extremo moravam vários povos com línguas diferentes, em geral eles tinham uma organização tribal. O Império Russo garantia proteção militar em troca de territórios e recursos. Os povos anexados não perderam sua liberdade, podiam manter seus costumes, religiões. Na região de Sibéria e Oriente Extremo não houve servidão, assim era uma região atraente para comércio e para servos fugidos (ALEKSEEV, 1982).

Outros historiadores chamam atenção que antes de colonização oficial essa parte já estava sob dominação da Rússia. A região da Sibéria também estava sob jugo mongol, quando o Canato mongol enfraqueceu, entre os séculos XV e XVI, esse território era um Canato Siberiano. Algumas fontes falam que esse Canato pagava o tributo para czar de Moscou. No final do século XVI teve uma guerra prolongada entre Canato Siberiano e Estado Russo com anexação dos territórios (BUROVSKY; VERKHOTUROV, 2010). É possível que alguns historiadores tenham considerado a colonização da Sibéria pacífica por que lá não teve movimentos em massa com finalidade de separação e independência do Estado Russo.

A anexação do Cáucaso ocorreu num cenário diferente. Depois das guerras com Irã (1804-1813) e Turquia (1806-1812), o Império Russo incluiu no seu território Geórgia, Armênia (leste) e Azerbaijão (parte norte). O Cáucaso foi considerado como ponto estratégico importante. A ofensiva principal do exército russo começa no ano 1816 (depois de guerra com Napoleão). A coroa russa esperava uma guerra rápida, mas encontrou forte resistência dos povos caucasianos. A guerra acabou só em 1864, nesse tempo na região de Chechênia e Daguestão houve uma formação estadual que conseguiu por um tempo contar as forças de Império Russo. Depois de dissociação da União Soviética entretanto essa região novamente passa a sofrer guerras (BOBKOVA, s/data).

Os processos migratórios na Rússia sempre tiveram papel socioeconômico e político importante. Os processos migratórios a partir de século XVIII podem ser divididos em três grandes períodos: pré-revolucionário (século XVIII – 1917); período soviético (1917 – 1991) e moderno (desde 1992). No período pré-revolucionário o povoamento de russos da Sibéria desempenhou um papel crucial. Tendo em vista a carência de terra no território central do Império Russo, o governo incentivava a se deslocarem à região siberiana (os camponeses recebiam a terra e poderiam trabalhar nela para si). A terra também foi transferida para os empresários, para a extração dos recursos minerais. Depois da abolição dos servos (os servos foram camponeses que moraram e trabalhar nos latifúndios dos aristocratas) de 1861 os camponeses (da região central da Rússia) receberam terras no modelo de propriedade privada, porém em pouca quantidade. Muitos camponeses se manifestaram contra a reforma. O governo tomou várias medidas, inclusive aumentar o fluxo migratório de camponeses para a Sibéria e lhes doar terras (SCHUPLINKOV; SCHUPLINKOV, 2013; ALEKSEEV, 1982). Há

dados que o primeiro povoamento no século XVI na Sibéria foi constituído por transferências forçadas de camponeses e por pessoas exiladas (BUROVSKY; VERKHOTUROV, 2010). O investigador A.G. Korovin (1923) divide a migração para o Oriente Extremo russo em dois períodos: antes de 1862 – migração forçada (a coroa russa procurava descolar para o Oriente os cossacos e os soldados, para fins de manter e estender a fronteira russa), e depois de 1862 – migração voluntária. Entre migrantes voluntários além de camponeses russos, havia coreanos e chineses (embora não haja números exatos sobre essas populações) (SCHUPLINKOV; SCHUPLINKOV, 2013).

O Oriente Extremo sempre teve baixa densidade populacional. Entre as explicações estariam as condições climáticas desfavoráveis, a existência de colônias penitenciárias e o baixo desenvolvimento de infraestrutura. Por causa de ausência das estradas muitos camponeses foram incapazes de chegar até os seus terrenos e acabavam voltando para o local de origem (SCHUPLINKOV; SCHUPLINKOV, 2013).

No início do século XX a migração interna foi definida por processos de urbanização e industrialização. A cidade oferecia trabalho e condições sociais melhores do que o campo. Durante a Segunda Guerra Mundial teve evacuação de indústrias e população para parte leste do país. No tempo do pós-guerra a migração foi relacionada com as grandes construções de rodovias nas regiões norte e nordeste, usinas hidrelétricas e outras. Teve muitos campos e assentamentos de exilados (reprimidos) onde as pessoas tiveram que participar da extração de recursos minerais (o trabalho não era remunerado). O último grande deslocamento foi na década de 1950 para o “desbravamento das terras virgens” do Cazaquistão e da Sibéria Ocidental que significava a industrialização de agricultura. A urbanização estava seguindo adiante e nos anos 1960 quase metade da população morava nas cidades (ZAYONCHKOVSKAYA, s/data; novrosen.ru, s/data).

A União Soviética foi dividida em repúblicas, que tinham alguma autonomia na governança local. Após o colapso da URSS essas repúblicas se tornaram estados independentes, e hoje os moradores desses países constituem o principal fluxo migratório para a Rússia. A primeira etapa do período pós-soviético (a partir dos anos 1990) tem relação direta com a dissociação da União Soviética e teve caráter de repatriação. Muitas pessoas que se identificaram como russos tiveram que sair das ex-repúblicas da União Soviética devido aos conflitos armados. No período entre 1990 e 1998 mais da metade dos russos saíram de Armênia e Tajiquistão e mais de 40% do

Azerbaijão e Geórgia. Além disso, um em cada quatro pessoas deixaram o Quirguistão, Uzbequistão e Turcomenistão e cerca de 13-14% saíram dos países bálticos. Esse tipo de migração prevaleceu, e houve a diminuição da migração para estudo, trabalho e serviço militar que normalmente prevalece no período de estabilidade no país (ZAYONCHKOVSKEYA, s/data; ZAYONCHKOVSKEYA, 2013).

No que se refere a regularização da migração após a dissolução da União Soviética, em meados de 1992 foi criado o Serviço Federal de Migração e no ano 1992 a Federação Russa concluiu junto com países ex-estados soviéticos a união CEI (União/ Comunidade/Amizade dos Estados Independentes) para regularizar questões político-econômicas. Em 1992 foi assinado o acordo sobre circulação livre (sem vistos) entre países membros. Em 2000 a Federação da Rússia se retirou desse acordo e agora a ordem de circulação entre países é regulada por convênios recíprocos entre cada país. Atualmente, o regime sem vistos e com o direito de trabalhar na Rússia ocorre apenas com cidadãos dos seguintes países: Azerbaijão, Arménia, Bielorrússia, Moldávia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Uzbequistão e Ucrânia (MUHATAEV, 2013; ZAYONCHKOVSKEYA, 2013).

Também no ano 1992 a Rússia aderiu à Convenção da ONU sobre o estatuto dos refugiados e ao Protocolo de 1951 e aprovou as leis sobre refugiados e migração forçada. O país recebeu 1,8 mil pessoas com estatuto oficial de imigrantes refugiados (ZAYONCHKOVSKEYA, 2013).

Para apresentar melhor as fronteiras da Federação da Rússia e da União Soviética, apresento a seguir dois mapas:

Figura 2 - Mapa da União Soviética, fronteira até ano 1991

Figura 3 - Mapa da Rússia, fronteiras para ano 1999

As tendências de migração interna mudaram radicalmente nos últimos vinte anos. A direção da migração mudou ao seu oposto; se antes (durante o período do Império Russo e ainda na União Soviética) era de centro e sul para norte e leste, a partir desse momento as pessoas passaram a migrar para centro e oeste). Pela primeira vez desde a formação do Império Russo o país começou a perder significativa a população no Extremo Leste. Essa tendência continua até hoje. Nos anos 1990 a abertura de fronteiras, a legalização de negociações e a situação econômica difícil dentro do país favoreceram o aparecimento de pequenos negociantes que viajaram frequentemente para o exterior para comprar bens e revendê-los na Rússia. O fenômeno divulgado na época ganhou o nome de “migração de lançadeira” e não é comum hoje (os negócios de algumas pessoas cresceram e elas transportam bens de outra maneira, enquanto outros saíram do mercado) (ZAYONCHKOVSKAYA, 2013).

Nos anos 2000 a Rússia já passava da primeira etapa de transformação pós-soviética. A economia estabeleceu-se e começou a crescer, e ao mesmo tempo houve declínio natural da população ativa, o que gerou a demanda pela força de trabalho. A força de trabalho vem principalmente de ex-repúblicas soviéticas, onde há alto desemprego e declínio econômico. De acordo com dados oficiais, a porcentagem de trabalhadores estrangeiros na Rússia em 2009 consistia em 3,1% dos empregos no total. Como a maioria dos imigrantes tem trabalho irregular, estes dados não representam bem o quadro; vários intelectuais falam que a porcentagem de estrangeiros empregados varia de 8% até 10 % do total. Esse número é comparável ao da proporção de migrantes empregados em países como Alemanha, Inglaterra, Itália. As políticas migratórias de 2000 foram direcionadas em princípio na busca de instrumentos jurídicos e legais que regulariam a migração de trabalho. As pesquisas sociológicas mostram que entre 16% e 25 % (de 01 até 04 mil pessoas) dos imigrantes ilegais de fato moram na Rússia permanentemente, mas não estão incluídos na contagem oficial. Se este número for considerado, pode ser concluído que na década de 2000 a imigração não declinou. (ZAYONCHKOVSKAYA, 2013).

O gráfico abaixo mostra o crescimento migratório da Rússia com intercâmbio dos outros países de 2001 até 2005:

Gráfico 4 – Proporções de aumento de fluxo migratório da Rússia com intercâmbio dos outros países

***Valores em porcentagem.**

(Fonte: ZAYONCHKOVSAYA, 2013)

De 2000 a 2011 as regras de registro dos migrantes foram alteradas várias vezes, e a facilitação das regras ajudaram a fazer uma contagem mais real. Atualmente, o maior doador migratório para Rússia é a Ásia Central, que é responsável por quase 40% do fluxo. Diminuiu de forma significativa o papel do Cazaquistão, que liderou durante muito tempo o posto de principal emissor de pessoas. A contribuição dos países transcaucasianos se manteve durante essa década. A mesma coisa pode-se dizer sobre a Ucrânia. Falando em composição étnica, de 1992 até 2007 dois terços dos recém-chegados chegaram na Rússia vieram da Ucrânia. A maioria dos casos foi de repatriação. A partir de século XX a tendência de “volta” dos russos declinou, enquanto aumentou a parcela dos povos transasiáticos. Na década de 2000 aumentou a quantidade dos migrantes sem formação ou com formação básica. Em 2010 foram aceitas algumas regras para atrair migrantes bem-qualificados (como a facilitação da regularização de documentos). De acordo com estatísticas, foram atraídos 47.100 especialistas. A maioria deles veio da Alemanha – 10%, do Reino Unido – 7,9%, dos Estados Unidos - 7,4%, e da França, da Turquia e da China, cada um com 4-5%. Dois terços dos especialistas são gerentes de gestão. Essa prática foi divulgada principalmente em Moscou, onde 86%

dos especialistas trabalham (ZAYONCHKOVSKEYA, 2013).

Devido ao fato da migração não suprir a falta de mão de obra, A Rússia atrai pessoas de outros países, especialmente de países em desenvolvimento que acabam recebendo postos de trabalho e posições sociais mais baixas (ZAYONCHKOVSKEYA, 2013). Este é um fenômeno típico em situações de migração, mas agravado no caso da Rússia por empregadores que se aproveitam do fato dos emigrantes não conhecerem bem as leis locais e seus direitos, para não pagar o salário deles (ou pagar uma remuneração menor) e não oferecer condições suficientes de trabalho. As leis da Rússia também não contribuem para melhorar a situação com os emigrantes. Empresas que contratam emigrantes legalmente precisam pagar altas taxas e fazer muitos documentos em um curto prazo de tempo. Deste modo, contratar legalmente não é rentável. Assim, a Rússia ocupa atualmente o terceiro lugar entre os países com migração irregular (Comitê de Ajuda Internacional a Migrantes, 2013).

A migração irregular dos anos 1990 foi associada ao tráfico de drogas e ao contrabando. Para combater esses crimes o país fez leis de controle de fluxo de pessoas nas fronteiras. Essas leis acabaram tendo efeito contrário, aumentando a migração ilegal. Em meados de década de 2000 menos de 15 % dos migrantes trabalhavam legalmente. Em 2007 o estado passou a facilitar a regularização dos migrantes. Por exemplo, atualmente o próprio migrante recebe licença de trabalho; antes o cartão de trabalho era recebido pelo empregador. Segundo dados de uma enquete, 75% de imigrantes fizeram esse cartão. Portanto, nem todos os empregadores foram preparados para aceitar trabalhadores legalmente. Segundo a mesma enquete, só um em cada três migrantes conseguiu ser empregado oficialmente (ZAYONCHKOVSKEYA, 2013).

Por causa da crise econômica de 2008-2009 o país não terminou as reformas de liberalização da regularização migratória. Para acalmar a onda xenofóbica que começou depois de alto desemprego dentro no país, o governo endureceu as regras de emprego dos imigrantes (a imigração como assunto de discussão e da crítica constantemente aparece nas discussões políticas-sociais, especialmente em Moscou). Por exemplo, diminuiu cotas para estrangeiros e fez a lista de profissões nas quais só os cidadãos da Rússia podem ser aceitos. Apesar disso, o impacto real da crise econômica na migração do trabalho foi menor do que esperado. Em 2010 a quantidade de imigrantes de trabalho diminuiu entre 15 e 20% e o nível de desemprego entre imigrantes quase não mudou (ZAYONCHKOVSKEYA, 2013).

Para se ter ideia da situação apresento dados recentes do Serviço Federal de Migração, de quatro de agosto de 2014, sobre cidadãos estrangeiros no território da Federação Russa. No diagrama estão incluídos os primeiros doze países. A quantidade de cidadãos desses países registrados na Rússia nesse ano ultrapassou 0,2 milhões.

Gráfico 5 – Proporções de estrangeiros no território da Federação Russa

* Valores arredondados em milhares.

(Fonte: Serviço Federal de Migração, 2014)

Antes de considerar a emigração russa moderna, vale a pena fazer uma digressão histórica. A emigração russa dos últimos dois séculos pode ser dividida em cinco períodos. O primeiro período pode ser contado a partir da revolução de 1917 e da guerra civil. Cerca de 1,16 milhões de pessoas deixaram o país. Essa onda de emigração influenciou a história mundial. Representantes da elite deixaram o país: escritores, filósofos, cientistas, músicos, pintores e outros que conseguiram se estabelecer no exterior. Eles eram patriotas: não queriam deixar o país, esperavam voltar depois da guerra civil e continuaram a manter a sua cultura fora do país, influenciando os ambientes onde se instalaram. A segunda onda de emigração se deu durante e depois da Segunda Guerra Mundial. A maioria não pertencia à elite, eram “pessoas simples” (camponeses e soldados) de territórios ocupados por fascistas, prisioneiros, colaboracionistas ou trabalhadores forçados. A maioria destes emigrantes russos, depois de final da guerra, ficou no território não soviético e não voltaram mais. O motivo geral

era medo, pois em 1935 a URSS aceitou a lei pela qual a fuga através da fronteira e o não regresso do exterior eram considerados como uma traição punível com a morte. Além disso, os membros da família do desertor recebiam 10 anos em campos correcionais. Essa lei existiu até 1958. Os emigrantes desse período procuraram não se manifestar no exterior (KRECHETNIKOV, 2012).

Nos anos de 1970 a União Soviética liberou um pouco a saída do país, permitindo que pessoas de algumas nacionalidades (judeus, alemães, gregos e outros) deixassem o país para reunificação familiar (com parentes que morassem no exterior). De 1970 até 1990 a oportunidade foi usada por 576 mil pessoas. A quarta onda de emigração se deu depois da queda de URSS, nos anos 1990. A emigração teve caráter laboral. Por causa da situação econômica, que se complicou na Rússia, os migrantes passaram a aceitar qualquer tipo de trabalho nos países ocidentais. Se antes os refugiados da União Soviética eram vistos como vítimas do regime totalitário (e recebiam vários benefícios na Europa ou nos Estados Unidos), agora começaram a ser vistos como migrantes pouco qualificados (KRECHETNIKOV, 2012). A adaptação desses migrantes foi difícil porque a maioria não sabia nenhuma língua estrangeira e desenvolveu representações ilusórias sobre a vida nos países ocidentais. No período entre 1992 e 1999, 805 mil pessoas mudaram para os Estados Unidos, Canadá, Israel, Alemanha e Finlândia (KRECHETNIKOV, 2012).

Nos anos 2000 a quantidade da emigração caiu pela metade, e, portanto mudou a qualidade. De 218 mil pessoas que deixaram o país no período de 2004 até 2008 e foram morar na Europa, na América do Norte e na Austrália, 18 mil têm empregos com altos salários em grandes empresas e 24 mil trabalham em ciência e alta tecnologia. Emigrantes modernos conseguem concorrer com sucesso no exterior e muitos deles estudam fora do país. O motivo de emigração para a maioria não tem a ver com sobrevivência; provavelmente se trata da auto realização profissional e ampliação da qualidade de vida (KRECHETNIKOV, 2012).

CAPÍTULO IV – MÉTODO

Para a pesquisa foi utilizado o método qualitativo descritivo, com entrevista semi-aberta, abordando os seguintes temas: formação do psicólogo; conhecimentos dos processos de adaptação cultural e psicológica; percepções sobre migração e migrantes; como os psicólogos lidam com questões interculturais e étnico-raciais nos serviços de imigração nos quais trabalham. Além disso, também houve visita e observação em serviços de migração em São Paulo e Moscou.

No início do projeto foi planejado realizar as entrevistas individuais e em grupos (grupos focais). Porém, por causa de impossibilidade de encontrar psicólogos em Moscou que atuam em serviços de migração, a realização dos grupos focais foi descartada. Foram entrevistados individualmente então 07 psicólogos, sendo 04 do Brasil e 03 da Rússia. Eles foram recrutados em serviços de orientação de migrantes que funcionam na cidade de São Paulo, no Brasil, e na cidade de Moscou, na Rússia. Os psicólogos foram convidados para participar de uma entrevista individual onde respondiam a um questionário de aproximadamente 50 minutos (anexo III). Após a realização das entrevistas e a transcrição do material foi feita uma análise de conteúdo focalizando a atuação dos psicólogos dos dois países nos serviços de migração, com ênfase em como lidam com o tema das relações interculturais e étnico-raciais e suas implicações para o atendimento. Em seguida foi feita uma comparação entre os conteúdos obtidos de modo a caracterizar os principais pontos de convergência e divergência do trabalho de psicólogos brasileiros e russos.

Etapas da análise de dados:

1. Organização dos dados dos entrevistados: definição de siglas de identificação, data e local de entrevista e tempo de duração do encontro.
2. Transcrição das entrevistas: reprodução de todo o material gravado e resumo do conteúdo de cada entrevista.
3. Análise do conteúdo: distinção dos aspectos semelhantes e divergentes entre os respondentes, comparação das respostas entre os psicólogos do mesmo país e entre os psicólogos de Brasil e Rússia.
4. Elaboração das conclusões: descrições da atuação do psicólogo nos serviços de migração e de como lidam com o tema das relações interculturais e étnico-raciais e análise à luz da literatura científica sobre psicologia

intercultural.

5. Lições aprendidas: reflexão sobre os pontos fortes e frágeis do estudo, os principais achados da pesquisa e recomendações para os psicólogos que atuam nos serviços de migração.

Aspectos éticos

Para a entrevista foram convidados a participar voluntariamente psicólogos que trabalham nos serviços de orientação a migrantes. A entrevista foi conduzida após a assinatura em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado no Anexo II. A primeira foi entregue ao participante e a segunda arquivada.

As entrevistas foram gravadas em áudio, e o material transcrito. Foram garantidos aos participantes o anonimato e a confidencialidade dos dados da entrevista. Também foi garantido aos participantes a liberdade de não responderem perguntas da entrevista e de interromperem ou abandonarem essa atividade quando quisessem. A eventual apresentação dos dados em eventos científicos preservará sua identidade. O anonimato e a confidencialidade também serão garantidos caso trechos da fala dos mesmos sejam utilizados na publicação dos resultados.

A participação no estudo oferece risco mínimo e nenhuma vantagem financeira ao participante. Do ponto de vista dos benefícios indiretos do projeto destacam-se os possíveis ganhos acadêmicos e científicos para a psicologia, enquanto ciência e profissão, derivados da investigação de tema atual e relevante no mundo contemporâneo: a migração. Investigar a atuação do psicólogo junto aos serviços de migração pode contribuir para a construção de conhecimento e a formação de profissionais mais qualificados.

A pesquisa foi submetida e aprovada junto ao Comitê de Ética de Pesquisa do Instituto de Psicologia da USP.

CAPITULO V – PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO

Breve apresentação da História da Psicologia no Brasil

A Psicologia no Brasil surgiu dentro de outras áreas do conhecimento já no início do século XIX. Os primeiros trabalhos psicológicos apareceram na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. Os processos psicológicos foram analisados em relações com a fisiologia e a neurologia. No seu início, a Psicologia brasileira teve grande influência da Psicologia europeia. Manuel Inácio de Figueiredo Jaime, em 1836, defendeu sua tese “Paixões e Afetos da Alma”, que refere-se ao trabalho de René Descartes. Em 1876, inspirado nos trabalhos de fisiólogo russo I. M. Sechenov (sobre quem vou falar detalhadamente adiante), Guedes Cabral defendeu uma tese sob o título “Funções de Cérebro” (LISBOA; BARBOSA; GONÇALES, 2009).

Os estudos feitos no primeiro Laboratório de Psicologia Experimental (fundado na Alemanha em 1879 por Wundt) também influenciaram os psicólogos brasileiros: José Estelita Tapajós defendeu a tese “Psicofisiologia da Percepção e das Representações” (1890); Veríssimo de Castro defendeu o trabalho “Das Emoções”. Entre outros trabalhos há o primeiro estudo da Psicologia Clínica, “Estudo Psicoclínico da Afasia” (1891), de Odilon Goulart, e o estudo sobre memória e personalidade de Alberto Seabra (“A Memória e a Personalidade”, de 1894). O início de aplicação dos testes (provas de Binet-Simon) foi promovido por Henrique Roxo; ele também organizou, na cátedra de Psiquiatria, o laboratório da Psicologia Experimental. A primeira obra sistemática dedicada à Psicologia foi escrita em 1851 por Francisco Tavares da Cunha, sob o título “Psicofisiologia acerca do Homem” (LISBOA; BARBOSA; GONÇALES, 2009).

O interesse acadêmico pelos métodos e pelas técnicas de Psicologia favoreceu o surgimento de vários laboratórios de Psicologia e clínicas psiquiátricas. Em 1922 foi criada a Liga Brasileira de Higiene Mental, que era responsável pela promoção das “Jornadas Brasileiras de Psicologia” (SOARES, 2010). Alguns autores consideram o início da Psicologia no Brasil como ciência autônoma a partir de 1923, quando surgiu o laboratório de Psicologia Experimental dirigido por Wacław Radecki. O laboratório era um centro de pesquisas psicológicas e de profissionalização dos psicólogos. Desse modo, em 1932 o laboratório se transformou em Instituto de Psicologia, incluindo núcleo de pesquisas em psicologia geral, individual, coletiva e aplicada; e em Centro de

aplicação e em uma Escola Superior de Psicologia. Infelizmente, o Instituto não chegou a formar os profissionais da área; por falta de orçamento e pressão social (por parte de grupos religiosos e médicos) o Instituto de Psicologia foi fechado depois de sete meses (JACÓ-VILELA; FERREIRA ESCH, 2012).

Na faculdade de Direito de São Paulo, a Psicologia era tratada como ciência sobre o ser humano, mas nas escolas de formação religiosa aparecia como área de conhecimento prático sobre comportamento humano moral.

Depois da Reforma Benjamin Constant, realizada em 1890, a Psicologia foi incorporada dentro do currículo das escolas normais, e em 1893 se tornou disciplina obrigatória na Escola Normal de São Paulo. As “escolas normais” eram instituições criadas no Brasil na segunda metade do século XIX para formar docentes a partir de uma metodologia científica de ensino, inspirada nos modelos europeus e norte-americanos. No Rio de Janeiro a Escola Normal foi transformada por Anísio Teixeira no Instituto de Educação (dirigido por Lourenço Filho), onde foram ministradas as disciplinas de Psicologia. Dentro do Instituto Pedagogium, em 1906, foi criado o laboratório de Psicologia Experimental que, sob direção de Manoel Bomfim, funcionou por mais de 15 anos e gerou um grande número de pesquisas na área (LISBOA; BARBOSA; GONÇALES, 2009).

Pela primeira vez a Psicologia foi inserida como curso obrigatório de ensino superior na Universidade de São Paulo, fundada em 1934; inicialmente o curso esteve na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. E com o tempo outras universidades incluíram o curso de Psicologia em suas grades. Nesse momento, a formação do psicólogo era complementar as outras áreas (LISBOA; BARBOSA; GONÇALES, 2009). Como o país estava no processo de industrialização, surgiu a demanda prática de aprimoramento das aptidões dos profissionais e de seleção destes. Em 1947 foi fundado por Mira y López o Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas. O Instituto trabalhava com psicotécnica. Os psicotécnicos procuraram oficializar a prática profissional e em 1953 surgiu o primeiro curso autônomo de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro (JACÓ-VILELA; FERREIRA ESCH, 2012).

Respondendo à necessidade de definir as normas de cursos profissionalizantes, a Associação Brasileira de Psicotécnica e o Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas elaboraram uma proposta para o curso de ensino superior:

Pela proposta, o curso compreenderia três anos de Bacharelado, responsáveis pelo embasamento teórico — fundamentos da Psicologia e de áreas afins (Biologia, Sociologia, Estatística...) — e dois anos de Licenciatura, nos quais se obteria uma formação técnica especializada, fundamentalmente prática, conforme a tradição das instituições idealizadoras, a ser realizada em uma das três seguintes áreas: psicotécnica da educação, do trabalho ou do ajustamento clínico (JACÓ-VILELA; FERREIRA ESCH, 2012, p. 6-7).

A discussão da época diz respeito a se o psicólogo precisava de formação especial para atuar em cada área ou essa formação deveria ser multiprofissional. O anteprojeto de 1957 do Conselho Nacional de Educação postulava que o curso de Psicologia precisava ocorrer por três anos para o Bacharelado e dois anos para Licenciatura na Faculdade de Filosofia. Aliás, o projeto não autorizava a atuação do psicólogo na área clínica, pois esse quesito não foi aprovado. O novo projeto tratava da formação em seis anos (de Bacharelado e Licenciatura), em que no último ano de Licenciatura o aluno poderia se especializar na clínica, na escola ou na Psicologia do Trabalho. Com poucas alterações o projeto foi aprovado em 1962 (JACÓ-VILELA; FERREIRA ESCH, 2012).

Breve apresentação da história da Psicologia na Rússia

O ensino da Psicologia como disciplina curricular teve início na universidade mais antiga da Rússia, a Universidade de Moscou, desde a sua fundação, em 1755. Naquela época a Universidade tinha três faculdades: Filosofia, Medicina e Direito. A Psicologia foi ensinada junto com a lógica, a metafísica e a teologia. Os ensinamentos psicológicos foram ministrados ou nos ramos de Filosofia (o departamento de Psicologia pertencia à Faculdade de Filosofia) ou nos ramos de Medicina (o primeiro laboratório de estudos psicológicos já existia na Faculdade de Medicina). Os trabalhos iniciais dedicados à Psicologia foram feitos também por juristas. O famoso advogado K.D. Kavelin trabalhava como professor de Psicologia na Universidade. Ele teve vários trabalhos etnográficos e etnopsicológicos dedicados à cultura e à legislação dos outros povos; ele acreditava que a consciência jurídica é condicionada pelas peculiaridades histórico-culturais de nação (ZHDAN; NOSKOVA, s/data).

O surgimento da Psicologia na Rússia como ciência independente pode ser

datado da segunda metade do século XIX. A psicologia russa se desenvolveu em uma relação muito próxima com a psicologia europeia: a maioria dos psicólogos russos estudou ou teve estágio nas melhores universidades e laboratórios europeus; os livros e artigos lançados no exterior rapidamente eram traduzidos e publicados na Rússia. Se no início do século XIX a psicologia ainda fazia parte de filosofia, na segunda metade do século a psicologia se aproximava mais das ciências naturais e exatas (fortemente desenvolvidas na época). Conforme pensadores europeus, para ser “ciência verdadeira” a psicologia precisava ter método e metodologia exatos (método experimental).

No caso da Rússia a psicologia se aproximou da fisiologia e quem começou esse caminho foi Ivan Michajlovic Séchenov. Em 1863 ele publica o seu livro mais famoso, “Reflexos do Cérebro”, no qual nega a existência de uma alma imaterial e defende que os processos mentais são reflexos de diferentes graus de dificuldade. Vale a pena destacar que o livro teve sucesso extraordinário. Hoje em dia poderíamos chamar o livro de best-seller. A pessoa não poderia se considerar intelectual sem ler “Reflexos do Cérebro”; o livro gerou discussões, críticas e discípulos em várias camadas sociais; o nome de Séchenov ficou conhecido por pessoas muito distantes da ciência. Sem dúvida, a publicação do livro era um acontecimento sociocultural. O sucesso foi tão grande porque o livro procurou relacionar questões filosófico-psicológicas com a biologia. A ideia de que a alma (como substância que responde por ações da pessoa e não pode ser estudada objetivamente) não existe, não foi inovadora; pelo contrário, a maioria dos jovens progressistas acreditava no materialismo (MARTSINKOVSKAYA, 2004).

Séchenov não apresentou o ser humano como uma máquina de reflexos: ele defendeu experimentalmente que o indivíduo tem livre-arbítrio (problema fundamental para a filosofia). O cientista descobriu que um dos centros do cérebro tem influência inibidora na atividade motora do corpo. Esse centro foi chamado de “Bloco de Inibição Central”. A conclusão foi que a pessoa pode dominar livremente a atividade do seu corpo. Em outro trabalho seu “Elementos do Pensamento”, Séchenov elaborou a hipótese (que foi confirmada depois) de que o sistema muscular é um órgão de conhecimento (ou sentimento) do mundo material. Os trabalhos do cientista tiveram grande impacto na psicologia russa e mundial. Na Rússia apareceram várias escolas que desenvolvem a psicologia com base na fisiologia. Os trabalhos de fisiologistas russos foram utilizados como base da abordagem norte-americana conhecida posteriormente como behaviorismo (MARTSINKOVSKAYA, 2004).

Os dois nomes mais famosos entre os fisiólogos russos discípulos de Séchenov são Vladimir Mikhaylovich Bekhterev e Ivan Petrovich Pavlov. Eles, ao mesmo tempo e independentes um do outro, elaboram teorias sobre reflexos incondicionais e condicionais. Apesar disso, Pavlov fundou uma grande escola de cientistas internacionais dedicada a estudos fisiológicos. Pavlov estudava a atividade nervosa superior, a formação dos reflexos condicionais na base social e, inspirado nos trabalhos do Sigmund Freud, as neuroses. Em 1907, em São Petersburgo, Bekhterev fundou o Instituto Neuropsiquiátrico. Com base nessa unidade ele criou o Instituto Pedagógico, onde pesquisava processos psíquicos de bebês. Bekhterev, em seu livro "Fundamentos da reflexologia geral" (1923), argumentou que o ambiente social forma a personalidade humana; em outros trabalhos estudou o que acontece com a personalidade quando ela se torna parte do coletivo. Bekhterev abordou fenômenos de pressão coletiva como o conformismo. Esse fenômeno depois foi retomado pela psicologia norte-americana nos famosos experimentos de Solomon Asch, realizados entre 1951 e 1956 (YAROSHEVSKIY, 1996).

Vale a pena destacar mais um nome: Georgiy Ivanovich Chelpanov que formou um grupo de pessoas interessados em discutir questões de psicologia. Em 1914 ele conseguiu fundar o Instituto de Psicologia Experimental. O Instituto teve aparelhos modernos e ótimas condições para realização das pesquisas. O método utilizado no Instituto era a introspecção (proposta por Wilhelm Wundt para estudar a estrutura da consciência humana). Em 1917 O instituto lançou a revista "A revisão em Psicologia" (YAROSHEVSKIY, 1996).

No início do século XX a psicologia se desenvolveu ativamente. Não vou mencionar todas as abordagens e escolas; prefiro destacar três psicólogos que fizeram a fama da "Psicologia Soviética". O primeiro é Lev Semenovich Vygotsky [Vygotskiy], linguista por formação, desenvolveu uma abordagem sociocultural, baseado na filosofia marxista. Vygotsky acreditava que a Psicologia tinha dificuldade em estudar a consciência objetivamente – já que na introspecção a pessoa só pode estudar sua própria consciência, o behaviorismo se nega a estudá-la e a psicanálise se interessa pelo inconsciente. Ele argumentava que o psíquico em certo sentido é subjetivo porque pertence ao indivíduo, mas reflete características do mundo objetivo. Esse reflexo sofre dispersão a favor do organismo, ou seja, o psíquico reflete as características do ambiente que são mais úteis para o indivíduo. Assim, a psicologia deve estudar relações,

processos e comunicação que vinculam o sujeito com o mundo ao seu redor. As relações do indivíduo com o mundo são intermediadas pelos objetos; os processos psíquicos também têm seus objetos de intermediação, que são sistemas de signos como a linguagem, os símbolos matemáticos, as técnicas mnemônicas (SOKOLOVA, 2005).

Vygotsky produziu vários trabalhos, entre os quais: “Consciência como um problema do comportamento” (1925); “Linguagem e pensamento” (1934); “O significado histórico da crise na Psicologia” (publicado em 1982, embora escrito em 1927) (YAROSHEVSKIY, 1996).

A teoria de Vygotsky teve impacto nos trabalhos de Aleksey Nikolayevich Leontiev [Leont'yev] e Aleksandr Romanovich Luria. Eles se conheceram em um congresso de psicologia e depois trabalharam juntos por tempo prolongado (Leontiev convidou Vygotsky para trabalhar em Moscou). Leontiev começou sua carreira (junto com Luria) no Instituto de Psicologia Experimental, estudando reações afetivas. Ele se interessava pelo desenvolvimento psíquico e acreditava que a força motriz do desenvolvimento psíquico é a atividade (atividade no mundo dos objetos), e relatou essa “teoria de atividade” no seu principal trabalho: “Atividade. Consciência. Personalidade” de 1975 (MARTSINKOVSKAYA, 2004).

Luria estudava como diferenças de condições socioculturais influenciam o psíquico, e também como o comportamento social corresponde à organização neural do sujeito. Depois do início da Segunda Guerra Mundial ele trabalhou com diagnóstico e recuperação de transtornos mentais causados por lesões cerebrais. No livro “Fundamentos da neuropsicológica” (1973) expôs a ideia de que funções mentais superiores são dinamicamente localizadas no córtex cerebral. Pesquisando relações afetivas de pessoas na situação de estresse ele criou um aparelho especial, hoje em dia conhecido como “detector de mentira”, que é mais utilizado na área criminal. O “Detector de mentira” foi divulgado e comercializado no mundo inteiro (especialmente nos Estados Unidos) (MARTSINKOVSKAYA, 2004).

Em 1966, graças ao esforço de A.N. Leontiev, o Departamento de Psicologia se emancipou da Faculdade de Filosofia da Universidade de Moscou e se transformou em unidade independente: Faculdade de Psicologia. No seu momento de estruturação, a Faculdade se organizou em torno de três cátedras: Psicologia Geral e Aplicativa, Psicofisiologia e Neuropsicológica, Pedagogia e Psicologia de Desenvolvimento (ZHDAN; NOSKOVA, s/data).

Atuação do psicólogo no Brasil

Entendo a atuação do psicólogo como o trabalho do especialista formado em Psicologia. Pesquisa realizada em 2010 no Brasil registrou o quantitativo de 236.100 psicólogos em exercício profissional, sendo 77.835 (cerca de 30%) no Estado de São Paulo (BASTOS, GONDIM e RODRIGUES citado por MACEDO e DIMENSTEIN, 2011). Dentre os principais estudiosos da atuação profissional do psicólogo no país, destacamos os trabalhos de Bastos e colaboradores (1989; 2008). Seu estudo realizado em 1989 (BASTOS E GOMIDE, 1989) embora seja do final da década de 1980 contém dados amplos fornecendo elementos importantes para caracterizar o perfil e as principais áreas de atuação do psicólogo no Brasil. Um estudo mais atual sobre atuação do psicólogo no Brasil foi realizado entre 2006 e 2008 como uma iniciativa do Grupo de Trabalho Psicologia Organizacional e do Trabalho da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Aqui vamos adotar o primeiro estudo como parâmetro principal e destacar as principais alterações encontradas pelo estudo mais recente (BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010).

Segundo Bastos e Gomide (1989) - A decisão de estudar na Faculdade de Psicologia pode ser feita por várias razões; entre as mais populares estão: 1) motivo pessoal (entender a si mesmo, resolver seus problemas); 2) motivo altruístico (ajudar as pessoas); 3) interesse pela Psicologia em geral ou alguma de suas áreas; 4) motivos não relacionados com a Psicologia (por exemplo, a faculdade ser próxima de casa). Não são todos os estudantes de Psicologia que terminam a formação ou trabalham depois nessa área. A distribuição dos psicólogos no Brasil não é regular: a grande maioria trabalha no Sudeste (quase 75%); na relação capital/interior, cerca de 70% dos profissionais trabalham no capital dos estados. A maioria dos psicólogos são mulheres com menos de 40 anos de idade (BASTOS; GOMIDE, 1989).

O estudo recente mostra que a maioria dos profissionais continuam sendo mulheres, por exemplo, mais de 80% psicólogos inscritos nos Conselhos são mulheres. Agora a distribuição pelo país teve alterações. O número dos psicólogos que atuam no interior supera o número dos que atuam na capital. Também cresceu o número dos psicólogos que atuam no Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte e ao mesmo tempo diminuiu o número dos profissionais no Sudeste (BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010).

Tradicionalmente o campo de atuação profissional divide-se em quatro grandes áreas: clínica, escolar, industrial (organizacional) e docência. A distribuição dos psicólogos brasileiros ocorre entre essas áreas:

Figura 4 – Áreas de atuação do psicólogo brasileiro

A maioria dos psicólogos (73%) declara que atua exclusivamente em uma área, enquanto 22% combinam duas áreas e 5% combinam três. Segundo outros dados, 60,7% dos psicólogos têm pelo menos um emprego na área clínica. Desse modo, conclui-se que mais frequentemente os psicólogos no Brasil atuam na área clínica. (BASTOS; GOMIDE, 1989, p. 8-9). Na pesquisa sobre atuação do psicólogo realizado pela ANPEPP em segundo lugar aparece uma nova área de atuação – a Psicologia de Saúde. Embora essa área seja próxima da clínica, os pesquisadores ressaltam que há distinção. Em seguida aparece a Psicologia Organizacional e do Trabalho e depois a Psicologia Escolar/Educacional. Também aumentou a ocupação dos psicólogos na área de docência aumentou. (BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010)

A profissão do psicólogo é imaginada como independente de um empregador, porém os dados não confirmam isso: em todas as áreas apenas 41,3% dos psicólogos trabalham de maneira autônoma. Mesmo na área clínica (que é percebida como mais autônoma) metade dos psicólogos tem outro emprego (BASTOS; GOMIDE, 1989). Em relação ao emprego, a pesquisa de 2006-2008 mostra uma mudança positiva; só 16% dos psicólogos trabalham fora da área (ou estão desempregados). Cresceu o número dos psicólogos que trabalham nessa profissão e os que atuam exclusivamente na sua área

(BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010).

A maioria dos psicólogos brasileiros trabalha no consultório (34,2%); entre outros locais estão “empresas (14,8%), escolas até o 2º grau (10,4%), instituições de ensino e pesquisa (8,5%), hospitais (7,8%), instituições de atendimento psicológico (5,9%), órgãos da administração (4,5%)” (BASTOS; GOMIDE, 1989, p. 8-9). Evidentemente a maioria dos psicólogos clínicos trabalha em consultórios ou hospitais (ou também nas escolas); a maioria dos organizacionais trabalha em empresas ou órgãos públicos, e os escolares na escola (BASTOS; GOMIDE, 1989). Sobre local de trabalho dos psicólogos brasileiros os autores no estudo recente destacam que:

O consultório continua sendo o espaço mais utilizado de trabalho pelo psicólogo, como se depreende do peso com que aparece entre quem atua em diferentes áreas. Como esperado, quase 70% dos psicólogos clínicos trabalham em consultórios próprios ou alugados. Além disso, ele é o local de trabalho para aproximadamente ¼ dos psicólogos que atuam na área escolar, organizacional, saúde e mesmo ensino/docência, algo que já fora identificado na primeira pesquisa, como está explícito no artigo em análise. Em comparação com a pesquisa dos anos 1980, há, todavia, um expressivo aumento do número de psicólogos inseridos em unidades dos serviços públicos de saúde ou instituições privadas de saúde, tais como hospitais (BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010, p.264).

A orientação teórica que predomina entre os psicólogos brasileiros é a psicanálise. Esse índice é alto, especialmente na área clínica (57,7%). Entre outras orientações prevalecem a análise do comportamento (a segunda orientação mais citada nas três principais áreas), a Gestalt, o psicodrama e a abordagem humanística/existencialista. Dependendo da especialidade pode predominar a abordagem mais específica dessa especialidade: por exemplo, na Educação a abordagem piagetiana, ou na Psicologia Organizacional orientações dedicadas os estudos de recursos humanos (BASTOS; GOMIDE, 1989). Conforme os dados da pesquisa de 2008, a abordagem psicanalítica predomina nas áreas clínica e de saúde, porem caiu significativa na avaliação geral. Entre outras abordagens reapresentadas estão Humanista, Comportamental, Cognitivista e Sócio-histórica. Estas abordagens predominam nas outras áreas (BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010).

A maioria dos psicólogos brasileiros graduados (95%) precisou passar por uma formação complementar (cursos, estágios e outros) antes de começar seu exercício profissional. Como motivo para aderir a essa formação complementar os psicólogos

apontaram a necessidade de ter mais “experiência prática” (BASTOS; GOMIDE, 1989). Os autores da pesquisa recente sobre a atuação do psicólogo chamam a atenção para a dificuldade de comparar a formação acadêmica nas duas pesquisas, por que por últimos anos “cresceu” muito o sistema de graduação e pós-graduação no Brasil. Os autores destacam que:

Continuam existindo vários indicadores de fragilidade do mercado de trabalho, em termos das condições que oferece para o exercício da ocupação profissional. Há, no entanto, evidências de que a profissão se expande e amplia o seu leque de serviços, contextos e segmentos da população beneficiária, como no caso da área de saúde, e se mantém nas áreas de clínica e organizações e trabalho. Por outro lado, constata-se a perda de espaço do psicólogo no campo da educação, área fundamental para quaisquer processos de mudança na sociedade e no país (BASTOS; GONDIM; BORGES-ANDRADE, 2010, p. 268).

Por fim, cabe destacar a atuação dos psicólogos na área intercultural. A terapia e a orientação intercultural são campos recentes da atuação psicológica. Os terapeutas e os psicólogos ocidentais sempre tiveram o interesse por técnicas da cura de doenças espirituais praticadas entre os povos não ocidentais. Utilizando alguns conceitos e técnicas, a psicoterapia partiu de um pressuposto universal para o tratamento dos pacientes. As abordagens modernas não consideram, por exemplo, a técnica da terapia “pura”, mas consideram junto a ela a figura do terapeuta, com suas convenções, costumes e posição sociocultural. Por exemplo, a definição da maturidade emocional, escreveu Sylvia Duarte Dantas de Biaggi (2012), para as culturas orientais significa desenvolver a empatia, e para as culturas ocidentais a capacidade de diferenciação.

No Brasil, em 2003, foi realizado o projeto Implantação do Serviço de Orientação Intercultural (PRO-DOC). A equipe, sob supervisão da Profa. Sylvia Duarte Dantas de Biaggi foi composta por psicólogos formados em diversas orientações teóricas (psicanálise, sistêmica, existencial, psicodramática). Foram realizadas as orientações e os atendimentos de imigrantes, migrantes brasileiros descendentes de imigrantes e brasileiros retornados do exterior ou residindo lá. O atendimento a distância foi feito por telefone ou e-mail (BIAGGI DANTAS, 2012).

Atuação do psicólogo na Rússia

As áreas onde o psicólogo pode ser formado em geral são parecidas na Rússia e no Brasil. Se consideramos as propostas de unidades do ensino superior, as áreas

principais são as seguintes: Psicologia Clínica; Psicologia da Educação e Desenvolvimento; Psicologia Social; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia Geral; e, entre outros mais populares, há a Psicologia de Emergência. Essa área tem como foco preparar os psicólogos para trabalho com as vítimas de catástrofes, parentes deles ou/e pessoas que estão em crise psicológica (GEBRIAL, 2012).

A atuação na área clínica pode ser dividida em duas subáreas importantes: a atuação no consultório e a atuação no hospital. O especialista não pertence necessariamente às duas categorias; quem trabalha no consultório pode não ter formação na área clínica, psicólogos que atuam nos hospitais podem não ter o próprio consultório. Frequentemente se encontra psicólogos escolares que trabalham em escolas, consultórios particulares ou centros de desenvolvimento da criança ao mesmo tempo. O psicólogo organizacional trabalha em geral como gerente de recursos humanos e pode ter várias funções, como busca e seleção de candidatos para as vagas oferecidas pela empresa, organização do sistema de motivação laboral ou trabalho com documentos dos funcionários. Uma das mais populares áreas de atuação do psicólogo na Rússia é o serviço de apoio psicológico em situação de emergência como, por exemplo, a “Linha Direta” ou o Centro de Ajuda Psicológica Emergencial do “MCHS” (Ministério da Federação Russa da Defesa Civil, Emergências e Eliminação das consequências de catástrofes naturais) (KLIMOV; NOSKOVA, 2001).

Os estudantes da faculdade de Psicologia, participam de muitas pesquisas psicológicas em contextos específicos. A maioria das pesquisas é dedicada à esfera de motivação e personalidade. Em outras palavras, os estudantes são considerados como um grupo ao qual o pesquisador tem acesso facilmente. Durante o levantamento bibliográfico encontrei um projeto com o subtítulo “Psicologia como profissão”, realizado em 2001 pela Faculdade de Psicologia de Universidade de Moscou (cátedra Psicologia de Trabalho e Engenharia). No projeto foram descritas áreas de atuação do psicólogo. É difícil comparar este estudo com os estudos brasileiros: o estudo russo teve caráter qualitativo. A descrição de cada especialidade foi baseada na entrevista de uma pessoa. Adiante descreverei os serviços de atendimento psicológico específicos da Rússia. São serviços da “Linha Direta” e da “MCHS” (line-doverie.ru, 2009).

Na “Linha Direta” é feito o atendimento de pessoas em situações de crise: é a primeira ajuda psicológica. O serviço funciona vinte e quatro horas com atendimento anônimo. Existem vários serviços de atendimento psicológico pelo telefone, que podem

ser subdivididos pelo foco (ajuda para crianças/adultos), ou pela remuneração (públicos/particulares) (line-doverie.ru, 2009). Os psicólogos que trabalham no Centro de Ajuda Psicológica Emergencial de “MCHS” atendem pessoas cujos parentes foram mortos ou feridos durante uma catástrofe, as próprias vítimas e profissionais que trabalham em condições extremas. Os psicólogos vão a zonas de desastre em conjunto com os outros especialistas que lidam com desastres. O atendimento psicológico é feito para as vítimas de desastres de qualquer escala (local ou internacional) (mchs.gov.ru, 2013).

Para completar o quadro busquei os dados estatísticos a respeito da atuação do psicólogo depois da formação em faculdades e institutos profissionalizantes de Moscou. Escolhi as quatro maiores e mais prestigiadas faculdades de Psicologia em Moscou. No site da Faculdade da Psicologia MGU de Lomonossov há só um dado que demonstra que 30% dos graduados continuam na atividade de docência (msu.ru, 2014). No site do Instituto de Psicologia de L. S. Vygotsky (que integra a Universidade Estatal das Ciências Humanas) não há nenhum dado sobre a inserção no trabalho dos graduados (psychology.rsuh.ru, 2010). Eu entrei em contato (por telefone e por e-mail) com representantes das faculdades e eles confirmaram que não há dados sobre onde atuam os psicólogos formados nessas unidades. Suponho que, como essas instituições da Psicologia são muito concorridas, elas não têm motivação para veicular os dados sobre a inserção dos graduados para confirmar a eficácia da sua formação. As instituições um pouco menos concorridas recolhem esses dados.

A Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Pesquisa “Escola Superior de Economia” (“NIU VShE”) tem foco na área organizacional. De acordo com levantamento de 2014 mais de 70% dos graduados trabalham em suas especialidades e cerca de 5% continuam sua formação em universidades estrangeiras após o bacharelado (psy.hse.ru, 2014).

Na Universidade Pedagógica Estadual de Moscou (MGPPU), conforme dados de 2008, cerca de 70% de graduados na Faculdade da Psicologia de Educação preferem trabalhar em instituições estaduais da educação de Moscou, como escolas, jardins infantis e centros psicológicos, e só 13% preferem as estruturas comerciais. O restante (17%) não trabalha ou tem atividade de docência ou trabalha fora de Moscou (abitur.fpo.ru, 2009).

Figura 5 - Locais de trabalho dos psicólogos russos

Na Rússia há várias pesquisas e artigos dedicados à Psicologia Étnica (Psicologia Intercultural). A maioria dos programas se baseia na abordagem intercultural (como escolas norte-americanas e estudos feitos na Rússia no ramo da Psicologia Étnica) e são de curta duração. Como exemplo, podemos citar um programa de correção e assistência psicológica com crianças imigrantes (HUHLAEV, 2001). O programa consistia em 08 sessões, realizadas semanalmente, durante 02 meses. O grupo foi composto por 28 crianças de 06 até 09 anos refugiadas do Afeganistão. A terapia se baseava na ideia de que o conteúdo do medo das crianças imigrantes têm a ver com tradições étnicas do grupo a que pertencem. Isto é representado nas imagens mitológicas do medo. Entre as imagens mitológicas há criaturas místicas (dragões em geral), humanos fantásticos (com traços de animais) e animais fantásticos (com poderes mágicos) (HUHLAEV, 2001).

Durante a terapia os psicólogos utilizaram jogos, nos quais interagem com as imagens mitológicas do medo. Para facilitar a adaptação das crianças imigrantes durante as sessões foram introduzidos os elementos de identificação com a cultura tradicional da Rússia. Após a conclusão do programa o prognóstico demonstrou diminuição de ansiedade. As crianças aprenderam a lidar com mecanismo de identificação/separação em relação à imagem mitológica assustadora. As capacidades criativas das crianças aumentaram: eles conseguiram, de modo independente, transformar as imagens assustadoras, assim dominando os próprios medos (HUHLAEV, 2001).

CAPITULO VI – RESULTADOS

Descrição dos serviços de atendimento aos migrantes no Brasil

No Brasil os serviços de atendimento aos migrantes, em geral, são prestados por organizações sem fins lucrativos, algumas de fundo religioso, e com apoio do governo. Nessas organizações o foco tem sido a promoção dos direitos humanos, a inserção social e o combate ao trabalho escravo. Os serviços oferecidos são: orientação jurídica; auxílio para a regularização da situação no país; atividades culturais e atividades de formação para a cidadania, inclusão social e digital (MISSÃO PAZ, 2013).

Eu investiguei a atuação de psicólogos brasileiros que realizam seu trabalho na Casa do Migrante em São Paulo. A Casa do Migrante faz parte da Missão Igreja da Paz, uma organização mantida pelos Missionários Scalabrinianos e seus colaboradores no bairro do Pari em São Paulo, com objetivo de acolher imigrantes e refugiados. A Casa começou a funcionar em 1978. Nos seus primeiros anos a maioria dos atendidos foram migrantes internos, mas atualmente a maioria são imigrantes externos e refugiados. A Casa do Migrante oferece alojamento e alimentação completa, encaminhamento para cursos profissionalizantes, orientação sobre serviços em São Paulo, atendimento médico de emergência e outros serviços, entre os quais atendimento psicológico (MISSÃO PAZ, 2013).

Eu visitei a Casa do Migrante para conhecer os psicólogos, ver como eles trabalham, conversar com outros funcionários e participar de reuniões. Na casa há uma psicóloga fixa, Berenice Carmen Augusta Young Rabines, mestre e doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Ela faz atendimento individual e em grupo semanais. Atualmente neste abrigo também realizam atendimento psicanalistas e psicólogos ligados à Universidade de São Paulo (USP) e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob orientação da Profa. Miriam Debieux Rosa e supervisão das psicólogas Cristina Rocha Dias e Leonel Braga. No artigo dedicado ao lançamento do projeto na Casa do Migrantes, as autoras relatam com quais fenômenos psíquicos elas lidaram trabalhando com migrantes e refugiados:

Contávamos, portanto, com os fundamentos psicanalíticos para conceber os processos de deslocamento como fatores traumáticos de produção de sintomas. Considerávamos também a emergência de um profundo sentimento de desamparo à medida que os referentes culturais e psíquicos (simbólicos) de origem passam a ser questionados (às vezes,

invalidados) com a mudança de um país a outro, de uma região à outra ou de uma classe social à outra, em um mesmo território lingüístico. Tínhamos em conta que o rebaixamento dos referentes culturais (pontos de identificação dos sujeitos que se reconhecem como pertencentes a um grupo social) e do referente psíquico simbólico (a metáfora paterna que possibilita ao sujeito o acesso à cultura) favorece o aparecimento de sintomas que são comuns nos sujeitos humanos em geral porém, nos imigrantes, migrantes e refugiados, podem adquirir contornos de crises agudas (nos casos de transtornos psíquicos) e de extrema violência (nos casos de crimes passionais ou de conflitos sociais) (CARIGNATO; ROSA; BERTA, 2006, p. 95-96).

Segundo as autoras foi elaborado o programa de “oficinas de solidariedade”, onde psicólogos ofereciam sua escuta aos migrantes, enfatizando “a palavra” e a atividade coletiva. Essa escuta ajuda a desenvolver formas simbólicas de manifestação do sofrimento e a atividade coletiva possibilita que o migrante descubra sobre experiências dos outros que sejam parecidas com aquelas pelas quais poderiam passar. (CARIGNATO; ROSA; BERTA, 2006). A Casa do Migrante é um lugar de acolhimento, porém esse acolhimento é temporário. Os psicólogos procuraram ajudar os migrantes a construir o seu mundo simbólico para estarem seguros e se orientar fora dele (CARIGNATO; ROSA; BERTA, 2006).

Descrição dos serviços de atendimento aos migrantes na Rússia

A maioria dos serviços de atendimento aos migrantes na Rússia é feita por organizações sem fins lucrativos. O objetivo dos serviços é promover e proteger os direitos dos migrantes e minimizar o preconceito e a xenofobia aos mesmos. Os serviços de atendimento estão focando atualmente o problema do tráfico de seres humanos e a exploração do trabalho e oferecem as seguintes atividades: ajuda para encontrar um emprego, autorizações de trabalho, informação para embaixadas (dos países que têm grande quantidade de migrantes na Rússia), debates sobre os direitos dos migrantes, ajuda na recuperação de documentos perdidos, assistência jurídica e aconselhamento psicológico.

Na Rússia visitei o Centro de Atendimento dos Migrantes que integra o Comitê de "Assistência Civil", sendo uma organização pública filantrópica. O Comitê de "Assistência Civil" foi fundado em 1990 com o objetivo de ajudar refugiados de guerra. Atualmente o centro trabalha com todos os tipos de imigrantes e está localizado em

Moscú, na Avenida Olímpica (Olímpiiskiyprospekt, 22). Ali realizei as mesmas atividades feitas no Centro de Atendimento dos Migrantes da Missão Igreja da Paz: pude conversar com funcionários e ver como eles trabalham. Fui recebida pela chefe do centro, Svetlana Gannushkina, e levantei informações sobre o funcionamento e o perfil das pessoas atendidas. Atualmente o maior fluxo de migrantes consiste nos imigrantes externos da África e da Ásia Central.

O centro tem aproximadamente 50 pessoas, a maioria é voluntária. Entre os funcionários há advogados, assistentes sociais e tradutores. Os membros antigos da organização começaram a desenvolver a defesa dos direitos humanos no final dos anos 1980 (ainda na União Soviética, quando essa atividade foi parcialmente legalizada). Desse modo o Comitê de "Assistência Civil" tem como função a defesa de direitos humanos. As atividades principais são aconselhar e defender os interesses dos trabalhadores em diferentes instâncias, defender as vítimas da violência por motivo étnico ou racial e atrair a atenção das autoridades para problemas dos imigrantes e refugiados. Como problemas os funcionários destacaram a ausência de apoio financeiro do Estado e a falta de atendimento nos hospitais para imigrantes. Pessoas sem documentos só podem ser atendidas no caso da emergência. No centro há uma médica fixa, porém ela não pode (por lei) fazer curativos ou indicar remédios, se precisar ela pode chamar o socorro que atenderá.

O Comitê de "Assistência Civil" é a mais velha organização de ajuda aos migrantes, muito conhecida e respeitada. Porém, atualmente esta organização não tem psicólogos. Eu realizei a entrevista com a única psicóloga que trabalhou lá nos últimos anos. Devido a essa situação entrei em contato com outras organizações. Uma grande organização é a Internationalorganization for migration (IOM) que funciona na Rússia desde 1992 e efetua: ajuda às pessoas deslocadas no processo de reassentamento e integração em seus novos locais de residência; assistência técnica e especialista na gestão da migração e do desenvolvimento de legislação; aprimoramento de controle nas fronteiras; combate ao tráfico de seres humanos e outras (moscow.iom.int, s/data). Entre as organizações menores, estão: o Centro Internacional de Apoio Jurídico de Estrangeiros da Federação da Rússia "União de Serviços de Migração" (grrf.ru) e o sindicato dos migrantes trabalhadores (profmigr.com). O foco dessas organizações é a intermediação para regularizá-los no país e dar-lhes apoio jurídico em geral. Eu entrei em contato por telefone com essas organizações, que me informaram não haver

psicólogos entre seus funcionários.

Eu decidi buscar psicólogos que trabalham com migrantes por outro caminho, entrando em contato com organizações públicas de assistência psicológica. Entre as maiores organizações está “o Serviço da assistência psicológica à população de Moscou”, que funciona desde 2003 e efetua atendimento psicológico gratuito. Nesse centro não há psicólogos especializados no atendimento aos migrantes, porém a secretária falou que se um migrante procurar ajuda ali o centro o atende. Entretanto, a secretaria informou que a maioria dos atendidos são russos de Moscou (msph.ru).

Outra organização é o Centro de Ajuda Psicológica Emergencial de “MCHS”, que atende as pessoas cujos parentes foram mortos ou feridos durante uma catástrofe, as próprias vítimas e os profissionais que trabalham em condições extremas. Eles não trabalham com os imigrantes, porém trabalham com os emigrantes (russos ou russo-falantes que moram no exterior e estão em uma situação extrema). Eu fiz uma entrevista piloto com uma psicóloga que trabalhou nesse serviço.

Consegui encontrar também um psicólogo que atualmente tem vínculo com uma organização de ajuda dos imigrantes. A fundação de caridade “Saúde e Vida” é uma organização sem fins lucrativos que funciona desde agosto de 2012. O principal objetivo é apoio e desenvolvimento dos programas sociais para ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade. Esta organização é vinculada com a ONU. Entre funcionários estão dois médicos, assistentes sociais um advogado. A organização tem a parceria com os tradutores profissionais e com o psicólogo. Esta organização não é grande, não possuiu alojamento e alimentação e trabalha só com imigrantes por encaminhamento que tem o estatuto oficial de refugiado.

Descrição da primeira entrevista: psicólogo brasileiro

Eu fiz uma entrevista semiaberta, seguindo um roteiro de perguntas e o próprio caminhar da conversa. O meu entrevistado é um homem de 25 anos, que faz mestrado na área de Psicologia Clínica na USP. Se autodeclarou branco. Ele teve estagio na Casa do Migrante, porém atualmente tem trabalhado como autônomo, atuando como terapeuta em uma clínica particular. Vamos chamar o entrevistado de **K**.

Na primeira pergunta (“Por que você foi trabalhar no serviço de migração?”) o entrevistado falou que acabou de voltar de uma viagem ao oriente e que “**tinha grande curiosidade por experiência multicultural**”. E depois **K** falou a frase-chave da

entrevista (que foi repetida algumas vezes depois): disse que queria “**compreender o que é universal no sofrimento humano**”.

Segundo o entrevistado, os habitantes da Casa do Migrante são pessoas que estão “num estágio de sofrimento, numa situação muito precária... muitas vezes a dificuldade é mais emocional do que material”. Ele enfatizou os dois principais motivos que levam as pessoas a migrar para outro país na resposta à pergunta: “Porque as pessoas migram para outro país?” O primeiro é o caso de “**desespero total**, quando a pessoa passou por uma situação tão absurda que não teve outra escolha”; e o segundo é o caso de pessoas que “**projetam**, que imaginam que no outro lugar vão ter uma vida melhor, mais estruturada do que eles tem no lugar de origem”. O exemplo que ilustrou o primeiro foi a situação de uma família da Angola; depois do assassinato do pai na frente da família (por motivos políticos) a mãe fugiu do país com os filhos. Como exemplo do segundo motivo, **K** contou a história de um grupo de nepaleses que queriam ir para os Estados Unidos e conseguir uma renda melhor e depois voltar para seu país e recomeçar a vida. O entrevistado vê o **Brasil** como **um local atraente para migrantes** por causa do crescimento econômico e por sua política migratória “razoavelmente flexível”, de “acolhimento”. Depois dessa resposta, eu pedi a ele para especificar como se manifesta essa **política de acolhimento**. O entrevistado respondeu que **o Brasil não é um país que expulsa as pessoas**. Depois ele falou que muitos migrantes vêm por que escutaram que alguém (amigo, parente) conseguiu uma vida melhor aqui; eles pensam que “o Brasil vai ser uma terra de oportunidade, vai acolhê-los, e muitos se decepcionam também”. Como o exemplo de confirmação da última frase, **K** narrou o caso de um moço de Angola que veio para São Paulo, não conseguiu trabalho nem documentos, foi roubado e morou na rua.

Na pergunta “Que tipo de trabalho os imigrantes realizam no país quando chegam?” ele respondeu que 99% estão **em situação de exploração**. Quando eu pedi a ele para falar sobre migrantes em geral (e não só de habitantes da Casa), ele me respondeu que um migrante da Europa que veio para trabalhar em uma empresa multinacional pode ganhar bem, mas quem vem desprevenido acaba indo trabalhar carregando coisas, ou na área de agricultura.

Na pergunta “Que processos psicológicos ocorrem com o migrante quando ele chega?”, **K** falou sobre **desenraizamento**, conceito que aprendeu de Simone Weil e de Ecléa Bosi. Desenraizamento é entendido como perda da cultura e costumes originais;

ele disse “(...) mas pode haver mudanças no sentido de agravação do desenraizamento, mas se dá certo, se a pessoa consegue se adaptar, tiver flexibilidade, acho possível que cada vez tenha mais inclusão”. Depois o entrevistado destacou os efeitos psicológicos de adaptação sem sucesso.

Com as perguntas “Que técnicas e conhecimentos de Psicologia você aplica no trabalho com migrantes?” e “Os migrantes que frequentam o serviço se aproximam com facilidade dos psicólogos? Você tem algum procedimento para facilitar essa aproximação?” eu recebi as respostas mais importantes para meu trabalho. As **barreiras culturais e linguísticas** complicam o trabalho do psicólogo; portanto, ele “tem que **ser muito criativo**” para se aproximar da pessoa. O entrevistado citou de novo a sua experiência com nepaleses: “com esse grupo de nepaleses me aproximava com brincadeiras na língua, falando da comida nepalesa, que cidades visitei no Nepal, aí a partir dessa língua poderia me aprofundar, entender que sofrimento a pessoa está passando”. Quando eu perguntei como ele agia quando não conhecia a cultura ele falou que tentava conversar com a pessoa exatamente sobre a cultura dela; “(...) muitos [moradores da Casa do Migrante] não sabem o que é psicologia, o que as pessoas estão fazendo lá de fato, **você tem que acessar pelos cantos, usar recursos simbólicos culturais**”.

Na pergunta “Existe uma nacionalidade que você considera mais fácil de trabalhar? E tem alguma que você considera mais difícil?” o interlocutor falou, acentuando que ele está **generalizando**, que as pessoas do **leste europeu são mais fechadas e os africanos mais abertos; e que os bolivianos e os peruanos são mais abertos do que os chilenos**. O entrevistado comentou que muitas vezes se sentia mal, com **angústia**, escutando **histórias de vida tão pesadas e difíceis** (a pergunta foi “O que você sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante? Existe algum desconforto?”). Por outro lado, às vezes sentia muita **alegria** vendo as pessoas reconstruindo e **começando vida nova**. Quando perguntei Como você imagina que seria a organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes? ele começou a falar que orientaria os terapeutas:

“(...) no início **de uma conversa com os migrantes a buscar historicidade, a cultura (...) brincadeiras com a língua, com símbolos do lugar de onde a pessoa veio** (...) esse acesso é muito importante pra que a pessoa não reviva **uma nova experiência de desenraizamento** (...) importante que a pessoa possa trazer daquilo que é dela para ser compartilhado com o terapeuta”.

Quando eu especifiquei que queria saber como ele imagina um serviço de atendimento para os migrantes em geral, o entrevistado distinguiu que ele faria cursos de português; reuniões em grupo; orientação sobre trabalho e documentação (as pessoas não conseguem documentação por “questões burocráticas”) e uma política que permitisse a satisfação de **necessidades religiosas (de religiões diferentes)**. Também falou que o Brasil precisa ser “mais acessível” no sentido de programas migratórios.

Na pergunta “Durante a sua formação você se lembra de ter visto temas como migração e raça-etnia em alguma matéria?”. O psicólogo respondeu que, entre as matérias obrigatórias, lembrava-se de “Diferenças, construção individual e construção coletiva”. Na minha pergunta “Você já ouviu falar de Psicologia Intercultural? Você se lembra se esse tema foi visto em alguma matéria?”, o interlocutor falou que sim, mas “nunca estudei a fundo”. Ele me perguntou o que eu entendo como Psicologia Intercultural e eu encaminhei esta pergunta para ele responder:

“(...) pelo menos duas coisas, uma psicologia onde se aprende a lidar com diferenças, se aprende a buscar modos de estar com o diferente – com diferenças culturais, linguísticas, religiosas, geográficas –, mas também pode ser uma psicologia que estuda o que há de universal e de particular dentro do sofrimento humano, o que é da ordem cultural e do ontológico, desenvolvimento da personalidade... o bebê passa pelas mesmas etapas de desenvolvimento na África e nos Estados Unidos?”.

O entrevistado disse “fundamentais”, respondendo à pergunta “Para você a Psicologia Intercultural e os estudos da raça-etnia são importantes para a formação do psicólogo?”. A psicanálise, que ele estudou muito, tem uma determinação cultural e “o próprio Freud tinha dificuldade de lidar com isso”.

No final da nossa entrevista chegamos a falar sobre o que trouxe a experiência na Casa do Migrante para sua profissionalização. O entrevistado disse que a experiência foi rica e **o ajudou a formar-se como terapeuta, desenvolver as habilidades de procurar uma forma criativa de “dar sentido às coisas”**. Ele acredita que a experiência além do consultório é importante para quem quer se formar como terapeuta ou como psicólogo social, e a informação a respeito disso poderia ser mais transmitida nos cursos de psicologia nas faculdades.

O psicólogo entrevistado levantou uma questão sobre a qual ele estava refletindo; ele queria “compreender o que é universal no sofrimento humano”. O problema do universal e do particular é discutido na psicologia em geral e é norteador na psicologia intercultural. Para o entrevistado essa questão está aberta. **K** chamou a

atenção para o fato de que muitos imigrantes com quem ele trabalhou não sabem sobre o trabalho do psicólogo, para manter contato com eles ele usava “recursos simbólicos culturais”. Um ponto interessante é que o entrevistado mencionou uma política migratória de acolhimento (que existe no Brasil) e, respondendo, trouxe um exemplo que mostra a ausência dessa política. Entretanto, ao final da entrevista, **K** falou que seria bom se o Brasil tivesse uma política migratória mais acessível.

Descrição da segunda entrevista: psicóloga russa

Antes de começar a análise da entrevista vou relatar sobre a validação do roteiro de perguntas. O roteiro foi elaborado em português e traduzido para o russo pela pesquisadora. O método de pesquisa intercultural aconselha a fazer a tradução dupla, ou seja, depois de tradução do roteiro para outra língua, efetuar a tradução (feita por outro especialista) para a língua primária. No meu caso fui pedir ajuda à professora de russo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Natalia Cristina Quintero Erasso. Ela traduziu o roteiro do russo para o português e eu comparei essa tradução com a versão original. O sentido das perguntas não foi distorcido; por isso deixei a minha tradução para o russo sem alterações.

A psicóloga entrevistada tem 32 anos, estudou na Universidade Pedagógica Estadual de Moscou (MGPPU), se autodeclarou como judia, especializou-se em Psicologia da Educação, trabalhou por dois anos no Centro de Atendimento aos Migrantes, que faz parte do Comitê de "Assistência Civil", e deixou esse trabalho dois anos atrás. Ela atendia principalmente crianças e famílias. Vamos chama-la de **N**.

Na primeira pergunta (“Por que você foi trabalhar no serviço de migração?”) a entrevistada falou que foi trabalhar porque uma amiga lhe chamou e logo decidiu ficar porque gostou da equipe do centro.

Os migrantes com quem ela teve contato foram principalmente **mulheres desempregadas, com filhos, com dificuldades materiais e/ou vítimas de uma violência de rua**. A maioria teve complicações para falar russo, principalmente as crianças. A entrevistada destacou que na sua experiência as pessoas migraram **por fugir da guerra ou condições de pobreza extrema**. A maioria das crianças era da Chechênia e eram testemunhas da guerra e destruição de suas próprias casas. Recentemente cresceu o número de migrantes por motivo de trabalho. Como motivo geral de migração **N**

destacou aprimoramento das condições de vida, quando o motivo não foi de sobrevivência.

Na pergunta “Que tipo de trabalho os imigrantes realizam no país quando chegam?” ela respondeu que a maioria vai para **trabalhos de pouca qualificação**: varredor, garçoneiro, carregador, vendedor e outros. Pode ser que “a pessoa organize ou ache um trabalho num restaurante especialista na comida típica do país de origem do migrante”. Às vezes o Centro de Atendimento contratava migrantes como tradutores da língua.

A pergunta “Que processos psicológicos ocorrem com o migrante quando ele chega?” a entrevistada mencionou **frustração, problemas de adaptação, solidão, rebaixamento de autoestima, agressão e/ou aumento de fobias**. Havia várias crianças com alto nível de propensão para a obtenção desses problemas. Como no seu país/região elas tiveram sucesso social, na situação de imigração elas queriam reconquistar sua posição social. Nas perguntas: “Que técnicas e conhecimentos de psicologia você aplica no trabalho com migrantes?” a psicóloga falou que realizava **diagnósticos e psicoterapia**. O diagnóstico, principalmente do nível intelectual, tinha como objetivo responder se a criança tem algumas dificuldades na escola por causa da língua estrangeira ou por outros motivos. Ela colaborava com pedagogas do centro para pensar em qual direção tem que ser feito o trabalho com crianças. Contou sobre a terapia da arte que usava com o **objetivo trabalhar com manifestação de sofrimentos, emoções e traumas utilizando jogos, pintura, moldura**.

Na pergunta “Os migrantes que frequentam o serviço se aproximam com facilidade dos psicólogos?”, N falou que crianças se aproximaram com mais facilidade do que adultos. Como os **adultos** tinham outros problemas urgentes eles **não se interessavam pela terapia**. Depois, no final da entrevista, N comentou que as crianças não imigrantes (com quem ela trabalha atualmente) se aproximam com mais facilidade do que as crianças imigrantes. Para facilitar a aproximação ela procurava incluir os pais no processo terapêutico, pois participando e vendo resultado eles se abriam mais facilmente e deixavam a criança a vontade.

Na pergunta “Existe uma nacionalidade que você considera mais fácil de trabalhar? E tem alguma que você considera mais difícil?” a entrevistada falou que não notou diferença. Porém, na pergunta “O que você sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante? Existe algum

desconforto?”, N confessou que teve **desconfortos** quando se comunicava com os **pais (homens) das crianças**, que tinham costumes nacionais nos quais **a mulher tem posição diferente do homem**. Segundo ela “para eles foi difícil me aceitar como **autoridade**, ou falar comigo como **igual**”. A entrevistada também falou que às vezes não entendia prontamente porque estava tendo dificuldades na conversa com alguma criança e compreendia só depois, quando a criança se abria mais. Esta **dificuldade também teve a ver com costumes nacionais**, ou seja, a criança relatava que não pode falar mal do seu pai ou da sua família porque tudo o que o pai faz é sempre certo. Às vezes a criança tinha medo de falar por **temor da punição religiosa** (Alá pode punir). E à minha pergunta “E como você agia nessa situação?”, ela respondeu que “procuramos falar de maneira abstrata sobre sentimentos dela, utilizando várias metodologias... ela [a criança] falava sobre seus sentimentos e não precisava descrever situações concretas”.

Quando eu perguntei “Como você imagina que seria a organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes?” a entrevistada respondeu que seria importante ter no Centro ajuda psicológica para os pais. Seria importante ter “a abordagem geral”, ou seja, com todos os envolvidos, porque as crianças “depois voltavam à mesma situação em que estava a família”. Em outras palavras, **para ter um efeito duradouro do atendimento, precisa-se atender a família inteira**. Ao falar do Centro em geral, a entrevistada também destacou que incluiria auxílio jurídico, encaminhamento de trabalho, ajuda com remédios: “isso era um grande problema”. E depois N falou: “que eu saiba, **todas as leis da Rússia foram feitas para tornar impossível o enraizamento dos imigrantes ou a vida normal deles**”. Por isso seria bom se a equipe do Centro de Atendimento aos migrantes tivesse representantes nas estruturas do Estado.

Na pergunta “Durante a sua formação você se lembra de ter visto temas como migração e raça-etnia em alguma matéria?” a entrevistada respondeu que não teve nada disso em sua formação, porém atualmente o Instituto onde ela se formou tem a cátedra da Psicologia Étnica. E completou que já ouviu falar da Psicologia Intercultural, mas nunca estudou. Quando eu perguntei o que ela acha que a Psicologia Intercultural estuda, ela respondeu que provavelmente diz respeito às peculiaridades culturais e às formas de adaptação.

Na pergunta “Para você a Psicologia Intercultural e os estudos da raça-etnia são importantes para a formação do psicólogo?” N respondeu que sim, porque quando você atende o cliente “**é importante saber de qual cultura ele vem** e como isso pode ter

influenciado no seu trabalho”. A entrevistada destacou que as tradições culturais e religiosas podem criar obstáculos para contato e **dificultar a aproximação**.

À minha pergunta sobre como essa experiência influenciou o trabalho posterior dela, a entrevistada respondeu que está “**mais sensível**” para perceber as peculiaridades nacionais. Atualmente, no início do trabalho com clientes ela **pergunta sobre tradições familiares** deles.

Atendendo as crianças imigrantes, **N** utilizava as mesmas técnicas e abordagens usadas com crianças não imigrantes. Porém, durante a sua prática com imigrantes, a entrevistada teve que alterar seus modelos terapêuticos, procurando outros jeitos para abordar imigrantes (pais e filhos). Podemos concluir que a experiência de atendimento dos imigrantes ampliou o repertório e a sensibilidade profissional da psicóloga entrevistada.

Descrição da terceira entrevista: psicóloga russa

A segunda psicóloga entrevistada nunca atuou no serviço de atendimento aos imigrantes. Porém ela tem bastante experiência na interação intercultural e no atendimento a emigrantes e refugiados. A psicóloga entrevistada tem 27 anos e estudou na Faculdade de Psicologia MGU de Lomonossov, se autodeclarou russa e especializou-se no Departamento de Psicologia de Emergência. Vamos chamá-la de **D**.

D trabalhou no Centro de Ajuda Psicológica Emergencial de “MCHS” por três anos e deixou esse trabalho há seis meses. Atuou em zonas de desastres e catástrofes dentro e fora do país. Fora do país os clientes eram emigrantes russos, emigrantes de ex-repúblicas da União Soviética e membros de suas famílias que procuraram fugir dos países de residência por causa dos conflitos armados ou outros motivos. Entre os países onde **D** atuou estão Síria, Iêmen, Líbia, Indonésia e Ucrânia. Partindo da sua experiência, alterei um pouco o roteiro de perguntas.

A primeira pergunta foi “Por que você veio trabalhar no serviço do Centro de Ajuda Psicológica Emergencial de “MCHS”?” A entrevistada respondeu que teve o “grande **desejo de ajudar as pessoas**” e utilizar sua “**bagagem de conhecimentos psicológicos**”. Outro motivo foi que ela quis receber a **experiência profissional** porque o MCHS trabalha com pessoas com experiências de vida, camadas sociais e pertencimento cultural diferente. Entre outras razões, essa experiência **amplia o**

repertório das reações cognitivas e emocionais do psicólogo, que pode ver que “quando a pessoa está na situação extrema, as ações dela não estão mais ‘cobertas’ [no sentido socialmente aceito]”.

A próxima pergunta foi “Como é o migrante com quem você teve experiência de trabalho?”. Ela falou que foram os russos (de diferentes grupos étnicos), russo-falantes que emigraram para outros países no passado e atualmente aceitaram o retorno para a Rússia. Quando eu perguntei se houve diferença entre trabalhar com russos e representantes dos outros países, **D** respondeu que a principal dificuldade foi que **o serviço deles foi associado com o país Rússia** e que isso traz **implicações políticas**. Depois ela repetiu várias vezes na entrevista que o seu serviço foi associado **com o estado**. Dentro de países onde eles atuaram, por questão da segurança, eles não se comunicaram com os grupos que eram contra a política da Rússia. Entre outras coisas **D** mencionou que muitas pessoas perceberam os serviços de evacuação como dever (do seu país de origem).

Quando perguntei se ela lidava com alguma **barreira linguística** ela falou que sim. O caso comum era uma família com a mulher da Rússia, casada com um homem de um país árabe e cujos filhos não falavam russo. A comunicação das crianças foi feita a partir de jogos e pinturas.

A psicóloga afirmou que a decisão de migrar para outros países é uma “**decisão forçada**” (a pergunta foi “Por que as pessoas migram para outro país?”). Se a pessoa mora em um lugar “não confortável, que não a aceita e onde ela **não pode se realizar**” ela decide migrar. Para a entrevistada as pessoas vão a outro lugar pensando que podem se realizar lá e considerando que “as políticas locais” vão permitir **a adaptação**. A entrevistada acha que quando a pessoa migra para outro país a primeira reação psicológica é o **choque**. Ela contou que se a pessoa migra para uma cultura muito distante (para os russos, ela acha que distante seriam países da África e da Ásia) ela passará por dificuldades de adaptação: “**não vai entender a cultura... saber por que as pessoas agem desse jeito**” e “você começa a seguir as regras sem entender o sentido delas”. **D** concluiu que para a adaptação completa a pessoa precisa receber a educação nesse país, estudando na escola.

Na pergunta “Que técnicas e conhecimentos de psicologia você aplicava no trabalho com migrantes” ela falou que com crianças aplicava terapia da arte (**pintura, moldura, jogos**). Com adultos os psicólogos utilizaram técnicas de relaxamento. Como

exemplo dessas técnicas a entrevistada se lembrou do “óculos de dessensibilização; esses óculos têm impacto no ritmo do cérebro, dando efeito relaxante”. O **objetivo** do trabalho com **adultos era o relaxamento**, a busca de recursos e a recuperação; já com as **crianças** o objetivo era ajudar a se expressar e **lidar com seus sentimentos**.

Quando perguntei se “Os migrantes se aproximam com facilidade dos psicólogos?” e se houve diferenças entre adultos e crianças, **D** falou que as crianças se aproximam mais facilmente do que os adultos e entre os adultos os homens são mais fechados. Eu perguntei se ela teve dificuldades na comunicação com moradores nativos. Ela respondeu que se sentia estranha, **não entendia costumes e tradições** e sentia que os moradores locais não entendiam o que “essas **estranhas** pessoas brancas” fazem aqui. **D** contou uma história divertida: quando ela estava na Indonésia e saía na rua com outros russos, os moradores locais tentavam tocar eles. Os russos da embaixada explicaram que não precisavam se assustar porque na Indonésia existe a tradição de que se tocar o branco você vai ganhar a sorte. Isso ela contou para ilustrar o quão **estranha** ela se sentia em alguns países.

Na pergunta “Você tem algum procedimento (técnicas) para facilitar a aproximação?” a entrevistada destacou que **o psicólogo tem que saber seus limites**. No centro não ignoram as capacidades e as vontades do psicólogo: “se o psicólogo não gosta de trabalhar com crianças, ele não trabalha, se o psicólogo não se sente à vontade para trabalhar com homens, ele deixa esse trabalho para algum colega”. Como uma técnica concreta ela trouxe o exemplo dos mecanismos de “juntar-se”: “se você fuma, para manter contato pode fumar junto com o cliente (...) também ‘juntar-se’ à respiração ou repetir a pose, tudo isso funciona”. Entre outras técnicas, também há a escuta empática (uma escuta que procura compreender o estado psicológico do cliente, utilizando técnicas de participação da conversa).

A entrevistada falou que sempre teve sensações **estranhas trabalhando com emigrantes russos** (a pergunta foi “O que você sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante? Existe algum desconforto?”). Então, ela falou que sentia que trabalhava com pessoas **próximas e alheias ao mesmo tempo**. A maioria dos emigrantes russos atendidos morava há mais de 10 anos no exterior; foram “outros russos, não aqueles com quem eu me acostumei na Rússia”. A psicóloga relatou que teve barreiras com mulheres russas que aceitaram o islã. **D** falou que sentia desconforto porque não sabia “**qual reação podem provocar as**

ações” dela, “tem medo de **quebrar as regras**”, “se eu posso, por exemplo, pegar a mulher pela mão”. Ela confessou que teve o sentimento de “estranheza”.

Na pergunta “Como você imagina que seria a organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes?” **D** respondeu que o centro tem que funcionar como uma “agência de informação”, que sabe a informação completa sobre os serviços que funcionam na cidade e para encaminhar os imigrantes. Entre outras ideias “seria útil **se no centro trabalhassem como voluntários os imigrantes que já moram aqui**”. Ela destacou que só uma pessoa do mesmo grupo pode entender “o que você não entende”. Embora a psicóloga entrevistada não trabalhasse no centro de atendimento dos imigrantes, ela fez pontuações interessantes; o nativo não explica ou pode não saber explicar alguma coisa para o estrangeiro, pois aquilo parece óbvio para ele.

A entrevistada lembrou que durante sua formação cursou a disciplina Psicologia Étnica (resposta à pergunta “Durante a sua formação você se lembra de ter visto temas como migração e raça/etnia em alguma matéria?”). Ela falou que não considerava essa disciplina como da esfera de seu interesse e por isso não se aprofundou.

À pergunta “Para você a psicologia intercultural e os estudos de raça-etnia são importantes para a formação do psicólogo?” **D** respondeu que essa disciplina é importante na formação do psicólogo para este ter a noção sobre seus **limites** como especialista: “a **barreira linguística e cultural é uma coisa séria**”. Outra noção importante é que “os processos psicológicos que acontecem com a pessoa podem ser culturalmente condicionados”.

Uma das minhas últimas perguntas foi sobre como a experiência de trabalho com emigrantes e refugiados a influenciou como psicóloga. A entrevistada respondeu que isso “**amplia a visão do mundo**”, amplia “**o repertório das reações psicológicas possíveis**”, ela ganhou a experiência de lidar com barreiras linguísticas e culturais.

Nessa entrevista é interessante a posição da psicóloga; ela trabalhava com emigrantes e, ao mesmo tempo, era imigrante temporária. Inicialmente, o serviço foi criado para trabalhar na Rússia, mas nos últimos anos por grande parte do tempo a equipe trabalhava no exterior. Como as catástrofes acontecem de modo imprevisível e os psicólogos, junto com o resgate, vão ao local imediatamente; eles não têm tempo para recolher a informação sobre tradições e costumes do local. Os modelos de trabalho podem ser alterados só quando a equipe já está no local. Provavelmente por isso, **D** conseguiu lembrar vários casos, que podem ser classificados como diferença cultural, e

também falar do sentimento de “estranheza”, mau entendimento. Falando da experiência recebida, como os outros psicólogos, **D** destacou que recebeu uma experiência além do comum (que ampliou sua visão de mundo). Entre outras coisas, ela também falou dos limites profissionais.

Descrição da quarta entrevista: psicólogo russo

O psicólogo entrevistado tem 32 anos e define-se como “eslavo com raízes de outras nacionalidades”. Ele faz o atendimento de refugiados na fundação de caridade “Saúde e Vida” e também trabalha em consultório particular. Formou-se na Faculdade de Psicologia da Academia Estadual de Cultura Eslava, com especialização de Psicologia Clínica. Como formação complementar estudou no Instituto de Treinamento e Psicodrama e no Instituto de Aconselhamento Familiar e Terapia Familiar. Vamos chamar ele de **S**.

Na pergunta “Por que você foi trabalhar no serviço de migração?” o psicólogo relatou que essa era a esfera onde ele poderia **aplicar seus conhecimentos**. Porque ele teve preparo (formação) para trabalhar com pessoas com traumas psicológicos. Quando eu pedi para ele descrever o migrante que frequenta o serviço, **S** destacou que ele trabalha com **o grupo restrito**; são **refugiados** dos países estrangeiros distantes da Rússia (a maioria não fala russo). Os migrantes internos, ou migrantes de trabalho ele não atende. Ele falou que é difícil descrever o cliente típico por que são **“pessoas muito diferentes**, com diferentes tipos de personalidades, de diversas famílias e origens sociais, com diferentes níveis de trauma e com diferentes problemas”. Eu fiz outra pergunta, se na opinião dele tem diferença entre cliente-migrante e cliente não migrante. O entrevistado respondeu que a especificidade do **cliente imigrante** é que ele **está nas condições da incerteza**. Depois ele falou sobre condições traumáticas:

“Quando você tem que deixar a sua casa urgentemente, correr sem documentos ou com documento forjado, atravessar ilegalmente a fronteira com risco, entrar em um ambiente onde você responde em monte de perguntas e onde seletivamente tem direito a algo e a algo não tem... os cidadãos da Rússia, que me procuram para pedir a ajuda psicológica, não são submetidos a essa situação”.

O entrevistado distingue duas categorias de migrantes (pergunta “Por que as pessoas migram para outro país?”): migração por **motivos econômicos** e migração **forçada**. Os imigrantes econômicos “procuram uma vida melhor” e “não entram diretamente no âmbito das minhas atividades”. S ressalta que seu trabalho tem orientação de “auxiliar na **adaptação**, na **superação dos traumas psicológicos** para as vítimas da guerra; porque muitos deles sofreram ameaça do perigo físico, alguns conseguiram escapar da prisão e sob pena de morte para deixar o país”. Quando perguntei sobre que tipo de trabalho os imigrantes acham no país de destino, o entrevistado respondeu que não tem a informação a respeito disso. Na opinião dele, alguns realizam trabalho físico, outros conseguem organizar um pequeno negócio.

Na pergunta “Me conte que processos psicológicos ocorrem com o migrante quando ele chega?” o entrevistado distinguiu os seguintes fatores: “a questão da **adaptação**, o **novo ambiente social**, a **barreira da língua**, as **novas condições de vida e a mentalidade diferente**, **falta das fontes de renda habituais** (se não tiver parentes que já se deslocaram e ajudam), **falta dos direitos civis em completo** (que eles tinham no seu país antes do início da guerra)”. O entrevistado me perguntou se eu queria saber exatamente sobre os processos psicológicos que ocorrem depois de chegada ao novo local ou sobre processos psicológicos que provocam o deslocamento. Como ele atende as **vítimas de tortura, hostilidade, violência física e sexual, testemunhas de assassinato dos parentes**, “são experiências traumáticas graves que podem ocorrer quase exclusivamente em situações de guerra”, **pessoas com ferimentos e pessoas que sofreram detenção prolongada**. “Em tais condições, quando as pessoas morrem todos os dias apenas por causa do fato de que há temperatura de 50 graus e não tem comida”; ele chamou a atenção para o fato de que esses acontecimentos não têm a ver diretamente com migração. Continuando a responder, o psicólogo anota que **adaptação ao novo ambiente** (ambiente instável, inabitual) **agrava o sofrimento psicológico**. Porque o novo ambiente desconhecido impõe uma série das novas tarefas de adaptação.

Segundo o S técnicas e conhecimentos que ele aplica no seu trabalho com migrantes vêm da sua formação no Instituto de Treinamento e Psicodrama (três anos) e estudou no Instituto de Aconselhamento Familiar e Terapia Familiar (por dois anos). Ele define sua base teórica como **eclética**. Como autor de referência o entrevistado indicou Virginia Satir. Quando perguntei se durante a terapia ele trabalha principalmente “com palavra” (conversando), o psicólogo respondeu que não necessariamente:

“Por exemplo, quando trabalha com trauma, derivada da violência física ou sexual, é muito difícil ajudar o paciente a superar sua condição, sem, por exemplo, a utilização da **técnica do ‘reagimento’ (reação) à agressão**. Esta técnica não é da fala, mas do processo. Uma técnica na qual o paciente tem que tomar consciência dos seus sentimentos que perturbam o seu estado psicológico no momento (sentimentos a respeito do agressor). Durante o ‘reagimento’ (reação) é criada a situação da segurança física e psicológica para que o **paciente possa literalmente expressar seus sentimentos**: bater, gritar, rasgar alguma coisa, sem causar danos físicos a si mesmo”.

Na pergunta se ele usa algumas técnicas da psicanálise, ele respondeu que respeita a base conceitual, mas não trabalha com essa abordagem. Na pergunta se “Os migrantes que frequentam o serviço se aproximam com facilidade dos psicólogos?” o entrevistado disse que isso é **muito individual**, “tem quem precisa de mais tempo para se sentir confortável, tem quem precisa de menos”. Depois eu pedi para ele falar sobre peculiaridades de atendimento dos migrantes. Como exemplo, S fala sobre casos quando o cliente dá informações sobre a mesma situação que não coincidem:

“(…) antes de começar a ajudar, eu **preciso ter alguns sinais de que a pessoa realmente viveu a experiência narrada...**, por exemplo, [a pessoa] é um migrante econômico, mas disse que é uma vítima da ação militar (na ausência das evidências psicológicas disso). Neste caso, ele imita a cooperação, mas internamente está em oposição; porque acontece que o meu trabalho faz com que ele fale sobre coisas de maneira diversa à que inicialmente planejou”.

Depois fiz pergunta sobre a barreira linguística, e o psicólogo respondeu que se o cliente não fala russo ele trabalha pelo tradutor e não vê outros variantes. Na opinião do entrevistado esse **trabalho junto com tradutor não é menos bem sucedido...** “é uma situação muito comum, claro que eu não sei nem farsi, nem suaíli. Uma coisa que neste caso pode alongar a duração das consultas por que os textos [a fala] são duplicados em dois idiomas”. À minha pergunta se a presença da outra pessoa não interfere o atendimento, o entrevistado respondeu que isso já são detalhes do trabalho profissional dele. Ou seja, ele **precisa construir uma atmosfera de conforto** na consulta individual, no atendimento familiar e na presença do tradutor. Segundo o entrevistado, a presença do tradutor na consulta não causa contradições, pelo contrário, a presença do portador da sua língua para o cliente pode ser positivo. A única dificuldade que o psicólogo mencionou vem do lado do tradutor: **“tem certa lealdade interna com os**

representantes da sua comunidade, e, muitas vezes, isso afeta a qualidade da tradução, do ponto de vista que a pessoa [tradutor] pode restaurar a história. Por um lado, muitas vezes inconscientemente, mudando alguns momentos da história, o que me impede de realizar o meu trabalho com qualidade”.

Falando das técnicas (procedimentos) para facilitar a aproximação com o migrantes, S mencionou “chaves”. A **“chave” é a condição físico-emocional em que está a pessoa**: “começando pela respiração e terminando na posição dos ombros”. Utilizando “chaves”, diz o entrevistado, pode-se dar feed back para o cliente. Outra informação relevante para o psicólogo é o que ele sente no momento da comunicação, a partir disso ele também pode entender em que nível de aproximação eles estão.

Na pergunta se “Existe uma nacionalidade que você considera mais fácil de trabalhar? E tem alguma que você considera mais difícil?” o entrevistado falou que refletiu muitas vezes, discutiu com colegas sobre especificidades nacionais e de gênero. E ele **não vê nenhuma diferença**, por exemplo, **na estrutura familiar em famílias russas e em famílias de outras nacionalidades**. Ele disse que na **“vida real, tudo acontece por uns padrões muito semelhantes”**, partindo da sua experiência, observou que “todas as leis da terapia da família podem ter o seu reflexo lá [na família], se a mulher (ou homem) não pode exercer o poder diretamente, pode exercer indiretamente. Isso não tem especificidade nacional, nem de gênero.” S ressalta que **não achou “especificidade” nacional**, por exemplo, as mulheres muçulmanas revelavam na consulta mesmos problemas do que mulheres russas: violência doméstica, divórcio, conflitos na família.

Quanto pedi para que contasse o que ele sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante e se existe algum desconforto? O entrevistado responde que desconforto pode existir em qualquer comunicação e se falar do atendimento, a primeira tarefa dele é transformar desconforto no sentimento de conforto e confiança. Quando eu pedi para ele falar dos próprios sentimentos, o entrevistado falou que teve diversos:

“(…) claro, quando a pessoa fala sobre algum episódio grave na sua vida eu tenho **empatia** (…). Mas eu sempre olho através do que pode acontecer: **a reabilitação**. Meu objetivo não é apenas dar o **suporte** (embora isso seja importante), mas também ajudar a pessoa a **encontrar uma maneira de sair desta situação**”.

Outro momento importante que o psicólogo mencionou é sobre **limitações profissionais**; ele conhece os especialistas que, por diversos motivos, não trabalham com homossexuais ou com vítimas de violência sexual. Ele não observou para si tais restrições.

Um serviço ideal de atendimento aos migrantes, na opinião do entrevistado, tem que ser simples e acessível. Entre atividades desejáveis estão: **atendimento médico e psicológico, ajuda na formação e na inserção do trabalho**.

Na pergunta “Durante a sua formação você se lembra de ter visto temas como migração e raça/etnia em alguma matéria?”, o entrevistado respondeu que teve disciplinas de **Psicologia Étnica** e **Psicologia da Religião**. O entrevistado não conseguiu lembrar se ele utilizava alguns conceitos na sua prática profissional, porém trouxe um exemplo de diferença cultural em questão da **percepção diferente do tempo**: quando ele convidava pessoas (refugiados) no grupo, chegou à conclusão de que precisava chamar as pessoas com meia hora de antecedência, por que “se convidar 15 pessoas para o grupo, no horário certo vinham só dois, o resto chegava atrasado cerca de 30-40 minutos”.

Falando das diferenças étnicas e culturais, o psicólogo ressaltou que ele diferencia a esfera religiosa da esfera psicológica. No âmbito da psicologia ele vê **os mecanismos do comportamento adaptativo e desadaptativo**, independente da cultura (etnia) do pertencimento. Ele disse:

“Se a pessoa **sobreviveu ao trauma**, terá certa **dinâmica de emoções, independente se a pessoa for um russo, um afegão ou um africano**. Se uma pessoa matou alguém ele também terá certa dinâmica de vivência. Se a pessoa está passando por um divórcio, ele sobrevive a certa transformação das suas visões e da dinâmica dos sentidos, e isso caracteriza a família russa e a família de imigrantes”.

O entrevistado pensa que psicologia étnica (intercultural) e os estudos da raça/etnia são importantes para a formação do psicólogo em princípio para **superar as atitudes xenofóbicas dos próprios especialistas**. Segundo o entrevistado, conhecendo mais sobre outras nacionalidades o profissional pode **ter atitude mais flexível**, perceber outra pessoa como “ser humano com os próprios valores e seus sentimentos”, ser “mais ecológico” no seu trabalho. Falando de como o trabalho com migrantes influenciou sua atuação como especialista, S disse que foi uma **grande experiência prática** e que é

difícil nomear um trauma psicológico com o qual ele não trabalhou. Ele fala que depois da formação não estava pronto para atender, por exemplo, vítimas de violência sexual, mas atualmente está pronto para ajudar.

O que pode ser destacado nessa entrevista é que o psicólogo entrevistado ressalta que no seu trabalho ele vê diferenças individuais (não nacionais) dos clientes e suas técnicas e conhecimentos podem ser aplicados efetivamente independente do gênero/raça-etnia/idade da pessoa. É interessante que ele não mencione as peculiaridades nacionais/étnicas/religiosas que mencionaram outras duas entrevistadas russas. Pelo contrário, fala que “não achou” essas peculiaridades. Mesmo ele tendo trazido uns exemplos da diferença cultural (questão do tempo e atraso, questão de tradução), isso não aparece como importante no seu trabalho. Vale a pena lembrar, que o primeiro psicólogo brasileiro entrevistado fala que foi trabalhar com migrantes por que queria “compreender o que é universal no sofrimento humano”. Na entrevista com o psicólogo russo vemos que o objetivo do trabalho dele é a questão do trauma e sofrimento psicológico e, para o entrevistado, existe diferença nas manifestações individuais (do sofrimento), mas não culturais.

Descrição da quinta entrevista: psicóloga peruana que atua no Brasil

A minha entrevistada trabalha como psicóloga na Casa do Migrante desde 2001. Ela é peruana, tem 57 anos. Ela concluiu a graduação no Peru na “Universidad Peruana Cayetano Heredia” (UPCH) e pós-graduação no Brasil. Fez mestrado no departamento da Psicologia Social da USP e o doutorado no departamento da Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. Para definir sua cor/raça ela incluiu mais uma variante “mestiça”. Vamos chamá-la de **B**.

Como motivo para vir trabalhar no serviço (pergunta “Por que você veio trabalhar no serviço de migração?”) a psicóloga revela que “não existiam serviços psicológicos que trabalhavam com migrantes”. No momento em que **B** começou sua atuação na Casa do Migrante (em 2001), este era o único serviço gratuito que existia para comunidade nipo-brasileira que estava retornando do Japão. O serviço de atendimento de saúde (SUS) não atendia estrangeiros. E ela, na sua própria experiência e pela experiência dos outros imigrantes, sabia sobre a **necessidade desse serviço**.

À pergunta “Como é o migrante que frequenta o serviço?” a psicóloga respondeu que principalmente são pessoas dos setores populares nos seus países:

“Por muito tempo o público era majoritariamente sul-americano e também tinha migrante nacional. Mas esse público foi mudando, já nos anos 2004, 2005, 2006, começaram vir algumas pessoas da África que se hospedaram na Casa do Migrante e posteriormente (em 2012) veio um grande número de pessoas do Haiti”.

Respondendo à pergunta “Porque as pessoas migram para outro país?” a entrevistada destaca algumas vezes que “as motivações para migrar são muito variadas” e “isso é **bem diferente do que outros estudos da migração falam**”. Como ela vê, geralmente “os outros estudiosos de migração entendem migração de uma forma estrutural com uma leitura economicista”. Porém, apesar do motivo do trabalho, no caso, por exemplo, dos “imigrantes bolivianos da rubrica de costura”, ou do refúgio, existem motivos de outros tipos. A entrevistada fala que as pessoas que ela atendia “**fogem de certas situações**”. Entre essas situações, podem estar: situação de **relacionamento**, de luto por **perder um “ser querido”**, situações de **fratura familiar**. O próprio motivo da migração da entrevistada não foi econômico, ela estava “em luto” por que assassinaram um amigo, ela disse sobre a sua migração para o Brasil:

“(...) era muito difícil continuar a vida, eu senti que eu queria sair por um tempo, sair temporariamente, isso era o que eu pensava nesse momento (...) eu já tinha estado aqui [no Brasil], por que é um **país muito verde** e eu gosto de vegetação por que considero que **as pessoas brasileiras são muito alegres**, comparavelmente aos outros países sul-americanos. E eu queria isso, estava necessitando disso”.

Falando do tipo de trabalho que os imigrantes realizam no país quando chegam ela diz “**o trabalho que aparecer... independentemente da qualificação** que eles tem, independentemente da formação profissional ou experiência de trabalho”. Na sua observação, **B** considera que em geral os bolivianos na maioria das vezes “trabalham como costureiros em oficinas de costura (que na maioria dos casos não é propriedade deles e as condições de trabalho são bem limitadas), os haitianos estão trabalhando na construção civil e em alguns em serviços, por exemplo, em restaurantes como cozinheiros ou como garçons”. Entre outras profissões alguns conseguem trabalho como tradutor da língua. Tem mulheres que trabalham como empregadas domésticas ou cuidadoras de crianças.

Como primeiro processo psicológico que ocorre com o migrante quando ele

chega, ela destaca o **choque**. O choque vem por causa do “**encontro com a outra cultura**”, outros **valores** e **outra concepção do mundo**. A psicóloga considera um “**estresse migratório**” e “**estresse de aculturamento**” que pode surgir por que no **novo ambiente** existem muitas demandas e muitas necessidades com relação ao migrante e “ele começa a sentir-se muito **ansioso**”. Por outro lado, a entrevistada destaca que o choque não é necessariamente negativo, pode haver um “**deslumbramento**”. Ela lembrou o psicólogo espanhol Sarriera (que trabalha em Porto Alegre) que fala que o migrante “passa por um período de **lua de mel**”. O migrante pode ter a percepção de “turista”, ficar “deslumbrando com essas coisas diversas”, ver o outro como “**fascinante, folclórico, curioso, chamativo, tropical**”. Ela comenta que essa forma de percepção também é “uma **forma de não considerar igual**”.

Depois eu pedi que ela contasse o que chocou os imigrantes atendidos aqui em São Paulo. Ela fala que nos primeiros quatro anos analisou com calma os registros de pessoas atendidas (que foi o material da tese) e partindo dessa análise pode lembrar que:

“Alguns falaram coisas como: que as pessoas [no Brasil] são alegres, mas não se interessam por eles, não prestam atenção: **os contatos com brasileiros são muito superficiais**. Por exemplo, os hispânicos tem **outra forma de cumprimentar**: eles não falam “oi, tudo bem?”, falam “como estas?”, - e quando eles perguntam como a pessoa está, eles estão esperando que a pessoa conte verdadeiramente como a pessoa está... Mas aqui com cumprimento de “tudo bem?” eles **se sentem forçados a responder que tudo está bem, mesmo não estando**. Eles sentem que se você contar para os brasileiros que as coisas não estão bem - eles não vão dar atenção, não vão querer escutar. Isso não está previsto nessa troca momentânea de cumprimento.

E outros (europeus e norte-americanos) falaram, por exemplo, que sentiam, que a **alegria dos brasileiros é muito barulhenta**, os hispânicos também falaram que a alegria tem muito ruído, se você está alegre, os olhos brilham, não precisa fazer barulho.

Para pessoas hispânicas, por exemplo, tanto da Espanha, como da América Latina, a **disposição geográfica da cidade é incompreensível**, porque as cidades hispânicas foram feitas com desenhos quadrados, e todos tem mais ou menos as mesmas dimensões (que são de cem metros), então a orientação da pessoa é muito fácil, a pessoa facilmente consegue ir até o lugar (...) Aqui [no Brasil] as cidades não foram planejadas, as cidades tem diferentes formas, às vezes cíclicas, - as pessoas demoram muito para apreender a caminhar na cidade, se sentem perdidas”.

Falando das técnicas e conhecimentos que aplica no trabalho com migrantes, a

psicóloga narrou que nomina a sua abordagem como “Psicologia da Migração”. Sobre esta abordagem ela entende diversos conhecimentos que vem das pesquisas com migrantes e de psicólogos com várias bases teóricas. Entre essas vertentes teóricas estão **Psicologia Intercultural, Psicanálise, Psicologia do Comportamento, Fenomenologia**. Essas abordagens, na visão da entrevistada, têm destaques diferentes: “O que é mais sistematizado do que eu li é da Psicologia Intercultural da migração... os psicanalistas trabalham com a subjetividade da pessoa, os fenomenológicos trabalham narrando situações que as pessoas vivenciam, os de vertente comportamental trabalham com técnicas, treinamentos de habilidades para viver em sociedades multiculturais”.

Uma abordagem significativa para a entrevistada é a **Psicologia da Liberdade** (são conceitos de Paulo Freire) que ela conheceu muitos anos atrás trabalhando com populações periféricas nas favelas do Peru. Os conceitos da Psicologia da Liberdade, segundo a entrevistada, ajudam para os migrantes **“aprendem a valorizar a sua experiência”**.

A psicóloga efetua o atendimento individual e grupal. No atendimento grupal o objetivo fundamental é acolher os migrantes que estão chegando na Casa. Segundo a entrevistada, é importante fazer com que eles valorizem a sua experiência e se sintam capazes de passar a sua experiência para os outros, que eles servem de apoio – “eles podem dar apoio para eles, não precisam ser especialistas”.

Como a entrevistada já entrou no assunto de formação eu introduzi as últimas perguntas do roteiro nesse momento da entrevista. Falando da sua formação a psicóloga contou que terminou a faculdade no ano de 1981, ela se especializou na Psicologia Social. Como ela disse, “considero que eu me formei levando muito a Psicologia Social Comunitária”. Posteriormente ela se aprofundou nos estudos sobre grupos e teve trabalhos práticos em grupos feministas. Aqui no Brasil, nos primeiros anos ela trabalhou como professora de inglês e espanhol. Os temas de raça/etnia apareciam na formação psicológica no contexto de discriminação racial e nos estudos feministas. O tema da migração a entrevistada abordou no mestrado na USP. **B** participava do projeto da Implantação do Serviço de Orientação Intercultural (PRO-DOC), sob supervisão da Profa. Sylvia Duarte Dantas de Biaggi. A psicóloga entrevistada considera que a psicologia intercultural e os estudos da raça/etnia são importantíssimos e devem fazer parte do currículo do psicólogo. Segundo a entrevistada, seria especialmente importante nos **países que convivem com realidade de migração**. Esses estudos ajudam a

“**compreender a diversidade humana, os fenômenos psicossociais** que acontecem na **contemporaneidade**”.

Voltando ao meio do roteiro, perguntei se os migrantes que frequentam o serviço se aproximam com facilidade dos psicólogos? A resposta foi que a aproximação não é fácil, por que a maior parte dos habitantes da Casa vem dos países onde “os psicólogos não fazem parte do sistema público de saúde, portanto, as pessoas não estão habituadas, **não conhecem o trabalho do psicólogo**”. A psicóloga faz a divulgação sobre o serviço, mas aparece outro problema “com o público africano, haitiano, ainda a divulgação está sendo lenta por que eu não falo francês e eles falam francês e crioulo (e outras línguas da África)”. A divulgação é feita em português, espanhol e inglês. Quando perguntei como acontece o atendimento em outra língua, ela responde que:

“Acontece através da outra língua, por exemplo, alguns haitianos falam um pouco de espanhol por que já migravam para Republica Dominicana ou Equador. Às vezes (umas duas ou três) eles mesmos trazem a pessoa que fala espanhol. Às vezes eu atendi (que seria o caso de duas pessoas) do Congo e Haiti em inglês, por que eram estudantes universitários, sabiam falar um pouco de inglês. O atendimento focalizado, de forma clínica está acontecendo muito pouco e de forma grupal acontece com outra psicóloga que fala um pouco de francês”.

Perguntei se há alguma diferença no atendimento, por ela ser estrangeira. A psicóloga disse que pode ser que o migrante tenha como preferência o psicólogo do seu país, mas pode ser o contrário. Algumas pessoas querem “**guiar**” o **atendimento**, por isso “eles preferem pessoa de outro país, que não entendem muito as coisas do seu país, por que eles **evitam falar de coisas difíceis** pra eles”. Como exemplo ela mencionou as preferências dos colombianos e peruanos.

Na minha pergunta, se a sua experiência como migrante te ajuda ou atrapalha? Ela respondeu que ajuda por que “me coloco falando ‘**nós migrantes**’, e isso os ajuda a se sentir em situação de mais igualdade”. Entre outras coisas, a entrevistada mencionou alguns exemplos, onde o pertencimento de certo país faz **diferença no atendimento**:

“Uma vez uma pessoa de Equador no final de atendimento me perguntou (o atendimento foi em espanhol) de que país eu era, eu falei e sabia que poderia ter problema e houve um problema. E isso é o caso do Equador e o Peru, por que houve uma guerra, e os equatorianos sentem que perderam a vitória e para eles é uma coisa ruim, (perder não é

fácil, nunca), para eles não é uma situação confortável, os peruanos não são bem vistos. E para os peruanos é diferente, por que foram ganhadores, para eles é mais fácil. O peruano tem problemas com os chilenos, que foi igualzinho, perderam território. Então, o peruano não gosta geralmente do chileno (não é meu caso). E para o chileno tudo bem, por que eles ganharam (...) quando foi a minha pesquisa de mestrado, apareceu [dificuldades no atendimento] com relação a um chileno, o chileno pensou que eu não iria tratar ele bem por eu ser peruana”.

Na pergunta se existe uma nacionalidade que você considera mais fácil de trabalhar? E tem alguma que você considera mais difícil? A entrevistada falou que a dificuldade se dá na barreira linguística, quando ela “não tem a mínima ideia do que eles estão falando”. Depois ela falou que “tem um público muito especial, **sul-americano andino**”. À cultura andina pertencem as pessoas que moram perto da cordilheira dos Andes (tem no Chile, Peru, Bolívia, Colômbia e na Argentina). Como peculiaridade de representantes dessa cultura ela destaca que “**são pessoas um pouco tímidas** com alguém que não pertence à cultura deles, entre eles são muito comunicativos”. A psicóloga conhecia essa cultura - “eu li livros, a minha mãe era muito andina, ela foi criada por uma babá andina” - desse modo para ela não era difícil de estabelecer o contato.

Eu perguntei da questão religiosa, como isso aparece no atendimento. Ela revelou que como pretendia atender a todos (independentemente da religião) no início do seu trabalho na Casa não prestou atenção no aspecto religioso (não analisava). Porém depois ela começou a refletir a respeito disso:

“Depois no final de 2003 eu comecei a escutar que muitos bolivianos tiveram religião evangélica. E um assunto importante, teve uma senhora, ela me dizia que ela **era católica na Bolívia, mas decidiu mudar de religião aqui** por que ela tinha marido alcoólatra... nas religiões protestantes o álcool é proibido... Então, para **ajudar o marido a não beber mais**, recomendaram que ela mudasse a religião. [Depois da minha pergunta se o marido mudou também] (...) Como acontece na maioria das vezes **a religião é uma prática da mulher**. E os homens, não sei, não foi uma coisa que eu analisei bastante, eu acho que eles gostam de ir nas celebrações católicas por que eles bebem depois da missa e o padre não fala nada”.

Na pergunta o que você sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante? Existe algum desconforto? a resposta foi a seguinte: “**muito variado**, depende da situação... tenho que ter cuidado para que **não**

haja uma identificação". A entrevistada revela que acontecia de ela ter pensando que "já passou por algo semelhante" e pode ter o sentimento forte de **solidariedade**, porém a identificação total pode impedir de ajudar quem é atendido. Como narra a entrevistada, às vezes "são **situações terríveis** que se eu não fosse psicóloga, não tivesse uma formação, daria pra dar um grito das coisas tão terríveis que aconteceram com essas pessoas de **humilhação**, de **opressão** (...) onde eles viveram condições **pejorativas** onde os **problemas de discriminação de raça de classe se misturam**".

Pedi à entrevistada para responder se tem diferença entre atender um homem ou uma mulher? Ela deu a resposta que: "Eu acho que sim, mas às vezes parece que não". Nos atendimentos dos **homens bolivianos** para a psicóloga parecia que eles **contavam coisas muito livremente**. Ela tem a hipótese que "talvez a **necessidade deles de ser escutados** fosse tão grande que não interessava se iria ouvir uma mulher ou um homem". A outra hipótese tem a ver com a cultura, por que "**na cultura andina, as pessoas mais velhas são guias**, são entendidos como pessoas que orientam". Essas pessoas [homens bolivianos] que me procuravam quase todos eram mais novos do que eu. Talvez por isso me ouviam, que eu como mais velha tenho algo para falar para eles".

Ente outras coisas, a entrevistada destaca que a **socialização** marca muito, por exemplo, se a pessoa era socializada nos países conservadores daria pra ver **as diferenças muito grandes entre mulheres e homens**. Como exemplo ela fala sobre "o caso das pessoas andinas que eram fundamentalmente bolivianos". Segundo ela as diferenças são visíveis:

"(...) homens tem certas vantagens econômicas, onde eles tomam decisões, eles podem bater na mulher se ela não fez algo do jeito que eles queriam, eles devem ensinar e também castigar suas mulheres. Como se elas fossem menores de idade, que não sabem que o homem deve corrigir, orientar".

Eu perguntei como essa atitude é revelada na consulta, se as mulheres veem isso como um problema. **B** responde que os homens falam de "forma ingênua", "natural". A psicóloga sabia de três casos e nesses casos, pelo lado das mulheres a violência doméstica foi "um problema para uma delas, para outra tinha outro problema mais importante e para última não era problema".

Outra pergunta foi se há diferença na estrutura familiar de famílias de diferentes nacionalidades. Ela disse que na cidade de São Paulo não é comum **atender as famílias**

ampliadas (extensas); são famílias onde além dos pais e filhos, tem avós, tios, primos. A psicóloga explica que as pessoas da Bolívia geralmente **consideram “família” a todos** (tios, cunhados, sobrinhos), assim “eles devem explicações a um número maior de pessoas, mas também eles podem contar com um número maior das pessoas”.

Na pergunta sobre como ela imagina que seria a organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes? A entrevistada destacou que precisa ter **diversos profissionais** (um advogado, um assistente social, um psicólogo). É importante que sejam pessoas políglotas, que **falam diversas línguas**. **B** destacou que tem certo perigo de colaborar com tradutores voluntários: “você trabalha com voluntários, e se você não sabe a língua, você não sabe a qualidade do intérprete. Por outro lado, a postura da pessoa, a pessoa pode falar a língua muito bem, mas a pessoa não tem condições de se relacionar com o outro”. Com relação ao serviço psicológico ela destacou que seria bom ter uma **equipe de psicólogos**. Por que, por exemplo, para trabalhar com o grupo precisa de dois psicólogos no mínimo: “uma pessoa está livre para conduzir e outra pessoa faz a observação”. E a última coisa ressaltada, que para ela faz falta, é a existência de um psicólogo que tenha especialização com crianças.

No final eu perguntei como o seu trabalho com migrantes colaborou para você como especialista, como psicóloga? Ela falou que **conheceu muito** mais da **migração**, da migração internacional. E perguntei se ela pretende continuar o seu trabalho com migrantes. A psicóloga respondeu que “gostaria muito... tenho que falar com os padres aqui, o que eles pensam... Enquanto a minha pesquisa continua, tenho material riquíssimo que ainda está cru, então, eu tenho para a vida toda”.

Comparavelmente com as entrevistas anteriores, nesta entrevista os aspectos interculturais e étnico-raciais foram discutidos muito mais. A psicóloga entrevistada tem grande experiência nessa área de atuação e o interesse profissional dela tem a ver diretamente com a migração. Além disso, ela atua fora do seu país de origem. A terceira psicóloga russa também atuou fora do país, na entrevista dela as peculiaridades culturais apareceram mais fortes do que nos outros (com exceção dessa entrevista).

Descrição da sexta entrevista: psicólogo brasileiro

O psicólogo entrevistado tem 27 anos, ele fez a graduação na USP. Se declarou branco. O entrevistado veio fazer estágio no serviço de atendimento dos migrantes por

que os amigos lhe falaram sobre esse estágio. Porém, ele teve interesse no tema migração porque a família do seu avô veio da Romênia para o Brasil. Antes de fazer esse estágio, ele não estudava sobre migração. Vamos chamá-lo de **P**.

O entrevistado considera que na Casa do Migrante sempre teve muitos imigrantes africanos (do Congo, alguns da Angola e Gana). Mas quando ele chegou para trabalhar no serviço (em 2010), grande parte dos imigrantes que estavam na Casa (migrantes que frequentavam o serviço) eram latino-americanos. Também no início do seu estágio, **P** relata que tivera mais (do que atualmente) europeus e do leste-europeu. Atualmente, supõe que 90% sejam do Congo ou do Haiti.

O entrevistado distingue três tipos de migração: “a **migração por acidentes naturais** (muitos casos do Haiti são por conta disso), tem a **migração forçada**, por perseguição política (muitos casos do Congo tem a ver com isso), entre os conflitos de guerra e assim as pessoas fogem e tem uma migração que é por entender que o Brasil tem uma posição econômica melhor que o país de origem”. Falando da motivação (por que as pessoas migram para outro país) tem “uma promessa na cabeça” de vida melhor, “principalmente no **fator econômico**”. Entre outras razões, **P** trouxe como exemplo uma pessoa homossexual que não era aceita no próprio país.

O trabalho que os imigrantes realizam no país quando chegam principalmente é manual e **não na área que estão graduados**. O psicólogo considera que alguns conseguem “fazer contatos” e desse modo trabalhar na sua área, porém “a maior parte consegue trabalho como pedreiro, em oficinas de materiais ou carregando caixas e esse tipo de coisa”.

Respondendo à pergunta sobre que processos psicológicos ocorrem com o migrante quando ele chega, o entrevistado disse que para as pessoas que fugiram de guerras ou de perseguição política, é muito comum ter “**muita dificuldade em aceitar a começar uma vida social aqui**”. Quando eu pedi para especificar que tipo de dificuldades, **P** responde que:

“Pode ser de diversas formas, não sair de casa, não buscar trabalho, ou quando consegue, não produz no trabalho, ou mesmo já está trabalhando já tem algum dinheiro, mas não consegue se mudar pra um lugar sozinho, esse tipo de coisas que entram num novo fator de ter feito uma migração recente. São o que pega pra ele conseguir fazer parte de um novo ambiente social. [Respondendo na minha pergunta se essas dificuldades tiveram mais a ver com o que levou as pessoas a migrar ou com a outra cultura em que eles estão agora] Acho

que as duas coisas, acho que mesmo a pessoa que não veio fugida, que veio tentar, geralmente é mais fácil, mas como **o choque da cultura** é muito grande, eles sentem visivelmente. Bom, todos eles, mas **principalmente os negros as mulheres sentem todos os tipos de preconceitos** de gênero e raciais que tem aqui no Brasil, eles sentem na pele, **literalmente na pele**. Isso quando eles vão procurar trabalho, quando eles andam pela rua, então isso traz muitas dificuldades para o estabelecimento aqui”.

Depois eu perguntei sobre se os migrantes tiveram a suspeita de que seria assim ou que foi uma surpresa pra eles? O psicólogo falou que pode ser “**uma grande surpresa**” por que existe uma **imagem sobre o Brasil como lugar de oportunidade** e que “**todos são aceitos**” aqui. **P** menciona também que muitos migrantes “nem imaginavam que iam ter que ficar em algum abrigo”. Por que a pessoa pode vir aqui com recursos financeiros e formação e “não conseguem o trabalho rápido e tem que ficar gastando esse dinheiro, e de repente viu que não tem mais nada, ou muitas vezes eles são surpreendidos por roubos, eles chegam, são roubados, todos os documentos, todo o dinheiro, e **acabam numa situação que não esperavam**”. Eu pergunto se as pessoas que tem a experiência negativa aqui consideram a possibilidade de voltar para o país de origem. O entrevistado responde que para a maioria dos migrantes com quem ele trabalha isso seria “um fracasso total”. Por que muitas vezes, segundo o entrevistado, os migrantes deixam suas famílias e vem pra cá para “tentar uma vida nova pra mandar dinheiro pra família”, também “muitas vezes tem um investimento financeiro para ele vir, pra ele comprar a passagem é um investimento muito alto pra o que ele ganhava no país, então **a família inteira espera que ele seja o salvador...** eles, mesmo estando em situações ruins aqui, **não contam para as famílias, por vergonha, por não querer preocupar**”.

As principais técnicas e conhecimentos que o psicólogo utiliza com migrantes são técnicas da psicanálise, “também de **psicanálise social**”. O atendimento não acontece sob cânones da psicanálise tradicional, o entrevistado narra:

“(...) lá nós não temos uma sala, a gente **atende no espaço comum** da casa, muitas vezes mais de um psicólogo atende a mesma pessoa, nunca a gente vai buscar a pessoa pra atender, mas nós podemos puxar conversa, até porque é o espaço que é a casa deles, e nós temos muito cuidado pra **não forçar** eles serem atendidos, lá é um espaço de moradia não de atendimento”.

Como principal conceito da psicanálise que se usa no atendimento, o psicólogo destacou a **transferência**, este conceito permite que o trabalho passe “sem enquadre predefinido”. **P** procura acessar o inconsciente e talvez chegar à experiência que “a própria pessoa desconhece” sobre si. Entre outras atividades ele mencionou que já foram feitas oficinas de crianças com brincadeiras, oficinas de atendimento em grupo, oficinas de português. Quando há atendimento da criança geralmente os pais também são acompanhados.

Eu perguntei como ele lida com o atendimento em outra língua? O entrevistado ressaltou que o principal **objetivo** do atendimento é “**estabelecer uma comunicação, um vínculo**, que é uma das maiores dificuldades de muitos migrantes aqui”. E o vínculo pode ser mantido não necessariamente pela língua; “(...) o atendimento é feito na língua em que se pode ter uma comunicação, muitas vezes são feitos em inglês, muitas vezes em francês ou espanhol, mas não é tão importante a língua, a palavra, mas sim o vínculo que está se formando entre o psicólogo e o migrante”.

Na pergunta se os migrantes que frequentam o serviço se aproximam com facilidade dos psicólogos? Você tem algum procedimento para facilitar essa aproximação? O entrevistado respondeu que alguns se aproximam com facilidade, e outros não e tem alguns que “dá para notar que querem se aproximar, mas tem algo que os impede”. Os psicólogos estão na Casa, no espaço comum, eles cumprimentam os migrantes, fazem comentários do cotidiano “para ver quem vai engatar em uma conversa”. Isso é o procedimento para facilitar a aproximação.

Perguntei se os migrantes procuram o psicólogo e quais expectativas eles tem como o atendimento. Ele respondeu que muitas pessoas “**não entendem que trabalho faz o psicólogo**” porque não tem psicólogos no país de origem. Nos casos quando sabem do trabalho que faz o psicólogo o interesse pode ser “mais direto”; a pessoa fala que, por exemplo, **não consegue dormir**, está muito **ansiosa**. Segundo o entrevistado, a conversa geralmente começa das questões objetivas (que tem a ver com o trabalho, os documentos) e o trabalho do psicólogo, dando atenção a isso, e “**tentar ir para além**”.

O entrevistado destacou que a dificuldade do atendimento pode se dar na **barreira linguística** (por exemplo, ele fala pouco francês), mas ele não consegue falar em termos de que tem uma nacionalidade que considera mais fácil ou mais difícil de trabalhar. Mas as pessoas do mesmo país podem ter experiência de vida parecida:

“(...) as pessoas que vem do Congo em sua maioria participaram de conflitos, saíram por motivos de perseguições políticas, tem certas necessidades, muitos latino americanos que são artistas de rua, ou que fazem objetos de decoração como pulseiras tem umas necessidades diferente de atendimento (...) na época que tinham mais pessoas da Europa eram pessoas com envolvimento no tráfico de drogas, ou que já tiveram envolvimento, até mesmo pessoas que foram usadas por traficantes sem saber, - são questões muito diferentes”.

Outro fator notável é que os latino americanos falam pensando que psicólogos já sabem alguma coisa sobre os países deles, e os africanos “quando contam sobre o país deles imaginam que talvez nós nem sabemos que país é esse”. A pergunta sobre se há uma diferença entre atendimento dos homens e mulheres **P** respondeu que “tem países onde **as mulheres não ficam muito nos espaços comuns**”, e para acontecer o atendimento o psicólogo pode se aproximar desses espaços. Ele tem notado que as mulheres do Congo formam um grupo e “ficam em roda conversando, enquanto os homens estão dispersos pela casa conversando individualmente”. No final da entrevista perguntei sobre diferença de atendimentos dos brasileiros e dos imigrantes. O psicólogo respondeu que ele atende os brasileiros que procuram uma consulta e “isso muda muita coisa”. Por que nesse caso a pessoa já tem as ideias do que espera da consulta e ele **não precisa ser “tão inovador, criativo”**. Perguntei o que os imigrantes estranham (acham curioso) em São Paulo. O entrevistado respondeu que os imigrantes africanos e europeus estranharam **moradores de rua**. Alguns migrantes estranharam travestis e homossexuais.

O psicólogo revelou que ele já sentia desconforto (quando estava no serviço de atendimento dos migrantes) quando acompanhava **casos difíceis, de sofrimento muito intenso**. E estava se sentindo contente depois de saber que ajudou a melhorar a situação de alguma forma. Perguntei se teve casos de atendimento prolongado. O psicólogo deu como exemplo o caso de um angolês, onde o atendimento durou por 1-2 meses:

“(...) a conversa era sobre trabalho e no final do atendimento me falou que não consegue dormir há muito tempo (...) que tinham algumas ideias que não paravam de incomodar ele. Eu dizia que estaria lá na semana seguinte e ele sempre vinha me procurar [Eu perguntei qual era a história dele?]. Ele fazia parte de um partido de oposição, a mulher dele também fazia parte de um partido de oposição, então eles eram perseguidos, eles não conseguiam trabalho lá, então ele deixou a família dele e veio para cá procurar trabalho. Era um caso em

que ele **se preocupava muito com as condições que a família estava passando por lá**, ele não contava que estava sem emprego aqui, que ele estava em um abrigo, então ele tinha que segurar sozinho esse problema de renda e também de não poder conversar sobre as dificuldades com a família”.

A organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes tem que ser, segundo o entrevistado, interdisciplinar. Com a presença dos profissionais das várias áreas: assistente social, medico, psicólogo; tem que ter moradia. Falando do serviço psicológico, é importante ter psicólogos que “fazem parte de outro serviço”. Por exemplo, como na Casa do Migrante. Ele notou que os migrantes **não vão ao serviço psicológico** (gratuito) **se ele estiver fora da Casa**. Ele confessou que: a proposta de atendimento psicológico parece “pouco”, parece “que não vale a pena”; por que o migrante está preocupado com outras questões “objetivas”.

Na pergunta se durante a sua formação você se lembra de ter visto temas como migração e raça/etnia em alguma matéria? O psicólogo lembrou que teve a disciplina “Diferenças, Construção Social e Constituição Subjetiva” da Profa. Miriam Debieux Rosa. Na pergunta se você já ouviu falar de Psicologia Intercultural? O entrevistado respondeu que já ouviu, ele participou de uma apresentação da psicóloga francesa Marie Rose Moro dedicada também ao assunto. O entrevistado considera que os estudos da raça/etnia são importantes para a formação do psicólogo **especialmente no Brasil** por que atualmente **tem um “boom” de migração**. Ele acredita que seria importante que a **psicanálise** pudesse pensar as “**novas formas além do consultório** ou grupo convencional”; no “grupo de Miriam a gente fala da psicanálise política”.

A última pergunta foi sobre como a sua experiência com migrantes contribuiu para você como especialista. O entrevistado revelou que **aprendeu muito sobre “clínica”**. E esta experiência ajuda bastante no seu trabalho no consultório.

Interessante que refletindo sobre sua experiência no atendimento dos migrantes todos os entrevistados revelaram que receberam uma experiência “além do consultório”, além do atendimento comum e que precisavam ser “criativos” no seu trabalho com os migrantes. Este entrevistado aprofundou que existe uma imagem sobre a vida no Brasil e essa imagem pode ser ilusória. Ele falou bastante sobre o tipo de atendimento psicológico que não é comum, que é o atendimento em campo, onde a comunicação ocorre no “espaço comum”.

Descrição da sétima entrevista: psicólogo brasileiro

O quarto psicólogo brasileiro entrevistado é um homem de 30 anos, ele definiu sua cor/raça como branco. Ele se graduou na Faculdade de Psicologia da USP e fez mestrado em Psicologia Clínica. Ele entrou no grupo de psicólogos que atuam na Casa do Migrante em 2006 e saiu em 2012. Na entrevista vamos chama-lo de C.

Durante a sua formação, o entrevistado se interessava por psicanálise e teoria social. Ele participava do grupo de orientação da Profa. Miriam Debieux Rosa, e a partir disso entrou numa vaga para trabalhar no serviço de migração na Casa do Migrante.

Respondendo à pergunta Como é o migrante que frequenta o serviço?, C ressaltou que durante o tempo que ele atuava no serviço, a consistência do **fluxo migratório mudou bastante**. No início vieram “muitos migrantes brasileiros e africanos e algumas pessoas da América latina”, a partir dos anos 2008-2009 aumentou o número de imigrantes africanos e começou a diminuir o número de imigrantes latino-americanos: “começou a ter só refugiados, principalmente refugiados colombianos”. E também começaram a vir os imigrantes da Ásia (alguns de Nepal e de Bangladesh).

O entrevistado distingue três tipos de migração: **refugiados, migração econômica e pessoas que “tem grande prazer de viajar”**, isto é, pessoas que “não param em um lugar nunca”. Dependendo do grupo os motivos que levam as pessoas para migrar para outro país são diversos. No primeiro grupo os migrantes fogem da guerra, violência e nesse grupo é importante a “questão de **sofrimento e trauma**”. No segundo grupo, conforme o entrevistado, os imigrantes esperavam “conseguir um trabalho melhor”, “a vida melhor” e muitas vezes acabam sendo **frustrados**; não conseguem ter rápido os documentos, arranjar o trabalho.

Desenvolvendo mais o assunto sobre imagem do Brasil, o psicólogo falou que tem uma **imagem que o Brasil** é país de “**carnaval e futebol**”, “uma **terra de grandes festas e vida fácil**”. Quando perguntei sobre a imagem de São Paulo e o que os imigrantes estranharam aqui, C mencionou que “foi um **choque**” **ver tantos moradores de rua** no centro de São Paulo. Os imigrantes internos, segundo C, tiveram a imagem de **São Paulo** como “grande cidade do Brasil, um **lugar cheio de indústria e de comércio**” e como cidade que “tem **bom sistema de saúde**”, de modo que alguns migrantes vieram para cá para se tratar aqui. C falou que acabar num abrigo foi uma situação inesperada para os migrantes:

“(...) a maioria não conhece o que pode acontecer aqui (...) eles estavam na estação de ônibus, recém-chegados, foram assaltados, perderam malas, perderam documentos, e foram encaminhados para o abrigo pela própria assistente social da estação daqui (estação Tiete)”.

Na pergunta sobre que tipo de trabalho os imigrantes realizam no país quando chegam o entrevistado respondeu que são “os **trabalhos mais precários** que tem”. O entrevistado traz um exemplo relacionado às condições do trabalho: os bolivianos vêm para o Brasil “achando que vão conseguir dinheiro mais fácil” aqui e acabam entrando no trabalho (trabalho de costura) com condições muito precárias: “trabalho escravo”. Entre outros trabalhos estão: trabalhos na construção civil, camelôs na rua, na área do comércio. C ressalta que problemas de **regularização e validação de documentos** impedem os imigrantes de achar melhor trabalho:

“Só o refugiado aqui consegue cidadania mais fácil, não sei se chega algum pedido de anistia (...) Os outros ficam um pouco como migrantes aqui, não como cidadãos, não conseguem tirar carteira de trabalho. Muito difícil eles conseguirem alguma coisa com mais direitos e legalidade (...). Mas isso tudo ajuda pra eles só depois de um grande período (...) Tinha muitos **refugiados aqui da África, do Congo**, que vieram pra cá já tendo feito uma universidade **eram professores universitários** (...) quando eles chegam aqui, **diploma deles não é valido** (...) eles tiveram um choque subjetivo muito grande (...) eles chegaram pra cá e já começaram a trabalhar, por exemplo, como pedreiro (...) e antes eles davam aula na Universidade (...) e mesmo para quem teve a carteira do trabalho era muito difícil de conseguir alguma coisa por que justamente o diploma deles não é valido”.

Entre processos psicológicos que ocorrem com o migrante quando ele chega o entrevistado destacou: **desterritorialização, estranhamento com costumes, língua diferente**. No caso de refugiados, C falou que era importante a questão do trauma, o atendimento teve a proposta de ajudar aos migrantes “fazer **novos laços**” com novos objetos que eles estão encontrando. Depois pedi para especificar o que **os imigrantes estranharam** (ou reclamaram) aqui em São Paulo. C disse que os imigrantes:

“Reclamavam muito justamente de coisas de **pobreza** que encontraram por aqui, também dos **preços**. O **choque** de vir pra cá e ver pessoas morando na rua, que eles não viam isso no país deles (mesmo quem veio de país mais pobre que o Brasil). Viam pessoas assim

morando nas ruas e sujas falavam pra mim ‘parece que abandonaram a vida’. A gente até chegava a pensar se eles tinham medo que isso pudesse acontecer com eles”.

Uma das coisas que ele também trouxe era que os(as) bolivianos(as) estranharam “o jeito da mulher brasileira”. Ele imaginava que quando uma família da Bolívia começava morar em São Paulo, onde “o contexto familiar não é tão conservador como lá na Bolívia”, **as mulheres bolivianas** começaram a fazer coisas “**mais autônomas**” e isso causava conflitos familiares e “**violência contra mulher**”. Outra coisa que C destacou foi que alguns haitianos ou africanos “**da pele negra sofreram preconceitos no centro de São Paulo**”. Segundo o entrevistado:

“No começo acharam que as próprias pessoas de São Paulo eram muito frias (...) quando tentaram abordar a pessoa na rua **a pessoa já fugia um pouco** (...) como se eles fossem ser agredidos. Começaram a ver que tinha muito a ver com a cor da pele deles (...) **as pessoas se assustavam muito mais com eles** (...). Foram xingados, **ofendidos na rua por causa da cor da pele** (...) ficavam bem ofendidos com isso”.

Na minha pergunta se o preconceito aparecia na inserção de trabalho, C respondeu que sim. Ele deu o exemplo de que alguns bolivianos que reclamaram que **o empregador**, depois de saber que eles são **imigrantes bolivianos**, **tentou enganá-los**, “dar o golpe”; também alguns revelavam que foram tratados (chamados) de “burros”, “pobres” e outros.

Na pergunta Que técnicas e conhecimentos de psicologia você aplica no trabalho com migrantes? o entrevistado respondeu que a abordagem dele era psicanálise, mas não fazia “uma clínica psicanalítica tradicional; usava o esquema de ficar rodando pelo próprio pátio da casa do migrante, conversava com pessoas via que estavam interessadas em continuar a conversa”. **O objetivo** era **criar** um “**ambiente de escuta**” e ajudar aos migrantes “fazer laços entre si”, para eles não ficarem isolados ou isolados no grupo da sua nacionalidade. O entrevistado falou que teve dificuldades de barreira linguística, ele não trabalhou com tradutor, mas em alguns casos precisava “improvisar”, usando às vezes desenhos ou gestos.

C relatou que os migrantes não se aproximam com facilidade dos psicólogos. A estratégia para facilitar a aproximação foi “frequentar o pátio” da Casa, tentar começar a conversar com os migrantes, convidar para o grupo, mas “nada muito insistente”. A

outra estratégia foi montar uma **oficina de português**; nas aulas de português os imigrantes contaram suas próprias histórias, o percurso, era uma “espécie de **troca cultural de diferentes nações**”.

C pensa que a difficuldade ou facilidade de atendimento tem a ver não com nacionalidade do migrante, mas com o contexto que fez a pessoa sair do país. Com **os refugiados** que **sofreram violência física e sexual**, saíram do país deixando tudo; o atendimento é mais difícil e cuidadoso. Agora tiveram os imigrantes (o entrevistado deu exemplo de refugiados de Cuba) que planejaram tudo, “sabiam o que estavam querendo, sem problema nenhum”. C falou que considerou difícil a aproximação com pessoas da Ásia (da Birmânia e Bangladesh), por eles serem “mais afastados”.

Perguntei se houve diferença de atender homens ou mulheres. C disse que **atendia principalmente homens**. Um dos motivos foi por que a maioria das mulheres tinham filhos e passavam muito tempo no espaço “quarto das mães”, onde o acesso para os homens foi proibido. Outro motivo foi que as psicólogas mulheres preferiam atender as imigrantes e crianças, por que “acontecia muito de os homens da Casa tentarem se aproximar das mulheres de um jeito sedutor (...) isso incomodava bastante as psicólogas”. Entre as mulheres que ele atendeu estavam venezuelanas, colombianas e bolivianas. Eu perguntei se ele notou alguma diferença, C respondeu que para alguns (principalmente bolivianas) parecia que era difícil de se abrir para conversar **com o psicólogo homem**.

Em relação ao fato de existir diferença de atender migrantes ou brasileiros, C falou que no atendimento com os brasileiros “vai por outros cantos e com migrantes afunilava”. Ele pensa que o contexto do local (um albergue dos migrantes) influenciava nos assuntos que foram levantados por ele ou pelos imigrantes durante os atendimentos, ou seja, “**tudo se afunilava de falar sobre migração**”. Depois perguntei se o psicólogo notou alguma diferença na **estrutura familiar**. Ele respondeu que sim, e trouxe alguns exemplos:

“Com **mães africanas**, independente dos países mesmo com angolanos, somalianos acontecia muito que (quem se preocupava mesmo com isso eram os brasileiros que trabalhavam na casa do migrante), eles [brasileiros] começavam a reclamar muito que as mães africanas não cuidam dos filhos, porque **os filhos ficavam soltos** andando pela Casa do Migrante, conversava com qualquer adulto (...) e isso até a gente foi conversando com as mães africanas e elas disseram que ‘acontece que **no nosso país não é só a mãe quem**

cuida, são todas as pessoas da comunidade que acabam cuidando da criança’. Então a gente começou a falar isso para as assistentes sociais (...) que isso é **uma coisa cultural**”.

C destacou que num serviço ideal de atendimento dos migrantes, seria importante o **treinamento dos funcionários para lidar com questões linguísticas e culturais**. Ele viu que para os funcionários da Casa (que não tiveram formação para trabalhar com migrantes, por exemplo, pessoas da cozinha ou da segurança), às vezes era difícil lidar com diversidades culturais. Porém, nos casos quando um migrante “estava complicado” ou causava problemas na Casa, os funcionários consultavam os psicólogos.

O entrevistado falou que não lembra de ter visto na sua formação temas como migração e raça/etnia em alguma matéria, os temas relacionados com a migração ele estudou no grupo de supervisão da Profa. Miriam Debieux Rosa. C já ouviu falar de Psicologia Intercultural, mas não soube falar a respeito dessa disciplina. Ele lembra que foi num seminário dedicado a esse assunto quando estava no intercambio na França.

Eu perguntei como ele avalia **sua experiência como migrante** na França? O psicólogo disse que no primeiro dia que ele chegou em Paris ele se sentiu “**como se fosse uma criança** e tem que aprender tudo de novo”. Durante um ano de estágio ele, em geral, se comunicava com os brasileiros e latino-americanos e não fez “quase nenhum contato” com franceses (especialmente de Paris).

Segundo o entrevistado, os estudos interculturais e da raça/etnia são importantes na formação do psicólogo por algumas razões. Se o psicólogo trabalha com migrante ele precisa estar pronto para **entrar em contato “com algo diferente”, “estar aberto”**. Segundo o entrevistado “sempre ajuda ter um pouco de conhecimento de cultura” da pessoa com quem o psicólogo interage. Lembrando-se da sua experiência na Casa, o psicólogo falou que tendo contato com os migrantes, ele percebia que tem “**pequenas coisas** (pequenas regras de lidar com pessoas) **de costumes** que para gente parece muito certo, seguro, e outra pessoa está fazendo completamente diferente”. C pensa que para o psicólogo seria útil saber que:

“(...) tem umas **coisas específicas que os migrantes acabam passando** (...) coisa de adaptação, de descentralização (...) justamente casos de refugiados que pareciam que estavam loucos que se a gente olhasse com um olhar mais conservador psicanalítico, pareceria que está ali num surto e quando se vai ver eles passaram por um processo

difícilimo, muitos deles saíram de um contexto de guerra, perderam parentes, sofreram violências, chegaram num país de uma língua que eles não falam, eles não entendem como funcionam as coisas, isso que eles passam não é uma desorganização mental patológica, é uma situação que eles estão sofrendo (...) então eu acho que ter um contato com isso **evitaria uma espécie de patologização do migrante**”.

O entrevistado pensa que a experiência de trabalho com os migrantes o deixou como especialista, ter mais “**abertura de escuta**” que a escuta dele “**não seja muito mecânica**”. Ele gostaria de voltar para trabalhar com os migrantes se o trabalho tivesse remuneração.

Com relação à descrição de serviço da Casa e a atuação do psicólogo, pode-se dizer que essa entrevista tem a proximidade com entrevistas anteriores (efetuadas no Brasil). Por exemplo, as descrições de método, forma e objetivo de trabalho do grupo dos psicólogos que atuaram na Casa são muito parecidas com as descrições dos psicólogos anteriores. E a descrição do fluxo migratório é muito parecida com a da psicóloga B. Nessa entrevista, C revela várias novas facetas do tema sobre imigrantes: as diferenças culturais podem causar desentendimentos entre os próprios migrantes de nacionalidade diferente ou entre migrantes e funcionários (do albergue); conhecimentos interculturais e da migração podem evitar a patologização do migrante. Podemos supor que o entrevistado conhece assuntos sobre diferenças culturais por que teve experiência como migrante.

Categorização das entrevistas

Como a pesquisa teve um caráter exploratório, formulei as categorias como interrogações sendo distinguidas cinco categorias:

- 1) Quais conhecimentos psicológicos os psicólogos aplicam no seu trabalho? O psicólogo tem conhecimentos específicos sobre migração?
- 2) Como os conhecimentos sobre a migração (os migrantes) ou/e sobre outras culturas poderiam contribuir para a atuação do psicólogo no serviço de atendimento dos migrantes?
- 3) O que o psicólogo pode ganhar no sentido profissional e individual, trabalhando no serviço de atendimento a migrantes?

- 4) Quais procedimentos poderiam aprimorar os serviços de atendimento aos migrantes em São Paulo (Brasil) e em Moscou (Rússia)?
- 5) Qual é a situação social dentro de cada país a respeito dos migrantes? Quem são os migrantes atuais?

A seguir apresento os principais conteúdos de 07 entrevistas distribuídos nessas categorias, de modo que o leitor possa ter uma visão ampla das convergências e divergências acerca do material coletado. Na última categoria incluímos frases relacionadas do grupo focal com estudantes de psicologia que fizemos para testar as perguntas do roteiro de entrevista. A descrição e análise completa do grupo focal encontra-se no anexo II. Embora os participantes do grupo focal não tenham experiência de trabalhar com os migrantes (com exceção de uma participante), eles tiveram contatos com migrantes (como amigos, parentes e nas viagens), trazendo representações sobre a imagem do Brasil e a situação atual da migração no país.

Categoria - 1	Quais conhecimentos psicológicos os psicólogos aplicam no seu trabalho? O psicólogo tem conhecimentos específicos sobre migração?
Entrevista 1, entrevistado K (psicólogo brasileiro) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [fenômenos relacionados a migração] desenraizamento; • adaptação; • inclusão; • diferenças; • construção individual e construção coletiva; • não aproveitei muito este curso [sobre disciplinas dedicadas à migração]; • nunca estudei a fundo curso [sobre disciplinas dedicadas à migração].
Entrevista 2, entrevistada N (psicóloga russa) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [fenômenos relacionados a migração] frustração; • adaptação; • solidão; • rebaixamento da autoestima; • agressão; • fobias; • nível de estresse.
Entrevista 3, entrevistada D (psicóloga russa) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [fenômenos relacionados a migração] choque; • adaptação; • o migrante não vai entender a cultura; • não vai saber por que as pessoas agem desse jeito; • não aprofundei curso [sobre disciplinas dedicadas à migração].

<p>Entrevista 4, entrevistado S (psicólogo russo)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [técnicas e conhecimentos] psicodrama, aconselhamento familiar e terapia familiar; • técnica do “reagimento” a agressão; • técnica “chave” (condição em que está a pessoa); • [migrantes são] pessoas muito diferentes; • imigrante está nas condições da incerteza; • barreira da língua; • novas condições de vida e a mentalidade diferente; • adaptação ao novo ambiente agrava o sofrimento psicológico.
<p>Entrevista 5, entrevistada B (psicóloga peruana que atua no Brasil)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [técnicas e conhecimentos] Psicologia Intercultural, Psicanálise, Psicologia do Comportamento, Fenomenologia e Psicologia da Liberdade; • [fenômenos relacionados a migração] as motivações para migrar bem diferentes do que estudos sobre migrante falam; • o choque; • encontro com a outra cultura; • outros valores; • outra concepção do mundo; • estresse migratório; • deslumbramento, período de lua de mel.
<p>Entrevista 6, entrevistado P (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [técnicas e conhecimentos] psicanálise (também psicanálise social); • conceito de transferência; • vivência da pessoa [migrante] na perspectiva do tempo; • objetivo do atendimento é estabelecer um vínculo; • [muitas pessoa] não entende que trabalho faz o psicólogo; • [fenômenos relacionados a migração] barreira linguística; • migração por acidentes naturais, a migração forçada (por perseguição política).
<p>Entrevista 7, entrevistado C (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [técnicas e conhecimentos] psicanálise, não uma clínica psicanalítica tradicional; • criar um ambiente de escuta; • ajudar aos migrantes fazer novos laços; • oficina de português, troca cultural de diferentes nações; • [fenômenos relacionados a migração] desterritorialização; • estranhamento com costumes; • língua diferente; • questão de sofrimento e trauma; • adaptação; • descentralização.

Categoria - 2	Como os conhecimentos sobre a migração (os migrantes) ou/e sobre outras culturas poderiam contribuir para a atuação do psicólogo no serviço de atendimento dos migrantes?
<p>Entrevista 1, entrevistado K (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • você tem que acessar pelos cantos, usar recursos simbólicos culturais; • as pessoas do leste europeu são mais fechadas, os africanos mais abertos; • no início de uma conversa com os migrantes, buscar historicidade, a cultura... Brincadeiras com a língua, com símbolos do lugar de onde a pessoa veio; • a psicanálise [tem uma determinação cultural] com a qual o próprio Freud tinha dificuldade de lidar; • [sobre psicologia intercultural] uma psicologia onde se aprende a lidar com as diferenças; • [sobre psicologia intercultural] uma psicologia que estuda o que há de universal e de particular dentro do sofrimento humano; • o que é da ordem cultural e do ontológico, desenvolvimento da personalidade.
<p>Entrevista 2, entrevistada N (psicóloga russa)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • sofrimento humano; • o que é da ordem cultural e do ontológico, desenvolvimento da personalidade; • costumes nacionais; • religião; • importante saber de qual cultura ele vem e como isso pode ter influenciado no seu trabalho.
<p>Entrevista 3, entrevistada D (psicóloga russa)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • costumes e tradições; • saber as regras [do local]; • importante na formação do psicólogo ter a noção sobre seus limites como especialista; • a barreira linguística e cultural; • os processos psicológicos que acontecem com a pessoa podem ser culturalmente condicionados.
<p>Entrevista 4, entrevistado S (psicólogo russo)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • trabalho junto com tradutor não é bem sucedido; • tradutor tem certa lealdade interna com os representantes da sua comunidade; • [entrevistado não vê] nenhuma diferença na estrutura familiar em famílias russas e em famílias de outras nacionalidades; • na vida real, tudo acontece por padrões muito semelhantes; • [diferença cultural em questão da] percepção diferente do tempo; • [sobre psicologia intercultural] superar as

	<p>atitudes xenofóbicas dos próprios especialistas;</p> <ul style="list-style-type: none"> • imigrante está nas condições da incerteza; • barreira da língua; • novas condições de vida e a mentalidade.
<p>Entrevista 5, entrevistada B (psicóloga peruana que atua no Brasil)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • compreender a diversidade humana; • aprendem a valorizar a sua experiência [para o migrante]; • os migrantes não conhecem o trabalho do psicólogo; • o pertencimento de um certo país faz diferença no atendimento; • as motivações para migrar são diferentes do que outros estudos sobre migração falam.
<p>Entrevista 6, entrevistado P (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • os negros, as mulheres sentem todos os tipos de preconceitos de gênero e raciais; • voltar para o país de origem [para migrante] seria “um fracasso total”; • o atendimento [na Casa] não acontece sob cânones da psicanálise tradicional; • a consulta precisa ser inovadora, criativa; • tem países onde as mulheres não ficam muito nos espaços comuns.
<p>Entrevista 7, entrevistado C (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [tem] pequenas coisas (suas pequenas regras de lidar com pessoas) de costumes que para gente parece muito certo e outras pessoas estão fazendo completamente diferente; • oficina de português [onde imigrantes contam próprias histórias] - uma espécie de troca cultural de diferentes nações; • [dificuldade de atendimento] tem a ver com o contexto que fez a pessoa sair do país; • parecia que era difícil de se abrir por elas [mulheres] conversarem com o psicólogo homem; • [no atendimento de migrante] tudo se afunilava no assunto da migração; • [diferença na estrutura familiar, nas famílias africanas] acontece que não é só a mãe quem cuida [das crianças], são todas as pessoas da comunidade; • psicólogo precisa estar pronto para entrar em contato com algo diferente; • [sobre psicologia intercultural] sempre ajuda ter um pouco de conhecimento de cultura; • evitaria uma espécie de patologização do migrante.

Categoria - 3	O que o psicólogo pode ganhar (ou perder) no sentido profissional e individual, trabalhando no serviço de atendimento a migrantes?
<p>Entrevista 1, entrevistado K (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] muitas vezes se sentia mal, com angústia [e] às vezes sentia muita alegria; • compreender o que é universal no sofrimento humano; • [experiência] rica e ajudou a formar [o entrevistado] como terapeuta; • [desenvolver as habilidades de procurar] uma forma criativa de dar sentido às coisas; • experiência além do consultório.
<p>Entrevista 2, entrevistada N (psicóloga russa)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [ficou] mais sensível para perceber as peculiaridades nacionais; • [ficou] mais sensível com relação ao cliente; • [no início do atendimento pergunta] sobre tradições e costumes da família;
<p>Entrevista 3, entrevistada D (psicóloga russa)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] medo de quebrar as regras: se eu posso, por exemplo, pegar a mulher pela mão; • barreiras com mulheres russas que aceitaram o islã; • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] sentia desconforto por que não sabia qual ação poderia provocar reações; • [tem experiência] com pessoas de camadas sociais e pertencimento cultural diferente; • [experiência] amplia o repertório das reações cognitivas e emocionais do psicólogo.
<p>Entrevista 4, entrevistado S (psicólogo russo)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] empatia; • olhar através do quê pode acontecer a reabilitação; • limitações profissionais; • foi grande experiência prática; • difícil nomear um trauma psicológico com o qual eu não trabalhei.
<p>Entrevista 5, entrevistada B (psicóloga peruana que atua no Brasil)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [a entrevistada conheceu] muito mais da migração; • [a entrevistada tem] material riquíssimo que ainda está cru; • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] ter cuidado para que não haja uma identificação; • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] solidariedade.
<p>Entrevista 6, entrevistado P (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • pensar as novas formas além do consultório ou grupo convencional; • aprendeu muito sobre “clínica”; • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] desconforto [quando] acompanhava casos difíceis; • [sentimentos do(a) psicólogo(a)] sentia –se contente; • precisa ser inovador, criativo.

Entrevista 7, entrevistado C (psicólogo brasileiro) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [ter] abertura de escuta; • [que] a escuta não seja muito mecânica; • sempre ajuda ter um pouco conhecimento de cultura; • [tem] pequenas coisas (suas pequenas regras de lidar com pessoas) de costumes que para gente parece muito certo e outras pessoas estão fazendo completamente diferente; • parecia que era difícil de se abrir por elas [mulheres] conversarem com o psicólogo homem; • acontecia muito que homens da Casa tentavam se aproximar das mulheres de um jeito sedutor (...) isso incomodava bastante as psicólogas; • gostaria de voltar para trabalhar com os migrantes se o trabalho tivesse remuneração.
--	---

Categoria - 4	Quais procedimentos poderiam aprimorar os serviços de atendimento dos migrantes em São Paulo (Brasil) e em Moscou (Rússia)?
Entrevista 1, entrevistado K (psicólogo brasileiro) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • reuniões em grupo, orientação sobre trabalho e documentação; • uma política que permitisse satisfação das necessidades religiosas.
Entrevista 2, entrevistada N (psicóloga russa) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [atendimento familiar]; • [depois de atendimento as crianças] voltaram a estar na mesma situação em que estava a família; • ter representantes nas estruturas do Estado.
Entrevista 3, entrevistada D (psicóloga russa) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [sobre imagem do serviço] agência de informação; • seria útil se no centro trabalhassem como voluntários imigrantes que já moram aqui; • [só a pessoa do mesmo grupo] pode entender o que você não entende.
Entrevista 4, entrevistado S (psicólogo russo) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • atendimento médico e psicológico; • ajuda na formação e na inserção do trabalho.
Entrevista 5, entrevistada B (psicóloga peruana que atua no Brasil) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • diversos profissionais (um advogado, um assistente social, um psicólogo); • pessoas políglotas, que falam diversas línguas; • equipe de psicólogos (faltam psicólogo que tem especialização com crianças).
Entrevista 6, entrevistado P (psicólogo brasileiro) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [sobre o serviço] interdisciplinar; • com presença de assistente social, médico, psicólogo; • ter moradia; • os migrantes não vão ao serviço psicológico (gratuito) se ele estiver fora da Casa.
Entrevista 7, entrevistado C (psicólogo brasileiro) palavras e frases relacionadas	<ul style="list-style-type: none"> • [ter] um treinamento dos funcionários para lidar com questões linguísticas e culturais.

Categoria - 5	Qual é a situação social dentro de país a respeito dos migrantes? Quem são os migrantes atuais?
<p>Entrevista 1, entrevistado K (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [pessoas que estão] no estágio de sofrimento, em situação muito precária, muitas vezes a dificuldade é mais emocional do que material; • [política migratória] política de acolhimento; • o Brasil é visto como uma terra de oportunidade; • [política migratória] [o Brasil] tem uma política de migração razoavelmente flexível; • [política migratória] [o Brasil] não é um país que expulsa as pessoas; • muito decepcionado com o Brasil, não conseguiu documentos, não conseguiu trabalhar; • 99% estão na situação de exploração, sobretudo, de trabalho; • [política migratória] Brasil precisa ser “mais acessível” no sentido de programas migratórios.
<p>Entrevista 2, entrevistada N (psicóloga russa)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [política migratória] que eu saiba, todas as leis da Rússia foram feitas para tornar impossível o enraizamento dos imigrantes ou a vida normal; • [migrantes] refugiados da guerra; • migrantes de trabalho.
<p>Entrevista 3, entrevistada D (psicóloga russa)</p>	<p>[como a entrevistada não trabalhou com imigrantes esse assunto não foi abordado].</p>
<p>Entrevista 4, entrevistado S (psicólogo russo)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [migrantes] pessoas muito diferentes; • [entrevistado atende] as vítimas de tortura, hostilidade, violência física e sexual, testemunhas de assassinato dos parentes, pessoas com ferimentos e pessoas que sofreram detenção prolongada.
<p>Entrevista 5, entrevistada B (psicóloga peruana que atua no Brasil)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • trabalho que aparece independentemente da qualificação; • costureiros, na construção, tradutores da língua; empregadas domésticas ou cuidadoras de crianças; • [imagem sobre brasileiros] as pessoas brasileiras são muito alegres; • [para migrantes] os contatos com brasileiros são muito superficiais; • [para migrantes] disposição geográfica da cidade é incompreensível; • [os migrantes] não conhecem o trabalho do psicólogo; • [os migrantes] viveram em condições pejorativas onde os problemas de discriminação de raça de classe se misturam.
<p>Entrevista 6, entrevistado P (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [tipos de migração] por acidentes naturais, migração forçada (por perseguição política); • posição econômica [do Brasil]; • [migrantes realizam] trabalho manual (não na área que estão graduados);

	<ul style="list-style-type: none"> • [migrantes tem] dificuldade em aceitar começar uma vida social aqui; • os negros e as mulheres sentem todos os tipos de preconceitos de gênero e raciais; • existe uma imagem sobre o Brasil como lugar de oportunidade e que “todos são aceitos” aqui; • muitos migrantes nem imaginavam que iam ter que ficar em algum abrigo; • voltar para o país de origem [para migrantes] seria “um fracasso total”; • os imigrantes estranham moradores de rua; • os migrantes não vão ao serviço psicológico (gratuito) se ele estiver fora da Casa; • [Brasil] atualmente tem um “boom” de migração.
<p>Entrevista 7, entrevistado C (psicólogo brasileiro)</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [tipos de migração] refugiados, migração econômica, pessoas com prazer de viajar; • [tipos de migração] a partir de anos 2008-2009 aumentou o número de imigrantes africanos e diminuiu o número de imigrantes latino-americanos; • [tipos de migração] começaram a vir os imigrantes da Ásia (do Nepal e de Bangladesh); • imagem do Brasil como o país do carnaval e futebol, uma terra de grandes festas e vida fácil; • [imigrantes] choque ao ver tanto moradores de rua no centro de São Paulo; • [imagem de São Paulo] lugar cheio de indústria e de comércio, tem bom sistema de saúde; • [imigrantes conseguem] os trabalhos mais precários; • problemas de regularização e validação de documentos impedem os imigrantes de achar melhor trabalho.
<p>Entrevista em grupo focal</p> <p>palavras e frases relacionadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • [política migratória] fácil de conseguir cidadania; • [política migratória] muita dificuldade de receber os documentos; • [política migratória] para migrar oficialmente, é muito difícil, é mais fácil viver na ilegalidade • a economia do Brasil...em comparação com resto do mundo está boa; • [imigrantes] são bem-recebidos aqui; • Brasil é conhecido como um país dos migrantes; • o clima e a natureza são fatores atraentes; • Brasil um país “exótico”.

CAPITULO VII – LIÇÕES APRENDIDAS

Para facilitar o entendimento, juntei o que foi dito nas entrevistas em figuras-tabelas. Utilizando essas tabelas (e o material das entrevistas) faço conclusões e destaco os principais achados da pesquisa.

Figura-quadro 1 - Quais conhecimentos psicológicos os psicólogos aplicam no seu trabalho? O psicólogo tem conhecimentos específicos sobre migração?

Conceito relacionados a migração	Base teórica
Adaptação	Psicanálise tradicional
Choque(cultural)	Psicanálise político (social)
Desterritorialização/desenraizamento	Psicologia Intercultural
Diferenças linguísticas/culturais	Programação Neurolinguística (PNL)
Barreiras linguísticas/culturais	Psicologia do Comportamento
Sofrimento/trauma	Psicodrama
Deslumbramento	Fenomenologia
Frustração/agressão	Psicologia da Liberdade
Estresse	Terapia familiar
Solidão	Teorias do estresse

Todos os entrevistados brasileiros falaram que durante a sua formação não estudaram nada (ou quase nada) sobre os temas da migração ou raça/etnia. Os psicólogos não brasileiros lembraram que tiveram uma ou duas disciplinas que abordaram esses assuntos, porém todos (com exceção da psicóloga peruana) não se aprofundaram. Entre conceitos mencionados com maior frequência esteve adaptação e alguns tipos de barreiras (linguísticas ou culturais). O entrevistado **S** destacou que tem a diferença entre fenômenos que tem a ver com a inserção da pessoa na outra cultura e com o contexto que fez a pessoa sair do país. Desse modo, os conceitos de sofrimento/trauma (e outros relacionados) não tem a ver diretamente com a migração. A questão levantada por **K** é se a expressão e o desenvolvimento desses conceitos tem alguma relação com a cultura (país de nascimento) do migrante.

Entre fenômenos específicos do processo migratório como a saída do lugar de origem e inserção no novo ambiente, foram mencionados

desterritorialização/desenraizamento/solidão e choque cultural/estresse migratório.

A base metodológica dos psicólogos brasileiros é a psicanálise. A psicóloga peruana mencionou várias abordagens. Nos últimos anos ele tem abordado as concepções que tratam especificamente sobre migração. Difícil falar sobre uma base única dos psicólogos russos; como cada um trabalhava com um grupo muito restrito, utilizavam abordagens específicas. Interessante que todos mencionaram técnicas de PNL (sem falar o nome dessa abordagem), como técnicas utilizadas para manter o contato com o paciente (por exemplo, refletir a postura do cliente, respiração, tom de voz). Nenhum psicólogo brasileiro mencionou esse tipo de técnica.

Figura-quadro 2 - Como os conhecimentos sobre a migração (os migrantes) ou/e sobre outras culturas poderiam contribuir para a atuação do psicólogo no serviço de atendimento a migrantes?

	Como os conhecimentos sobre a migração (os migrantes) ou/e sobre outras culturas poderiam contribuir para a atuação do psicólogo no serviço de atendimento a migrantes?
Perguntas abertas	O que é do universal e do particular no desenvolvimento humano? Como lidam com a religião, língua e costumes nacionais diferentes? Dificuldade no atendimento do migrante tem a ver com a inserção na outra cultura ou com o contexto que fez a pessoa sair do país?
Frases relacionadas	Os processos psicológicos podem ser culturalmente condicionados. Na vida real, tudo acontece por padrões muito semelhantes. O psicólogo precisa estar pronto para entrar em contato com algo diferente. O pertencimento a um certo país faz diferença no atendimento.
Conclusões	Descrição de migração como fenômeno psicológico. Conhecimentos que ajudam a lidar com as diferenças culturais. Como exemplos dessas diferenças: estrutura familiar, posição mulher/homem, religiosidade, noções de tempo e espaço. Símbolos culturais como chave de acesso a experiência pessoal. Importante para o psicólogo ter a noção sobre seus limites como especialista. Apresentar o trabalho do psicólogo para os migrantes que não tem noção desse serviço. Lidar com os preconceitos de gênero-raça-etnia. Evitar a patologização do migrante.

Não há consenso entre os entrevistados sobre se é necessário para o psicólogo ter conhecimento sobre as outras culturas. A discussão a respeito disso surge durante o grupo focal. Um participante teve posição que os conhecimentos sobre a outra cultura não é essencial para o psicólogo. Outro participante falou que a vida social pode ser organizada diferentemente na outra cultura, assim o psicólogo pode não entender o migrante. Entre os sete entrevistados também apareceram essas posições.

O psicólogo **S**, da Rússia, ressalta que no seu trabalho vê diferenças individuais (não nacionais) dos clientes e suas técnicas e conhecimentos podem ser aplicados efetivamente independentemente do gênero/raça-etnia/idade da pessoa. Diferente das especificidades nacionais/étnicas/religiosas que mencionaram outras duas entrevistadas russas (**N** e **D**), para ele este não é um aspecto central, pelo contrário, **S** fala que “não achou” tais especificidades. Embora ele forneça exemplos de diferença cultural (por exemplo em relação ao tempo, atrasos e tradução), isso não aparece como importante no seu trabalho. Vale a pena lembrar, que o psicólogo brasileiro **K** contou que foi trabalhar com migrantes por que queria “compreender o que é universal no sofrimento humano”. Já para **S** vemos que o objetivo do trabalho focaliza aspectos individuais como a questão do trauma e sofrimento psicológico. **S** acredita que existem diferenças nas manifestações individuais do sofrimento, mas não culturais.

Os psicólogos que tiveram a experiência como migrantes (**D**; **B**; **K** e **C**) falaram muito mais sobre desentendimentos culturais e sobre importância de ter conhecimentos sobre outras culturas. **C** pensa que os conhecimentos interculturais e da migração podem evitar a patologização do migrante, **K** destacou que esses conhecimentos podem facilitar para o psicólogo a aproximação com o migrante. As psicólogas destacaram aspectos semelhantes: **D** falou que alguns processos psicológicos que acontecem com a pessoa podem ser culturalmente condicionados e **B** destacou a importância de o psicólogo conhecer os processos que acontecem com o migrante quando ele chega ao novo ambiente.

Chamou atenção as psicólogas que trabalharam fora do seu país de origem (**B** e **D**) e um psicólogo (**C**) que morou por um ano fora do país de origem, trazerem mais exemplos das diferenças interculturais, afirmando sua existência e relevância para o entendimento da situação dos migrantes. Só essas duas entrevistadas (**B** e **D**) mencionaram que o contexto histórico-político pode estar presente na consulta. Trata-se de o(a) psicólogo(a) ser visto/percebido como representante de um certo país (do

estado). O cliente (migrante) sabendo que o(a) psicólogo(a) é cidadão desse país (no caso da Rússia e do Peru) pode ter uma atitude negativa ou positiva que aparece na interação. Os(as) psicólogos(as) que atuaram no seu país de nascimento não mencionaram nada a respeito disso.

É notável que mesmo havendo entendimento diverso sobre conhecimentos interculturais (e necessidade desse conhecimento para a psicologia), todos os sete entrevistados falaram sobre a necessidade da disciplina Psicologia Intercultural (Étnica). Mesmo **S** que estava numa postura mais fechada disse que essa disciplina pode ajudar a superar atitudes xenofóbicas dos próprios especialistas (psicólogos). Segundo o entrevistado, conhecendo mais sobre outras nacionalidades o profissional pode ter uma atitude mais flexível, percebendo a outra pessoa como “ser humano com próprios valores e seus sentimentos”, ser “mais ecológico” no seu trabalho. Infelizmente, por falta de tempo, não aprofundamos essa discussão na entrevista. Assim, não fica evidente se na opinião dele os conhecimentos sobre raça/etnia servem para desmascarar os estereótipos e preconceitos.

As mulheres psicólogas entrevistadas, tanto as que trabalham na Rússia como as que trabalham no Brasil, se mostraram mais atentas aos aspectos étnico-raciais do que os homens.

A psicóloga russa **N** destacou que as tradições culturais e religiosas podem criar obstáculos para o contato e dificultar a aproximação, por isso “é importante saber de qual cultura ele vem e como isso pode ter influenciado no seu trabalho”. Segundo a entrevistada **B**, os estudos da raça/etnia especialmente seriam importantes nos países que convivem com a realidade da migração. Esses estudos ajudam a “compreender a diversidade humana, os fenômenos psicossociais que acontecem na contemporaneidade”. O entrevistado **C** falou que os estudos da raça/etnia são importantes para a formação do psicólogo, por que o psicólogo “aprende a buscar modos de estar com o diferente – com diferenças culturais, linguísticas, religiosas, geográficas”.

No que tange a discussão sobre a necessidade de conhecimentos culturais específicos para o trabalho do psicólogo, vale a pena destacar que essa área de conhecimento (Psicologia Intercultural, Cross-Cultural, Étnica) pode ser entendida de forma diferente. Se entendermos que a pesquisa intercultural tem como finalidade fazer um registro de todas as culturas, comunidades e costumes locais (para que o psicólogo

possa ter esse catálogo e usar no caso de atender uma pessoa de outra cultura), essa área parece desnecessária. Porém, as pessoas que trabalham nessa área propõem estudar as relações entre a cultura e a subjetividade do indivíduo, as configurações da cultura, quais fenômenos aparecem em uma cultura e não aparecem na outra. O conhecimento sobre esse fenômeno e como ele se manifesta não necessariamente vai ser utilizado na prática do psicólogo, mas tendo um conhecimento geral sobre fenômenos culturais o psicólogo pode “reconhecer” que a dificuldade desse indivíduo tem a ver com seu repertório cultural.

Figura-quadro 3 - O que o psicólogo pode ganhar (ou perder) no sentido profissional e individual, trabalhando no serviço de atendimento a migrantes?

Refletindo sobre a experiência no atendimento dos migrantes, todos os entrevistados afirmaram que receberam uma experiência “além do consultório”, além do atendimento comum e que precisavam ser “criativos” no seu trabalho com os migrantes. Isso quer dizer que no atendimento com pessoas do próprio país o perfil é mais unificado, mais homogêneo. Atender migrantes fornece uma nova experiência clínica

porque são pessoas que apresentam sofrimento de origem diferente, aparecem casos diferentes do dia a dia, são pessoas muito diferentes das que um psicólogo russo ou brasileiro está acostumado a atender. Por isso essa experiência foi muito valorizada por eles como possibilidade de acessar um saber e uma forma de atuação que dialoga de fato com a alteridade. Para ser um psicólogo e trabalhar com clínica essa é uma experiência considerada fundamental.

Os sentimentos que os psicólogos tiveram durante (ou depois) das sessões foram de dois tipos. Os sentimentos “positivos” quando o psicólogo estava contente (por conseguir ajudar, por exemplo) e “negativos” (tristes) em geral quando o psicólogo acompanhava um migrante com uma história (um caso) difícil.

A maioria dos entrevistados também falou sobre os limites profissionais. O psicólogo pode não se sentir pronto para lidar com um caso (ou com uma categoria de casos). Seria importante que os psicólogos que começam a sua atuação não levassem isso como uma falta de profissionalismo. O psicólogo pode não trabalhar (ou ainda não ter trabalhado) com um tipo de caso, isso não lhe caracteriza como mal profissional.

A seguir apresento a figura quadro 4 que permite uma comparação entre a situação dos migrantes em São Paulo e Moscou.

Figura-quadro 4 - Qual é a situação social dentro do país a respeito dos migrantes?

Quem são os migrantes atuais?

Qual é a situação social dentro do país a respeito dos migrantes? Quem são os migrantes atuais?		
	No Brasil (São Paulo)	Na Rússia (Moscou)
Tipos de migração	Refugiados, migração econômica, pessoas que tem grande prazer de viajar. A partir de anos 2008-2009 aumentou o número de imigrantes africanos e diminuiu o número de imigrantes latino-americanos; começaram a vir os imigrantes da Ásia (do Nepal e de Bangladesh).	Motivos econômicos e migração forçada. Refugiados da guerra; migrantes de trabalho; as vítimas de tortura, hostilidade, violência e outras.
Com relação ao trabalho e estágio emocional	No estágio de sofrimento. Na situação muito precária; 99% estão na situação de exploração. Trabalho que aparece independentemente da qualificação profissional. Trabalho manual; trabalhos precários. Problemas de regularização e validação de documentos.	Estão nas condições da incerteza. Estão com traumas psicológicos. Trabalhos de pouca qualificação. O trabalho físico, outros conseguem organizar um pequeno negócio.
Imagem do país; políticas migratórias	Brasil tem boa posição econômica. Brasil como lugar de oportunidade e onde “todos são aceitos”. País de carnaval e futebol, uma terra de grandes festas e vida fácil. Lugar cheio de indústria e de comércio (sobre São Paulo). As pessoas brasileiras são muito alegres; Os contatos com brasileiros são muito superficiais. Brasil é conhecido como um país dos migrantes*. O clima e a natureza são fatores atraentes*. Migrantes sentem os preconceitos de gênero e raciais. Disposição geográfica da cidade de São Paulo é incompreensível. Não é um país que expulsa as pessoas. Precisa ser “mais acessível” no sentido de programas migratórios. Para migrar oficialmente, é muito difícil, é mais fácil viver na ilegalidade.	Todas as leis da Rússia foram feitas para tornar impossível o enraizamento dos imigrantes.

* Frases relacionadas do grupo focal.

Falando de motivos e tipos da migração, as respostas em geral são iguais, para não falar estereotipadas, com destaque para migração econômica e forçada (refugiados). Sobre trabalho também as situações são parecidas (entre todos os psicólogos). A maioria dos migrantes (com quem trabalham os psicólogos) estão em situação muito precária e conseguem trabalhos de pouca qualificação. Entre meus entrevistados não havia psicólogos (talvez com exceção da **B**) que atendiam migrantes bem sucedidos no sentido econômico. Alguns psicólogos(as) mencionaram que houve comunidades (grupos) de imigrantes que se estabeleceram num setor específico de mercado. Desse modo, muitos imigrantes do mesmo país de origem acabam trabalhando nessa área.

Todos os entrevistados mencionaram que o Brasil tem a imagem de terra das oportunidades, lugar que vai acolher os migrantes. Porém, os psicólogos brasileiros destacam a frustração que os migrantes tem com o Brasil. Existe uma imagem sobre a vida no Brasil (como se pode ver na figura 04) e essa imagem na maioria da vezes é ilusória. Muitos no início ficam deslumbrados como uma espécie de lua de mel, mas depois isso passa. Não podemos concluir sobre que imagem da Rússia e de Moscou tem os migrantes. Os psicólogos não mencionam sobre que imagem tiveram os migrantes antes de virem para Moscou. A maioria dos migrantes atendidos pelos psicólogos russos foram refugiados dos conflitos armados e se deslocaram (inesperadamente) para Moscou ou por que tinham parentes lá ou por não terem outra opção. Supomos que eles ou já tinham uma noção sobre Moscou (Rússia) ou não tinham nenhuma noção, por isso não falaram que houve discordância com a imagem esperada e a própria experiência recebida.

Entre problemas que os imigrantes enfrentam vale a pena mencionar que muitos não esperavam encontrar preconceito e discriminação. Como diz o entrevistado **P**, “todos eles (migrantes), mas principalmente os negros as mulheres sentem todos os tipos de preconceitos de gênero e raciais que tem aqui no Brasil, eles sentem na pele, literalmente na pele isso quando eles vão procurar trabalho, quando eles andam pela rua, então isso traz muitas dificuldades para o estabelecimento aqui”. Outra entrevistada, **B**, falou referindo-se à experiência anterior do migrante (não necessariamente no Brasil), que atendeu pessoas que passavam por situações de humilhação, opressão, “viveram condições pejorativas onde os problemas de discriminação de raça e de classe se misturam”. O psicólogo **C** falou que alguns haitianos ou africanos “da pele negra sofreram preconceitos no centro de São Paulo”.

Entre outras coisas a psicóloga **B** mencionou o acesso difícil aos serviços públicos de saúde para os imigrantes. Com relação aos documentos, os entrevistados ressaltaram que no Brasil demora muito para conseguir documentos que possibilitem trabalhar oficialmente no país. Os entrevistados (inclusive do grupo focal) demonstraram visão ambígua sobre políticas migratórias brasileiras. Por uma lado o Brasil é acessível e atraente, por outro lado burocrático e complicado. Na nossa opinião, tudo explica a frase dita no grupo focal: que “para migrar oficialmente, é muito difícil, é mais fácil de viver na ilegalidade”. O entrevistado **C** trouxe exemplos que ilustram mais um problema relacionado a documentação: é a validação do diploma. O entrevistado trabalhou muito com os refugiados da África, entre eles havia professores universitários, que não conseguiam trabalhar na sua área por não conseguir validar o diploma; mesmo depois de receber carteira de trabalho sem diploma válido não é possível trabalhar na área de formação.

Recomendações para centros de atendimentos de migrantes na Rússia e no Brasil

A realização das entrevistas também permitiu sistematizar as principais características dos serviços de migração que pesquisei no Brasil e na Rússia, conforme pode ser visto no quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - Comparação dos Centros de Atendimentos na Rússia e no Brasil:

Serviços oferecidos nos Centros de Atendimentos dos migrantes	Missão Igreja da Paz (São Paulo, Brasil)	Comitê de "Assistência Civil" (Moscou, Rússia)
Orientação jurídica e regularização no país.	Atendimento jurídico (funciona duas vezes por semana).	Maioria são advogados. Tem equipe de tradutores.
Inserção do trabalho.	Cursos profissionalizantes.	Aconselhamento de trabalho. Trabalho como tradutor no Centro.
Alojamento e alimentação.	Tem alojamento (temporário) e alimentação.	Não tem alojamento e alimentação. Nos casos extremos imigrantes dormem dentro do Centro (porém não há condições de alojamento).
Atendimento médico.	Tem uma técnica de saúde.	Tem um médico fixo.
Atividades culturais e de inserção social.	Curso rápido de português (duração de um dia). Celebração das festas nacionais. Feiras dos imigrantes.	Aulas da língua russa (oferecido frequentemente). Para crianças: equipe de professores que ajudam na inserção escolar.
Atendimento psicológico.	Uma psicóloga fixa. Um grupo que oferece atendimento psicológico para adultos e crianças.	Atualmente não tem psicólogo. Teve atendimento psicológico de crianças: diagnóstico e terapia.

Em relação as dificuldades nos serviços de atendimento dos migrantes na Rússia e no Brasil é importante destacar que na Rússia uma dificuldade é ausência de alojamento, alimentação e apoio financeiro (ou qualquer tipo de apoio) do estado. Além da ausência de psicólogos no serviço de atendimento. Ademais, a inserção de trabalho dos migrantes é dificultada por questões burocráticas. A entrevistada **D**, por exemplo, mencionou que “seria útil se no centro trabalhassem como voluntários os imigrantes que

já moram aqui”. Ela destacou que só uma pessoa do mesmo grupo pode entender “o que você não entende”.

No Brasil um problema é a regularização dos migrantes por questões burocráticas e a exploração no trabalho. Todos os entrevistados mencionaram que os migrantes que estão no centro efetuam o trabalho independentemente da qualificação que eles tem. O entrevistado **K** mencionou que seria bom ter “uma política que permitisse a satisfação de necessidades religiosas (de religiões diferentes)”. A entrevistada **B** destacou que para ela faz falta um psicólogo que tem especialização com crianças. Também faltam tradutores. **B** contou que “aparece um outro problema com o público africano, haitiano, ainda a divulgação está sendo lenta por que eu não falo francês e eles falam francês e crioulo (e outras línguas da África e Ásia)”. Por fim, um dos entrevistados falou sobre treinamento para funcionários de serviço de atendimento dos migrantes para lidar com questões linguísticas e culturais.

Na figura-quadro 5, com base nas entrevistas apresento alguns procedimentos a título de recomendações que podem aprimorar os serviços de atendimento aos migrantes.

Figura-quadro 5 – Quais procedimentos poderiam aprimorar os serviços de atendimento aos migrantes em São Paulo (Brasil) e em Moscou (Rússia)?

Figura-tabela 5.

Acreditamos que é importante ter psicólogos em todos os serviços porque muitos migrantes (especialmente refugiados) passaram no seu país de origem, por situações difíceis, sofrimentos e traumas psicológicos. Quando eles chegam no novo país, as demandas do novo ambiente desconhecido (cultura e língua diferente) podem agravar seu estado psicológico. Só os psicólogos como especialistas podem lidar com esses problemas.

Seria útil montar um sistema de treinamento dos funcionários de serviço de atendimento dos migrantes para lidar com línguas e culturas. Isso tem a ver e com o serviço na Rússia e com o serviço no Brasil. Posso mencionar um exemplo de treinamento psicológico para os funcionários: o psicólogo da Rússia, S, falou que ele efetua o treinamento para tradutores.

Tradutores de línguas também são importantes nos serviços de migração. No Brasil é importante o francês e línguas como o crioulo, suaíli, e árabe. Na Rússia não existe essa dificuldade. Há tradutores, mas não há psicólogos. Na Rússia a maioria dos serviços de migração é voluntário, por isso o serviço não atrai psicólogos. No Brasil também trata-se de um trabalho voluntário, porém existem projetos vinculados às grandes universidades (na Rússia não tem essa prática). Em ambos a remuneração ocorre caso haja uma agencia financiadora. Só um dos psicólogos (S, da Rússia) relatou que teve experiência de efetuar o atendimento junto com tradutores, e ele definiu essa prática como bem sucedida.

Considerações finais

O presente estudo tem limitações. As entrevistas foram feitas só com os psicólogos que trabalham ou trabalhavam recentemente com os migrantes, porém o estudo discute migração, processos psicológicos que ocorrem com os migrantes, estrutura e funcionamento dos serviços de migração, formação do psicólogo e outras. Como não houve entrevistas com os migrantes ou outros especialistas, as conclusões surgem a partir da experiência do psicólogo.

Entre meus entrevistados não houve ninguém que chegou a trabalhar com os migrantes depois de ter estudado profundamente temas como migração e raça/etnia. Por isso, pode ser levantada a questão sobre falta/necessidade desse conhecimento. A única entrevistada (B) que depois de ter começado a atender migrantes começou a se interessar por esse tema revelou que na opinião dela há lacunas no conhecimento sobre migração. Ela chama a atenção para o fato de que os estudos sobre migração tratam esse fenômeno de forma “econômica” e não psicológica. E desenvolvendo esse pensamento: uma revisão das várias escolas psicológicas (psicanálise, psicologia do comportamento, psicologia cognitiva) possibilita ver que em todas elas há pesquisas dedicadas aos migrantes ou/e raça/etnia. Isso aparece como lacuna de conhecimento.

Os psicólogos entrevistados pertenciam a diferentes escolas psicológicas. O trabalho não teve o objetivo de comparar e avaliar essas abordagens. Um dos objetivos era ver como os conhecimentos interculturais e da raça/etnia podem colaborar para o trabalho do psicólogo. A maioria dos psicólogos destacaram que esses conhecimentos são importantes por vários motivos. Tendo conhecimentos interculturais e de raça/etnia o psicólogo pode: ver as diferenças culturais e lidar com isso; conhecer os fenômenos psicológicos que acontecem com o migrante; saber manter o contato com o migrante usando recursos culturais e linguísticos; conhecer seus limites como especialista; estar aberto ao contato para algo diferente; superar as atitudes xenofóbicas dos próprios psicólogos; transmitir esse conhecimento para outros especialistas que trabalham com os migrantes. A partir das entrevistas analisadas podemos afirmar que a presença do psicólogo no serviço de atendimento dos migrantes é essencial. No serviço de atendimento dos imigrantes o psicólogo precisa lidar com diferenças culturais. Os conhecimentos interculturais e sobre raça/etnia podem ajudar o psicólogo (e também os outros especialistas) com essa tarefa.

As faculdades de psicologia na Rússia tem mais disciplinas (e pesquisas) dedicadas aos temas de conhecimentos interculturais e da raça/etnia. A disciplina Psicologia Étnica atualmente é obrigatória para a maioria das faculdade de psicologia. Porém, na Rússia não há programas (vinculados às Universidades) onde o psicólogo pode fazer estágio trabalhando com os imigrantes. No Brasil a situação é contrária. Há programas e psicólogos que trabalham com os imigrantes, mas tem menos disciplinas que abordam esses temas.

Todos os entrevistados afirmaram que, trabalhando no serviço de atendimento dos migrantes, receberam grande experiência profissional. Essa experiência foi chamada “além do consultório”, “experiência além do comum”, “grande prática” como terapeuta e outras. O estágio no serviço de atendimento dos migrantes pode ser recomendado como excelente prática profissional para o psicólogo.

REFERÊNCIAS

- ALEKSEEV, A.I. **Desbravamento de pessoas russos no Extremo Oriente e na América**. Moscou: Ciência, 1982. Disponível em: <http://militera.lib.ru/explo/0/pdf/alekseev_ai02.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- ALLPORT, G.W. **The nature of prejudice**. New York: Perseus Books Group, 1979. v. 537
- ANDREEVA, G. M. **A psicologia social**. Moscou: Aspect Press, 2008. v. 363
- ANGELINI, L. **Psicologia Intercultural e Psicologia Educacional**. História da psicologia. São Paulo: Acad. Paul. Psicol., v.27, n.2, p. 39-46, 2007.
- BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. **O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional**. Psicologia: ciência e profissão. Brasília, n.1, v. 9, 1989.
- BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S.M.G., BORGES-ANDRADE J.E. **O Psicólogo Brasileiro: Sua Atuação e Formação Profissional**. In: YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A.L.F. (Org.). O que Mudou nas Últimas Décadas: Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil. Natal: EDUFRRN, 2010. p. 255-271. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/pt/Acervo_files/Escritos-prof-psicologo-no_Brasil.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2014.
- BELINSKAYA, E.P.; TIKHOMANDRITSKAYA, O.A. **A psicologia social da personalidade**. Um manual para as universidades. Moscou: Aspect Press, 2001. v. 301
- BERRY, J. W. **Psicologia Cross-Cultural: pesquisa e aplicação**. Moscou: Gymanitarniy Center, 2007. v. 560.
- BOBKOVA, M. S. O início da guerra do Cáucaso. **História da Rússia**. Portal federal “Istoriya.RF”. Disponível em: <<http://histrf.ru/ru/lenta-vremeni/event/view/nachalo-kavkazskoi-voyny>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- BOGOMOLOVA, N. N.; FOLOMEEVA, T. V. **Grupo focal como método de pesquisa na Psicologia Social**. Moscou: Magistr, 1997. v. 80.
- BRUBAKER, R.; COOPER, F. **Fora da “identidade”** (nome original “Beyond “identity”). Coletivo dos autores. Mitos e equívocos no estudo do império e do nacionalismo (coletâneo). Moscou: Novoe izdatelstvo, 2010. Disponível em: <http://propagandahistory.ru/books/Kollektiv-avtorov_Mify-i-zabluzhdeniya-v-izuchenii-imperii-i-natsionalizma--sbornik-/16>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- BONI, A.P.; GENESTRETI, G. **Cresce o número de europeus que buscam trabalho no Brasil**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 mar. 2012. Capa da revista.
- BUROVSKY, A.; VERKHOTUROV, D. **A conquista da Sibéria: mitos e realidades**, 2010 Disponível em: <<http://www.e-reading.link/book.php?book=151236>>. Acesso em: 15

jan. 2015.

CARIGNATO, T. T.; ROSA, M. D.; BERTA, S. L. **Imigrantes, migrantes e refugiados: encontros na radicalidade estrangeira**. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, n. 26 e 27, p.93-188, 2006.

CHAVEZ, L. R. **Migration, National Identity, and Citizenship in a Transnational World**. Conflict Studies in the Humanities. Japan: KSI INC, 2011. p. 3-23.

COMITÊ DE AJUDA INTERNACIONAL MIGRANTES. Disponível em: <<http://refugee.ru>>. Acesso em: 30 jan. 2013.

CORRÊA, A. **Brasileiros no exterior ainda são “invisíveis”**, diz antropóloga americana. (Entrevista com antropóloga americana Maxine Margolis). BBC Brasil, 10 jun. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130609_brasileiros_exterior_pai_a_c>. Acesso em: 15 jan. 2015.

COTINGUIBA, G. C.; PIMENTEL, M. L. **Apontamento sobre processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho**. Travessia, Revista do Migrante, n. 70, p.99-107, 2012.

DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. v.278.

DEBIAGGI DANTAS, S. D. **Orientação e Psicoterapia Intercultural**. Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p.198-206.

DONSKIH, T.P. **Adaptação sócio psicológica dos estudantes migrantes**. Vestnik OGU, n. 12, p.167-172, 2010.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS. **As migrações no espaço russo. 36º Congresso de Migração**, Lisboa; 2007. Disponível em: <http://www.fidh.org/IMG/pdf/Russia_port.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2013.

FROMM, E. **O Medo à Liberdade** (nome original “Escape From Freedom”), 2011. Disponível em: <http://insiderblogs.info/wp-content/uploads/2011/10/%D0%AD.%D0%A4%D1%80%D0%BE%D0%BC%D0%BC_%D0%91%D0%B5%D0%B3%D1%81%D1%82%D0%B2%D0%BE_%D0%BE%D1%82_%D1%81%D0%B2%D0%BE%D0%B1%D0%BE%D0%B4%D1%8B.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

FROYANOVA, I.YA. **História da Rússia desde os tempos antigos até o início do século XX**. Manual de história para o ensino superior. Maket, 1998. v. 228

GEBRIAL, V. **Universidades e Instituições psicológicas em Moscou**, 2012. Disponível em: <<http://vuz.edunetwork.ru/articles/67/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

GERGEN, K. J. **Social Psychology as Social Construction: The Emerging Vision**. For The Message of Social Psychology: Perspectives on Mind in Society (Eds. C. MCGARTY and A. HASLAM) Oxford: Blackwell, 1996. Disponível em: <http://www.swarthmore.edu/Documents/faculty/gergen/Social_Psychology_as_Social_Construction_The%20Emerging_Vision.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

GRABAR, YA. **Envelhecimento do planeta: o número de aposentados como ameaça à economia mundial**. RBC, 2013. Disponível em: <<http://top.rbc.ru/economics/23/08/2013/871343.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, L. (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 48-93

HIRANO, S. **Japanese Immigration to Brazil: History, Trajectory, and Memory**. Conflict Studies in the Humanities. Japan: KSI INC, 2011. p. 205-217.

HUHLAEV, O. **As peculiaridade do conteúdo de medo das crianças de imigrantes forçados** (na base da pesquisa com as crianças refugiadas de 7-10 anos), Moscou, 2001. p.218. Disponível em: <<http://rl-online.ru/articles/1-02/48.html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA ESCH, C. **A regulamentação da profissão de psicólogo e os currículos de formação Psi**. Artigo de livro Clio-Psyché Hoje: Fazeres e dizeres psi na história do Brasil. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, v. 309, p.3 -12, 2012.

KLIMOV, E.A.; NOSKOVA, O.G. **Psicologia como profissão**. 2001.

KONSTANTINOV, V.V. **Tipo de residência e adaptação sócio psicológico dos migrantes forçados nas novas condições de vida**. Problemas sociais da Psicologia da Personalidade, 2008. Disponível em: <http://psyjournals.ru/sgu_socialpsy/issue/30285_full.shtml>. Acesso em: 15 out. 2013.

KRECHETNIKOV, A. **Cinco ondas da emigração russa**. BBC Russian, Moscou, 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/russian/russia/2012/12/121128_russia_emigration_waves.shtml> Acesso em: 15 out. 2013.

LEPSHOKOVA, Z. H. **Correlação entre estratégias de adaptação dos migrantes e o seu bem-estar psicológico**. Departamento de Psicologia Organizacional da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional de Pesquisa “Escola Superior de Economia”, 2011. v.27.

LISBOA, S.F.; BARBOSA GONÇALVES, J. A. **Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação**. Psicologia: ciência e profissão. Brasília, v. 29, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006>. Acesso em: 15 mai. 2014.

MACEDO, J.P.; DIMENSTEIN, M. **Expansão e Interiorização da Psicologia: Reorganização dos Saberes e Poderes na Atualidade**. Psicologia: ciência e profissão, v. 31, n. 2, p. 296-313, 2011.

MATSUMOTO, D.; JUANG, L. **Cultura e psicologia**. São Petersburgo: Piter, 2003. v. 718.

MARTES, A. C. B. **Nos EUA, o que somos nós?** Latinos, Hispanics, Brancos ou “Others”. DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Org.). Psicologia, e/imigração e cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo, v.278, p.191-209, 2004.

MARTSINKOVSKAYA, T. **História da Psicologia**. Moscou: Academia, Cap. 12, v. 544, 2004.

MEDEIROS, R.P. **Participação, conflito e negociação: principais e capitães-mores índios na implantação da política pombalina em Pernambuco e capitanias anexas**. XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo RS, Seminário Temático Os Índios na História: Fontes e Problemas, 15-20 de julho de 2007.

Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/ST07Ricardo.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2014.

MILESI, R.; ANDRADE, W. C. **Migrações internacionais no Brasil: realidade e desafios contemporâneos**. Instituto Migrações e Direitos Humanos, v.17. Disponível em: <<http://www.gritodelosexcluidos.org/media/uploads/migracionesintbr.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

MISSÃO PAZ. CASA DO MIGRANTE. 2013. Disponível em: <<http://www.missaospaz.org/#!cdm/c1wgx>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

MIURA, I.K. **Dekasseguis: relatos de identidade a partir da experiência de trabalho temporário no Japão**. DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Org.). Psicologia, e/imigração e cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 278, p.191-209, 2004.

MOUNTIAN, I.; LARA JUNIOR, N. **Psicologia e cultura: conceituações e debates**. ALVES P.C. (org.). **Cultura: múltiplas leituras**. Bauru: EDUSC-EDUFBA, 2010. p. 165-195

MUHATAEV, A. **Quantos migrantes têm na Rússia**. Kommersant Vlast, 23 set. 2013, n. 37, p.29. Disponível em: <<http://www.kommersant.ru/doc/2284497>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

NELSON, T. **A psicologia do preconceito** (nome original “The Psychology of Prejudice”). São Petersburgo: EVROZNAK, 2003. v. 384

NOVROSEN. **A migração da população**. Disponível em: <<http://www.novrosen.ru/Russia/population/migration.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

PEIXOTO, J.; EGREJA, C. **Migração e segmentação do mercado de trabalho: O caso da migração brasileira para Portugal**. Travessia, Revista do Migrante, n. 70, p.7-27,

2012.

PHINNEY, J.S. **Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos**. DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Org.). Psicologia, e/imigração e cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo, v.278, p.47-63, 2004.

REIS, R. R. A política do Brasil para as migrações internacionais. Contexto internacional, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292011000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 nov. 2013.

SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V. **Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais**. Psicologia: ciência e profissão, n. 32, p.166-175, 2012.

SARRIERA, C. J.; PIZZINATO, A., Rangel Meneses M. **Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre**. Estudos de Psicologia, v.10, n. 1, p.5-13, 2005.

SCHUPLINKOV, O.V.; SCHUPLINKOV, N.O. **Política de reassentamento do povo na Rússia no início do século XX** – a questão metodológica. Urbanística, n. 1, p.31-72, 2013. Disponível em: <http://e-notabene.ru/urb/article_10383.html>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SERVIÇO FEDERAL DE MIGRAÇÃO. **Estatística oficial sobre cidadãos estrangeiros no território da Federação da Rússia**. Disponível em: <<http://www.fms.gov.ru/about/statistics/data/details/54891/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SERTAKOVA, E.A. **O construtivismo social como uma concepção da construção de etnos (ethnos)**. Problemas contemporâneos da ciência e da educação, n. 6, 2013. Disponível em: <<http://www.science-education.ru/pdf/2013/6/390.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SMELSER, N. **Sociologia** (nome original “Handbook of Sociology”). Moscou: Fénix, 1994. v. 688

SOARES, A. R. **A Psicologia no Brasil**. Psicologia: ciência e profissão. Brasília, 2010. v.30. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500002>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SOKOLOVA, E.E. **Introdução à Psicologia**. Moscou: Academia, 2005. v. 352.

STEFANENKO, T.G. **Psicologia Étnica**. Moscou: Aspect Press, 2004. v. 368.

TRIANDIS, C. H. **Cultura e comportamento social**. Moscou: Forum, 2007. v. 384.

WILLIAMS, L.C.A. A atuação do psicólogo em um mundo globalizado: a experiência de uma década de trabalho no Canadá. Psicologia: ciência e profissão, v. 19, n. 3, p. 32-39, 1999.

YAROSHEVSKIY, M.G. **História da Psicologia desde a antiguidade até meados do**

século XX. Moscou: Academia, 1996. v.416.

ZAIA, M. C. **Imigrantes muçulmanas em São Paulo:** um estudo a partir da psicologia intercultural. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 15, n. 28, p. 41-69, 2007.

ZAYONCHKOVSKAYA, J.A. **Migração na Rússia moderna.** Conselho russo de Assuntos Internacionais. O artigo da crestomatia Migração da Rússia: 2000-2012. Disponível em: <http://russiancouncil.ru/inner/?id_4=1714#top>. Acesso em: 15 ago. 2014.

ZAYONCHKOVSKAYA, J.A. **A migração interna na Rússia e na URSS no século XX** como um reflexo da modernização social. p.22-34, s. data. Disponível em: <http://ecsocman.hse.ru/data/546/989/1219/1999_n4_p22-34.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

ZHDAN, A.N.; NOSKOVA, O.G. **Conhecimento psicológico na Universidade de Moscou** (Um ensaio histórico). Disponível em: <<http://www.psy.msu.ru/about/history/history.html>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

VASKOVSKAYA, S.V. **A teoria histórico-cultural.** GOENOSTAY, P.; TITARENKO, T. (Org.). As teorias psicológicas e concepções de personalidade. Ruta, 2001. Disponível em: <<http://psylib.org.ua/books/psiteol/index.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

Faculdades e institutos de Psicologia em Moscou:

http://psy.hse.ru/ba_psy/graduate/

<http://www.msu.ru/info/struct/dep/psychol.html>

<http://www.msu.ru/info/struct/dep/psychol.html>

<http://abitur.fpo.ru/vyusknik-fpo/trudous.html>

Os serviços de atendimento psicológico emergencial na Rússia. A “Linha Direita” e Centro de Ajuda Psicológica Emergencial de “MCHS”:

<http://www.line-doverie.ru/>

<http://www.mchs.gov.ru/powers/psy>

ANEXO I - Atividades acadêmicas

Descreverei aqui minhas atividades acadêmicas na Universidade de São Paulo, realizadas a partir de fevereiro de 2013. Durante o mestrado tenho recebido uma riquíssima experiência acadêmica e social. Ela foi obtida pela interação com os professores e com os colegas, pela aprendizagem das novas formas de organização da pesquisa científica, por eventos e reuniões de que participei e pelo trabalho de campo. Foram essenciais as reuniões com meu orientador, Prof. Dr. Alessandro de Oliveira dos Santos, para o acompanhamento das atividades de pesquisa e orientação e na construção de relatório para Exame de Qualificação e da Dissertação.

Quando 1 - Disciplinas cursadas:

Nome da disciplina	Número de créditos	Frequência	Nota
Pesquisa Psicossocial das Desigualdades Raciais no Brasil	8	100%	A
Técnicas de Preparação de Trabalhos Científicos	2	100%	A
Psicologia Social Comunitária: Práxis e Reconhecimento para a Superação da Vulnerabilidade Social e Política	8	85%	A
História e Teorias dos Estudos Culturais	8	100%	B
Migrações forçadas como fenômeno psicossocial: elementos para a compreensão de seus aspectos psicológicos, sociais, políticos e ambientais	2	100%	A
Preparação Pedagógica em Psicologia Social	2	85%	A
Créditos obtidos:	30		

1º Semestre de 2013

1. Pesquisa Psicossocial das Desigualdades Raciais no Brasil.

A disciplina é ministrada pelo professor Alessandro de Oliveira dos Santos, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. A disciplina inteirava os alunos sobre os conceitos de raça-etnia, desigualdade racial, discriminação, preconceito e humilhação social, entre outros, além de fornecer conhecimentos sobre a história das relações étnico-raciais no Brasil e os efeitos da discriminação racial, como as desigualdades entre brancos e negros na saúde, na educação e no mercado de trabalho. Também permitiu refletir sobre os estudos dedicados ao tema raça-etnia e aos programas e políticas públicas brasileiras de combate ao racismo. Os autores principais abordados na disciplina foram Asch, S.; Bento, M. A.

S.; Mello, S. L.; Schmidt, M. L. S. e Crochik, J. L.; Gonçalves Filho, J. M.; e Guimarães, A. S. Nas aulas tivemos discussões sobre assuntos levantados nos artigos, em que cada aluno poderia participar e se manifestar.

Os estudos sobre raça-etnia têm a ver diretamente com meus interesses científicos. A disciplina “Pesquisa Psicossocial das Desigualdades Raciais no Brasil” me ajudou a aprofundar meu conhecimento sobre discriminação e desigualdades étnico-raciais no Brasil. Eu já havia conhecido os estudos norte-americanos, europeus e russos a respeito de discriminação, desigualdade e raça-etnia. Nesta disciplina conheci vários autores brasileiros. É interessante como os estudos brasileiros mostram os fenômenos raciais por um novo prisma. Por exemplo, a categorização racial que existe no Brasil é muito diferente da norte-americana. Os estudos feitos no Brasil são importantes para a compreensão dos fenômenos raciais, e infelizmente pouco conhecidos fora do Brasil. Entre outros benefícios da disciplina, conheci alunos que se interessavam pelos mesmos temas. Como essa disciplina foi a primeira de que participei no curso de mestrado, tive uma introdução às regras de trabalho dos alunos no Instituto de Psicologia da USP.

2. Técnicas de Preparação de Trabalhos Científicos.

A disciplina “Técnicas de Preparação de Trabalhos Científicos” foi ministrada pela Profa. Christina Joselevitch, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP. Nas aulas foram apresentadas formas eficazes de comunicação oral e técnicas de preparação das mesmas, incluindo a discussão a respeito de preparação dos slides e da estrutura e forma da comunicação oral em si. As aulas tiveram caráter demonstrativo. Na minha opinião seria eficaz incluir aulas práticas, durante as quais o aluno usasse programas de computação (Microsoft Excel, Microsoft Powerpoint, Adobe Illustrator, Corel Draw e outros).

Paralelamente, durante o período também fiz o curso “Linguagem, Experiência e Memória: Poéticas da Voz do Narrador e do Cantor como Sujeitos do Ator” ministrado pelo Prof. José Batista Dal Farra Martins na Escola de Comunicação e Artes da USP. Voltado a artistas de teatro, o curso ocorre uma vez por semana e tem a duração de um ano. O objetivo é estudar as conexões entre linguagem, experiência, memória e vocalidade cênica, a partir de polaridades hipotéticas do cantor e do narrador. O curso ensina o ator a ter “posse” de sua voz, respiração, ritmo e ressonância. O meu objetivo foi aperfeiçoar a apresentação pública em língua portuguesa.

2º Semestre de 2013

3. Psicologia Social Comunitária: Práxis e Reconhecimento para a Superação da Vulnerabilidade Social e Política.

A disciplina “Psicologia Social Comunitária: Práxis e Reconhecimento para a Superação da Vulnerabilidade Social e Política” foi ministrada pelos professores Alessandro de Oliveira dos Santos, Luís Guilherme Galeão da Silva e Bernardo Parodi Svartman no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. A disciplina teve vários objetivos, entre os quais definir os objetos de estudo da Psicologia Social Comunitária (comunidade, espaço urbano e pessoas em situação de rua); investigar as categorias psicossociais utilizadas na Psicologia Comunitária (sofrimento social, vínculo, vulnerabilidade sócio-política, exclusão e outras); discutir os conceitos da Psicologia Comunitária (“reificação”, “desenraizamento” e “humilhação social”); problematizar um compromisso ético-político da Psicologia Social; analisar as diferentes estratégias para o enfrentamento do sofrimento social e da falta de reconhecimento das minorias e outras. Entre os autores principais abordados na disciplina estão: Agamben, G.; Guareschi, P.; Honneth, A.; Montero, M.; Martín-Baró, I. e outros.

Além das aulas teóricas, a disciplina incluía trabalhos de campo. Durante o curso houve palestras de professores convidados sobre temas específicos. A “Psicologia Social Comunitária: Práxis e Reconhecimento para a Superação da Vulnerabilidade Social e Política” forneceu conhecimento sobre uma atuação profissional fortemente relacionada às lutas sociais e políticas Latino-Americanas e, em particular, brasileiras, nos últimos 40 anos. Além de conhecer as abordagens psicológicas (incluídas na bibliografia), os alunos poderiam participar dos projetos das pesquisas. Os projetos foram realizados no âmbito do Programa de Pré-Iniciação Científica da USP e do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Foram envolvidos estudantes dos cursos de Turismo, Meio Ambiente, Administração, Agropecuária e Informática de Escolas Técnicas (ETECs) do Vale do Ribeira/SP. O projeto teve como meta facilitar a aproximação entre ensino superior e ensino médio profissionalizante. Os alunos das ETECs realizaram um estudo em comunidades tradicionais: as vilas caiçaras de Icapara, Barra do Ribeira e Guaraú, os quilombos André Lopes e Pedro Cubas e a aldeia guarani Myba Pindoty.

Eu fiz parte dos projetos como observadora e, como os projetos já haviam

começado antes da disciplina, participamos só de suas etapas. Entre os projetos que estavam em andamento cito: “Participação comunitária na formulação de diretrizes éticas para pesquisa em uma comunidade quilombola do Vale do Ribeira/SP” e “Experiências de turismo de base comunitária no Vale do Ribeira: um estudo psicossocial”. Foi cobrado um relato a ser entregue na disciplina, que incluía a descrição da viagem, a análise das entrevistas e uma reflexão sobre os efeitos da experiência e da interação.

A disciplina me fez refletir mais sobre a questão ético-moral na pesquisa psicológica. Pelo fato de a maioria das pesquisas psicológicas serem feitas com seres humanos, é importante pensar não só nos benefícios que estas podem trazer para o pesquisador, mas como o pesquisador pode compartilhar seus resultados da pesquisa com os pesquisados. Acompanhar a pesquisa de campo e refletir a respeito disso é essencial para o jovem pesquisador. A disciplina ensina a lidar com questões éticas da pesquisa com seres humanos.

4. História e Teorias dos Estudos Culturais.

A disciplina “História e Teorias dos Estudos Culturais” é ministrada pelos professores Jefferson Agostini Mello e Carlos Henrique Barbosa Gonçalves no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. A disciplina teve como objetivo mostrar um panorama da área dos Estudos Culturais e levar os alunos a refletir sobre os diversos sentidos do termo “cultura”. Foi considerado o seu percurso histórico, desde os primeiros trabalhos dos Estudos Culturais feitos na Inglaterra na década de 1960 até os dias de hoje. Entre as abordagens teóricas percorridas na aula estão a teoria crítica; a abordagem culturalista; a abordagem estruturalista; a escola de Birmingham; o pós-estruturalismo; os estudos pós-coloniais; o multiculturalismo; os estudos culturais no Brasil; e gênero, sexo, raça e etnia como temas dos estudos culturais.

A disciplina “História e Teorias dos Estudos Culturais” ampliou o meu conhecimento sobre o conceito da cultura. O conteúdo da disciplina foi de difícil compreensão para mim por causa da linguagem dos textos e do meu vocabulário em português. Nas aulas, professores procuraram explicar e discutir os textos envolvendo os alunos. Infelizmente, várias aulas da disciplina não foram dadas por causa da greve.

5. Migrações forçadas como fenômeno psicossocial: elementos para a compreensão de seus aspectos psicológicos, sociais, políticos e ambientais.

A disciplina “Migrações forçadas como fenômeno psicossocial: elementos para a compreensão de seus aspectos psicológicos, sociais, políticos e ambientais” foi ministrada pela Profa. Convidada Myriam Ocampo Prado, docente da Universidad El Bosque de Bogotá, Colômbia, e da Universidad Autónoma Metropolitana de Iztapalapa, México, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. A disciplina introduzia os alunos na compreensão da migração forçada como fenômeno psicossocial. Foi aprofundada a discussão sobre a relação que os sujeitos estabelecem com o território. Sob o termo “migração forçada” entende-se expulsão de populações de seu lugar de assentamento. Os principais fenômenos psicossociais considerados na aula foram o desenraizamento e a desterritorialização. A professora narrou como a Psicologia pode ajudar os migrantes forçados nos processos de reterritorialização e a reconstrução de um novo espaço para si. Entre os autores principais estão Badié, B.; Barros, C.; Haesbaert & Rogério; Mercier, M. e Ocampo, M.

O conteúdo desta disciplina estava estreitamente relacionado ao meu projeto. No projeto faço a descrição de todos os tipos de migração, mas a partir do contato com este conteúdo comecei a refletir mais a respeito de migração forçada. Os migrantes forçados podem ser considerados como uma categoria extremamente vulnerável. A perda de recursos materiais pode ser menos dolorosa do que trauma psicológico vivido por refugiados. Desse modo, os psicólogos e assistentes sociais que trabalham com essa categoria de migrantes devem ser mais atenciosos e cuidadosos.

1º Semestre de 2014

6. Preparação Pedagógica em Psicologia Social

A disciplina “Preparação Pedagógica em Psicologia Social” foi ministrada pelo professor Marcelo Afonso Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. Na disciplina os alunos conheceram as informações e as práticas da formação didática pedagógica para docência no ensino superior. A disciplina foi estruturada por aulas dadas pelo professor principal e por professores convidados e incluiu o trabalho grupal. Os autores principais da disciplina foram: Alencar, E. M. L. & Fleith, D. S.; Barbier, J. M.; Bosi, A. P.; Borsoi, I. C. F; Castanho, S. & Castanho, M. E; e Maués, O.

Antes de cursar a disciplina eu tinha um conhecimento pobre a respeito do ensino superior no Brasil, sobre o qual esta disciplina me ajudou a formar uma noção mais consistente. Foi discutido como pode ser dada a aula, dependendo de vários fatores: universidade pública/privada; porte dos alunos; nível de formação e outros. Essa disciplina fortaleceu minha formação como pesquisadora e futura docente.

Participação em Grupos de Estudos e Revisão bibliográfica

Participação em Grupos de Estudos

Desde maio de 2013 participo de um grupo dedicado aos estudos sobre alteridade e imigração. O objetivo do grupo é desenvolver o debate sobre o imigrante (considerando a posição discursiva do outro), com base na noção do outro para a psicanálise, e suas articulações com os estudos migratórios pós-coloniais e estudos feministas. Os autores abordados são Sigmund Freud, Franz Fanon, Stuart Hall, Anne McClintock, Gayatri Spivak e Octave Mannoni, entre outros. O grupo se reúne semanalmente sob orientação da Profa. Ilana Mountian, que atualmente realiza uma pesquisa de Pós-Doutorado no tema, sob orientação da Profa. Miriam Debieux, no Instituto de Psicologia da USP.

A partir de setembro de 2013 também comecei a participar do grupo "Psicologia e Relações Étnico-Raciais no Brasil", que tem como objetivo o estudo das desigualdades e das relações étnico-raciais no Brasil. O grupo tem propiciado a apresentação e a interlocução de projetos de pesquisa (ou outros trabalhos científicos dos participantes) e se reúne mensalmente sob orientação do Prof. Alessandro.

Valorizo a experiência recebida nas reuniões nos grupos de pesquisa do qual tenho participado. No grupo dedicado aos estudos sobre alteridade e imigração, me aprofundi mais na literatura a respeito dos temas e fiz a análise de conteúdo dos textos. No grupo "Psicologia e Relações Étnico-Raciais no Brasil" apresentei os resultados parciais do meu trabalho e conheci vários trabalhos dos colegas que participam do grupo.

Revisão bibliográfica

Durante o período foi analisada a bibliografia relevante sobre meu tema de investigação, inclusive livros e artigos científicos de periódicos de língua portuguesa, russa e inglesa. Por meio dessa análise bibliográfica foi possível aprofundar a reflexão

sobre os temas migração, Psicologia Intercultural como ciência, desenvolvimento da Psicologia Intercultural na Rússia e no Brasil (história e momento atual), serviços de atendimentos aos migrantes (na Rússia e no Brasil), aspectos e peculiaridades dos processos migratórios na Rússia e no Brasil (história, fluxos populacionais, legislação), métodos de coleta de dados (entrevista, grupo focal). Foram consultadas bases de dados como Scielo e Pepsic e bases de dados de jornais e revistas com artigos dedicados a migração (Folha de São Paulo e Kommersant Vlast).

Participação em eventos

Seminário “As desigualdades persistentes e os efeitos psicossociais do racismo”

Durante o período participei de eventos científicos como palestrante e/ou ouvinte. No dia 04/06/2013 realizei junto com meu orientador o seminário “As desigualdades persistentes e os efeitos psicossociais do racismo” na Escola de Educação Física e Esportes. O objetivo foi discutir raça-cor, etnia, discriminação e desigualdade no Brasil, estereótipo e preconceito, discriminação e racismo no esporte. Fizemos a análise e a discussão da entrevista de um esportista que sofreu discriminação por causa da sua orientação sexual.

Seminário “Vozes e Olhares Cruzados 2”

No dia 08/11/2013 participei como ouvinte do seminário “Vozes e Olhares Cruzados 2” com o tema Imigrantes e Refugiados: processos de integração. O seminário foi organizado pela Missão Paz, com o apoio do Instituto de Terras do Estado de São Paulo e do Grupo Diversitas da USP. O seminário teve duas partes. Na parte da manhã foram realizadas duas mesas redondas, nas quais alguns imigrantes/refugiados da Bolívia, Congo, Haiti, Peru, Paraguai, Cuba e China apresentaram suas experiências migratórias. Cada imigrante/refugiado, além de apresentar sua trajetória, focou sua contribuição a partir do processo de integração que está vivendo em São Paulo, destacando as dificuldades, bem como os aspectos facilitadores.

Na parte da tarde houve trabalhos em grupos, nos quais, além da presença de brasileiros e de participantes das nacionalidades acima mencionadas, tomaram parte representantes do Egito, Guiné-Bissau, Camarões, Angola, Chile e México. Nos grupos houve troca de experiências, foram ressaltados aspectos positivos e dificuldades com as quais imigrantes e/ou refugiados se deparam e, com base nisso, foram feitas

considerações e sugestões visando um melhor processo de integração. Também foram formuladas propostas para envio à Comissão Organizadora da I Conferência Municipal de Políticas para Imigrantes (SP). Vale destacar que nos grupos foi dada atenção particular às várias dimensões da vida dos imigrantes e/ou refugiados, tais como trabalho, saúde, educação e lazer, entre outros.

XXXII Encontro Anual Helena Antipoff no tema Psicologia, Educação e Inclusão Social

Nos dias 26, 27, 28 e 29/03/2014 participei do XXXII Encontro Anual Helena Antipoff, com o tema “Psicologia, Educação e Inclusão Social – dimensões transdisciplinares na história e na contemporaneidade”, que ocorreu na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Me interessei pelo evento por vários motivos. Eu queria saber mais sobre o percurso de Helena Antipoff [Elena Antipova] porque ela era uma psicóloga russa. Ela recebeu formação superior em Genebra, sob orientação de E. Claparède (com quem trabalhou posteriormente). Na Rússia ela trabalhou como psicóloga com crianças de rua e órfãos. Em 1922 seu marido foi exilado da Rússia e ela deixou o país para juntar-se a ele. Em 1929 ela foi convidada pelo governo brasileiro para trabalhar com a organização da educação psicológica; atuou em escolas e orfanatos para crianças com necessidades de adaptação social e psicológica. Ela esteve entre os fundadores da Psicologia da Educação no Brasil.

Outro motivo do meu interesse foi querer saber mais sobre a História da Psicologia no Brasil. O evento teve como objetivos discutir desafios da Psicologia Escolar e da História da Psicologia. Participei de todos os eventos como ouvinte. Entre os eventos dedicados ao tema destaco o seguinte: no dia 27, “Memória e história da Psicologia na Educação Inclusiva” (mesa-redonda). No mesmo dia, na sessão coordenada “História da Psicologia nas interfaces com a Saúde”, que incluía apresentação e discussão, foram apresentados os seguintes relatos: “Os primeiros registros de Psicologia nos Serviços de Saúde Mental de Cuiabá” (Jane Teresinha Domingues Cotrin e Renata Garutti Rossafa); “Saberes psi e instituições judiciárias no início do século XX” (Igor Teo Rodrigues, Luiz Eduardo Veras Lopes Pontes, Beatriz Lima Costa e Ana Maria Jacó-Vilela); “Cezar Rodrigues Campos e a Reforma Psiquiátrica Mineira” (Maria Stella Brandão Goulart, Francisco Matheus Machado de Barros, Camila Augusto dos Hernani e Luís Chevreux Oliveira Coelho); “A psicologia:

‘Filha predileta’ dos higienistas” (RoselaniaFrancisconi Borges e Maria Lucia Boarini). No dia 28 ocorreram “Recepção e circulação dos saberes psicológicos na educação na América Latina”; e a Assembleia Geral da Sociedade Brasileira de História da Psicologia (SBHP).

Outras atividades: atividade de campo e aulas ministradas

Atividade de campo

Durante o período tive a oportunidade de visitar em diversas ocasiões o Centro de Atendimento dos Migrantes que funciona na Missão Igreja da Paz, no bairro do Pari, em São Paulo. Lá pude conhecer os psicólogos, ver como eles trabalham, conversar com outros funcionários e participar de reuniões. Também realizei visitas ao Centro de Atendimento dos Migrantes em Moscou (que faz parte do Comitê de "Assistência Civil", sendo uma organização pública filantrópica). No Centro realizei as mesmas atividades feitas no Centro de Atendimento dos Migrantes da Missão Igreja da Paz; pude conversar com funcionários e ver como eles trabalham. Fui recebida pelo chefe do Centro e levantei informações sobre o funcionamento e o perfil das pessoas atendidas.

Aulas ministradas

No dia 12/11/2013 ministrei uma aula na disciplina de graduação em Psicologia, “Psicologia Social: Intercultura e Raça/Etnia”, coordenada pelo Prof. Alessandro. O título da aula foi “Introdução à Psicologia Intercultural” onde delinee os principais fenômenos que esta área investiga. Apresentei também o meu projeto como exemplo de estudo feito no ramo da Psicologia Intercultural.

No dia 25/04/2014 ministrei a aula “Psicologia Intercultural da imigração” para alunos do segundo ano de vários cursos (Logística, Administração, Informática e o Ensino Médio regular) da Escola Técnica de Franco da Rocha. Na aula descrevi os processos migratórios; fenômenos psicossociais atribuídos a migrantes; a história e a situação migratória atual no Brasil; e a Psicologia Intercultural. Para preparação da aula utilizei conhecimentos recebidos nas disciplinas “Preparação Pedagógica em Psicologia Social” e “Técnicas de Preparação de Trabalhos Científicos”. As duas aulas que ministrei no IPUSP e na Etec de Franco da Rocha contribuíram para minha experiência como futura professora e me ajudaram a refletir a respeito do meu projeto, através das perguntas feitas pelos alunos.

ANEXO II – Grupo focal

Adiante apresentarei o grupo focal piloto foi realizado antes de ir para Moscou, com alunos de psicologia a fim de testar o roteiro de perguntas elaborado para o estudo. O grupo focal trouxe questões importantes dos alunos sobre migração, formação do psicólogo e psicologia intercultural.

Grupo focal como método da pesquisa psicológica

O método do grupo focal pode ser chamado de base da análise qualitativa. Este método adota uma entrevista grupal em forma de discussão grupal. A entrevista focal tem um caráter estandardizado, focando em um assunto com respostas livres. A entrevista focal apareceu pela primeira vez nos Estados Unidos nos anos 1940. Em 1941 Paul Lazarus e Robert Merton (Universidade Columbia) realizaram uma pesquisa sobre reações do auditório nos programas de rádio. Os entrevistados deveriam falar sobre suas reações após escutar os programas. Durante a Segunda Guerra Mundial as entrevistas grupais foram utilizadas para estudar a influência da propaganda no exército. Durante essas pesquisas foram elaboradas os princípios básicos da entrevista focal. O grupo focal ganhou fama por sua aplicação em pesquisas de marketing. Por exemplo, para entender a queda de ingressos da zona rural para a Universidade de Minnesota foram feitos alguns grupos focais (CASEY; LESKE; KRUEGER, 1987, citados por BOGOMOLOVA; FOLOMEEVA, 1997). Os resultados demonstraram que moradores da zona rural ficaram confusos por causa do tamanho dos prédios e cidade universitária, tendo medo de se perder nesse espaço. Exatamente essas características do espaço foram ressaltadas na propaganda comercial da universidade como vantagens. Com os resultados do grupo focal a universidade mudou a propaganda, passando a focar a atenção nos auditórios e nos quartos confortáveis e na recepção acolhedora para cada estudante.

Atualmente o grupo focal pode ser sucessivamente realizado nos estudos psicológicos, sociológicos de ciências políticas. O objetivo do grupo focal é recolher informação (conhecimentos, opiniões e ideias) sobre o problema discutido. Para esse fim, o moderador do grupo focal precisa criar uma atmosfera de conforto e confiança, incluindo todos os entrevistados no processo de discussão. O planejamento do grupo

focal inclui:

1. Esclarecimento de objetivos da pesquisa: para que precisa ser recolhida esta informação, como ela vai ser usada.
2. Recrutamento de participantes do grupo.
3. Composição de perguntas.
4. Seleção de metodologias de auxílio (se eles vão ser utilizados).
5. Escolha do moderador.
6. Escolha de local e tempo para a realização da entrevista.
7. Transcrição e análise de dados.
8. Representação de resultados.

O planejamento do grupo focal tem dois momentos decisivos: recrutamento dos entrevistados e composição das perguntas. As perguntas definem a informação que o pesquisador vai receber e os participantes definem o caráter da discussão. O grupo composto normalmente é homogêneo, mas dependendo de fins da pesquisa pode ser heterogêneo. A homogeneidade do grupo pode ser garantida por profissão, educação, posição social, idade e outros. O tamanho do grupo é variado, de 4 a 12 pessoas. Se tiver menos do que 4 pessoas a discussão pode ficar empobrecida e mais do que 12 pessoas dificultam a moderação da discussão. O grupo menor seria mais confortável e teria menos variedade de opiniões. A quantidade da sequência de grupo focal varia de 2 até 4 encontros. Quando a informação recolhida se repete não há necessidade de fazer mais grupos. No modelo ideal os participantes não devem conhecer o moderador, nem ser amigos entre si e nem participar dos grupos focais anteriores. A sequência de perguntas normalmente vai das mais gerais para as mais estreitas e específicas. Pode começar com o levantamento de opiniões sobre o problema e terminar com a sugestão de atitudes a tomar com relação ao problema. A estrutura de perguntas pode ser aberta, semi-aberta ou fechada, dependendo do objetivo. Há as perguntas que induzem o assunto e as perguntas secundárias, para detalhar e esclarecer as respostas. A questão “por quê?” raramente é usada, porque a pessoa provavelmente vai responder racionalmente (BOGOMOLOVA; FOLOMEEVA, 1997).

A importância do papel do moderador é grande. Ele tem que ser suave, não importuno, favorecer a espontaneidade das respostas e, ao mesmo tempo, controlar o fluxo discursivo, não deixando sair do assunto. O moderador precisa saber escutar,

estabelecer contato, induzir a confiança, demonstrar interesse por pessoas. O importante é que o moderador tenha sentido de tempo, saiba formular suas perguntas e seus pensamentos, seja interessado e sem parcialidade e, ao mesmo tempo, nunca demonstre a sua opinião (BOGOMOLOVA; FOLOMEEVA, 1997).

Durante o grupo focal o moderador tem que saber controlar o comportamento verbal e não verbal dos representantes do grupo, estimular os menos ativos e reprimir os mais ativos. Os participantes ativos (dominantes) devem ocupar lugar ao lado do moderador, e os tímidos o moderador deve colocar na sua frente para manter contato de olhos. Para conter um participante “tagarela”, o moderador precisa parar qualquer contato verbal e não verbal (BOGOMOLOVA; FOLOMEEVA, 1997).

Descrição e análise do grupo focal piloto

O grupo focal piloto teve vários objetivos. O primeiro, treinamento de moderador e assistente, foi para o próximo grupo focal ocorrer automaticamente e sem erros. O segundo objetivo foi ver como funcionam as perguntas: se os entrevistados entendiam as perguntas da forma correta, se respondiam sobre o que queríamos saber. Como o grupo piloto foi feito nas pessoas que não trabalham no centro de atendimento dos migrantes as perguntas foram corrigidas a respeito disso. Tivemos seis participantes: o primeiro, o quinto e o sexto são alunos de graduação de Instituto de Psicologia da USP; o segundo, o terceiro e o quarto são formados no Instituto de Psicologia da USP. O fato de metade dos membros do grupo já terem se formado e metade não influenciou o caráter de discussão. Os formados tomaram mais iniciativa e os ainda não formados foram mais tímidos. Se atribuíssemos os papéis típicos de grupo focal para nosso caso, o terceiro e o quarto participante receberiam papéis de “experts”, pois tiveram experiência em atender os migrantes (especialmente a terceira participante, que trabalhava em uma penitenciária, com estrangeiros presos). O segundo participante teria o papel de “tagarela” por que ele falava muito, tomava iniciativa e liderava a conversa, mas às vezes desviava o assunto. E os outros três (especialmente o participante cinco) teriam papéis de “tímidos”.

Agora, vamos falar sobre cada pergunta mais específica. A primeira pergunta (Por que você decidiu estudar na Faculdade de Psicologia?) teve intenção de “aquecer” o grupo e ver qual era a razão para escolherem estudar Psicologia. Cada participante

relatou um pouco sobre si mesmo (como ele decidiu entrar na Psicologia). Das respostas vimos que a maioria dos participantes ou tentaram entrar na Medicina ou tiveram já alguma experiência e decidiram mudar para uma área próxima. Como o sexto participante relatou (dizendo que mudou da Física para a Psicologia), ele queria estudar em uma área de humanidades, mas não “100% humana”. Nas respostas aparece uma representação típica de Psicologia (que corresponde à verdade): uma ciência entre ciências naturais e exatas e ciências humanas. Duas pessoas relataram a influência de experiências pessoais de contato com psicólogos (um teve terapia e outro teve contato no hospital).

Na próxima pergunta (“Por que na opinião de vocês as pessoas migram para outro país?”) os participantes especificaram que há vários tipos de migração; “no meio acadêmico”, uma fala mostra que é “para conhecer outras culturas”. A maioria dos participantes falou sobre **busca de trabalho**. A participante que trabalhou na penitenciária narrou que as pessoas migram buscando um “**modo de sobrevivência**” e que o Brasil na maioria das vezes não foi o primeiro ponto de parada dos migrantes. Há também informação sobre imigração de grupos específicos: os bolivianos (com quem teve contato a quarta participante) “vêm para trabalhar”. Como vemos as respostas ainda são superficiais, ou seja, de senso comum. Isso muda na próxima pergunta: E por que as pessoas migram para o Brasil? A primeira participante respondeu que “**porque é fácil de conseguir cidadania**, de onde eu saiba **não tem muita burocracia**”. A quarta discordou; ela tem um amigo argentino que está com muita **dificuldade de receber os documentos** e o visto de trabalho. A participante que trabalhava na penitenciária deu uma resposta explicativa para as duas primeiras: “eu acho que **para você migrar oficialmente**, direitinho, **é muito difícil**, é mais **fácil de viver na ilegalidade**”; e depois: “não acontece tanto de ir à polícia federal e pedir documento, pra prender todo mundo”.

Depois a discussão passou para outro ponto. A economia do Brasil, para a quarta participante, “em **comparação com resto do mundo tá boa**”; ela tem parentes na Itália que pensam em migrar para o Brasil porque há muito desemprego na Itália atualmente. Ela concluiu que para as pessoas graduadas há muitas ofertas. O segundo pensa que o jeito da **recepção** no país onde se **é acolhido** pode influenciar: as pessoas migram para o Brasil porque **são bem-recebidas aqui** (ele se referiu a seus amigos da Europa). O quinto prestou atenção na história do Brasil, dizendo que **o Brasil é conhecido como**

um país dos migrantes e que essa fama influencia no fluxo migratório. O sexto falou que **estrangeiros normalmente se dão bem aqui no sentido econômico**: “no nordeste, todos os donos de todos os hotéis eram gringos”; e, depois, “devem ganhar bastante dinheiro”. Depois ele e o segundo colocaram que o clima e a natureza são fatores atraentes e que alguns estrangeiros acham o Brasil **um país “exótico”**. Interessante que o Brasil parece atraente para muitos tipos de migração. Para migrantes que vêm para trabalhar no Brasil, mesmo o nível de vida não sendo muito alto, é melhor do que no país deles. A burocracia com documentos é compensada pela possibilidade de ficar por muito tempo em situação ilegal. Os migrantes de alta qualificação têm a possibilidade de achar emprego bom aqui, principalmente os europeus, que vivem uma crise econômica, e já que os migrantes desses países normalmente são considerados como altamente qualificados. O clima e a natureza podem ser considerados como fatos de qualidade de vida ou como atração para turismo. Como um fator que ajuda na adaptação psicológica dos migrantes os participantes definiram o bom acolhimento (ou a receptividade da sociedade brasileira).

Vamos à pergunta três: “O que vocês acham que o psicólogo pode trabalhar com relação ao migrante? Que tipo de trabalho o psicólogo pode fazer?” Como função do psicólogo alguns membro do grupo definiram o acolhimento ao migrante. A participante quatro continuou a desenvolver seu pensamento, argumentando que, dependendo do tipo de migração, o trabalho do psicólogo pode variar: “se você vai pegar um cara que veio fugido pra trabalhar ilegalmente, faz diferença com o cara que vem pra uma multinacional”. O grupo trouxe como exemplo de migração específica o caso de “cubanos” (os médicos cubanos que vieram pelo programa estadual “Mais médicos”); algumas pessoas no grupo repetiram isso, mas ninguém especificou qual atendimento psicológico receberam os médicos cubanos. A participante três relatou como, na experiência dela, **o fato de ser migrante agravou a condição do atendido**: “eu lembro que eu atendi um estrangeiro (uma americana) que estava com sintomas de paranoia muito agravado por questão da língua, como ela não entendia a língua, ela o tempo todo achava que estavam falando dela”. Resumindo a narração do participante dois: ele estava refletindo sobre como o contato com representantes de outra cultura muda a sua representação sobre a cultura de origem.

Quando o moderador pediu para os participantes especificarem seus relatos com exemplos (“Vocês conseguem pensar uma intervenção mais específica com relação a

isso, uma coisa mais concreta?") surgiu uma discussão interessante sobre a atuação do psicólogo com relação aos migrantes. O segundo deu alguns exemplos que confirmam ser preciso ter conhecimento sobre outra cultura e língua para atender o migrante com sucesso: a psicanálise no Japão é diferente e a pessoa "não vai deitando falando sobre seus pais". A moça que trabalha na penitenciária pensa que **não é necessário ter um conhecimento sobre a cultura de origem do migrante, mas é preciso ter o conhecimento aberto**: "não pode levar os seus pressupostos o tempo todo". A participante cinco discordou, argumentando **que a vida social pode ser organizada diferentemente na outra cultura** e que, se você não tem noção sobre como isso é na outra cultura, você pode não entender o migrante. A seguir apresento o contra-argumento da participante três, de que **os costumes da outra cultura não são necessariamente válidos para um indivíduo concreto** (que está sendo atendido): "conhecer informação sobre outra cultura não é essencial para trabalhar com estrangeiro"; "eu trabalhava com pessoas de trinta nacionalidades diferentes e tem que atender". Como acontece muitas vezes com "tímidos", a participante cinco não continuou a discussão e não procurou mais argumentos para explicar ou defender sua posição. Desenvolvendo o assunto e discutindo com a participante três, os participantes dois e quatro defenderam que na prática um **psicólogo pode se especializar no atendimento a alguns tipos de migrantes** e que, **dependendo da demanda social**, há os centros que se especializam no atendimento de uma nacionalidade de migrantes. A discussão abordou temas essenciais para a Psicologia Intercultural, como as fronteiras entre a universalidade e a especificidade da psicologia do indivíduo.

OUTROS ANEXOS

Anexo III

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Projeto de Pesquisa (Título provisório): Atuação do psicólogo no tema das relações interculturais e raça/etnia: um estudo comparativo entre psicólogos do Brasil e da Rússia que atuam em serviços de migração

Roteiro de entrevista com os psicólogos

I. INSTRUÇÕES

Este roteiro será respondido por meio de uma entrevista gravada em áudio. Antes de iniciar, você deve preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

I. PERFIL

1. **Idade** _____
2. **Sexo**
() Masculino () Feminino
3. **Como você define sua cor/raça?**
() Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena
4. **Maior nível de graduação**
() Graduado () Mestrado () Doutorado () Outro _____
5. **Onde você concluiu sua graduação?** _____
6. **Se você tem Mestrado ou Doutorado escreva qual foi a área de concentração de sua titulação (Mestrado ou doutorado)** _____

Roteiro básico de perguntas do questionário para psicólogos

1. Por que você veio trabalhar no serviço de migração?
2. Como é o migrante que frequenta o serviço?
3. Por que as pessoas migram para outro país?
4. Que tipo de trabalho os imigrantes realizam no país quando chegam?
5. Me conte que processos psicológicos ocorrem com o migrante quando ele chega.
6. Que técnicas e conhecimentos de psicologia você aplica no trabalho com migrantes?
7. Os migrantes que frequentam o serviço se aproximam com facilidade dos psicólogos? Você tem algum procedimento para facilitar essa aproximação?
8. Existe uma nacionalidade que você considera mais fácil de trabalhar? E tem alguma que você considera mais difícil?
9. O que você sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante? Existe algum desconforto?
10. Como você imagina que seria a organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes?
11. Durante a sua formação você se lembra de ter visto temas como migração e raça/etnia em alguma matéria? Se sim, tente detalhar em que período, a disciplina, como foi seu envolvimento e a avaliação desse processo.
12. Você já ouviu falar de Psicologia Intercultural? Você se lembra se esse tema foi visto em alguma matéria?
13. Para você a Psicologia Intercultural e os estudos da raça/etnia são importantes para a formação do psicólogo?
14. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

Anexo IV

Universidade de São Paulo

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho

Projeto de Pesquisa (Título provisório): Atuação do psicólogo no tema das relações interculturais e raça/etnia: um estudo comparativo entre psicólogos do Brasil e da Rússia que atuam em serviços de migração

Roteiro de entrevista com os psicólogos

I. INSTRUÇÕES

Este roteiro será respondido por meio de uma entrevista gravada em áudio. Antes de iniciar, você deve preencher o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

I. PERFIL

1. **Idade** _____
2. **Sexo**
() Masculino () Feminino
3. **Como você define sua cor/raça?**
() Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena
4. **Maior nível de graduação**
() Graduado () Mestrado () Doutorado () Outro _____
5. **Onde você concluiu sua graduação?** _____
6. **Se você tem Mestrado ou Doutorado escreva qual foi a área de concentração de sua titulação (Mestrado ou doutorado)** _____

Roteiro básico de perguntas para grupo focal

1. Por que você veio trabalhar no serviço de migração?
2. Que técnicas e conhecimentos de Psicologia você aplica no trabalho com migrantes?
3. Para você a Psicologia Intercultural e os estudos da raça/etnia são importantes para a formação do psicólogo?
4. Porque as pessoas migram para outro país?
5. Existe uma nacionalidade que você considera mais fácil de trabalhar? E tem alguma que você considera mais difícil?
6. O que você sente quando está no serviço de atendimento do migrante/quando conversa com o migrante? Existe algum desconforto?
7. Como você imagina que seria a organização ideal de um serviço de atendimento aos migrantes?

Anexo V

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) participar de uma pesquisa sobre atuação do psicólogo em serviços de migração. No caso de aceitar fazer parte do estudo, deve assinar ao final este documento, impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra deve ser entregue ao entrevistador (a). O objetivo geral do estudo, intitulado provisoriamente, “Atuação do psicólogo no tema das relações interculturais e étnico-raciais: um estudo comparativo entre psicólogos do Brasil e da Rússia que atuam em serviços de migração” é descrever a atuação dos psicólogos dos dois países nos serviços de migração e como lidam com o tema das relações interculturais e étnico-raciais em seu trabalho.

Sua participação consiste em responder um roteiro de perguntas que será aplicado durante a entrevista com duração de aproximadamente 50 minutos, de acordo com sua disponibilidade. A entrevista será gravada em áudio e o material ficará arquivado sob a responsabilidade da pesquisadora Alina Kaledina, com acesso restrito e sem identificação. Seu sigilo está garantido e sua identidade não será revelada sob nenhuma hipótese. Durante a entrevista você pode solicitar ao entrevistador que desligue o gravador e até que sejam apagadas partes da entrevista. Além disso, poderá interromper sua participação em qualquer momento. O material coletado poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou revista científica, mas sem informações que possam identificá-lo (a).

A pesquisa não oferecerá nenhuma vantagem financeira, sua participação é voluntária e o contato com o (a) entrevistador (a) e a aplicação do instrumento de coleta de dados não oferecem nenhum risco ou oferecem risco mínimo.

Se você tiver alguma dúvida em relação à pesquisa, entre em contato com o responsável Professor Alessandro de Oliveira dos Santos do IPUSP no e-mail alos@usp.br ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Av. Prof. Mello Moraes, 1721 (Bloco G, 2º andar, Sala 27). Cidade Universitária. CEP 05508-030. São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182.

Pesquisadora: Alina Kaledina
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Instituto de Psicologia – USP
Contato: Email Ka0406@mail.ru; cel. 985366178.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____, abaixo assinado, concordo, voluntariamente, em participar do estudo “Atuação do psicólogo no tema das relações interculturais e étnico-raciais: um estudo comparativo entre psicólogos do Brasil e da Rússia que atuam em serviços de migração”. Confirmo que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como a ausência de riscos ou benefícios financeiros decorrentes da minha participação.

Local e data: _____

Nome do participante:

Assinatura do participante:

Anexo VI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – GRUPO FOCAL

Você está sendo convidado (a) participar de uma pesquisa sobre atuação do psicólogo em serviços de migração. No caso de aceitar fazer parte do estudo, deve assinar ao final este documento, impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra deve ser entregue ao entrevistador (a). O objetivo geral do estudo, intitulado provisoriamente, “Atuação do psicólogo no tema das relações interculturais e étnico-raciais: um estudo comparativo entre psicólogos do Brasil e da Rússia que atuam em serviços de migração” é descrever a atuação dos psicólogos dos dois países nos serviços de migração e como lidam com o tema das relações interculturais e étnico-raciais em seu trabalho.

Sua participação consiste em responder um roteiro de perguntas que será aplicado durante uma entrevista em grupo, denominada de grupo focal, com duração de aproximadamente 70 minutos, de acordo com sua disponibilidade. O grupo focal será gravado em áudio e o material ficará arquivado sob a responsabilidade da pesquisadora Alina Kaledina, com acesso restrito e sem identificação. Seu sigilo está garantido e sua identidade não será revelada sob nenhuma hipótese. Durante o grupo focal você pode solicitar ao entrevistador que desligue o gravador e até que sejam apagadas partes da entrevista. Além disso, poderá interromper sua participação em qualquer momento. O material coletado poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou revista científica, mas sem informações que possam identificá-lo (a).

A pesquisa não oferecerá nenhuma vantagem financeira, sua participação é voluntária e o contato com o (a) entrevistador (a) e a aplicação do instrumento de coleta de dados não oferecem nenhum risco ou oferecem risco mínimo.

Se você tiver alguma dúvida em relação à pesquisa, entre em contato com o responsável Professor Alessandro de Oliveira dos Santos do IPUSP no e-mail alos@usp.br ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Av. Prof. Mello Moraes, 1721 (Bloco G, 2º andar, Sala 27). Cidade Universitária. CEP 05508-030. São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182.

Pesquisadora: Alina Kaledina
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho
Instituto de Psicologia – USP
Contato: Email Ka0406@mail.ru; cel. 985366178.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____, abaixo assinado, concordo, voluntariamente, em participar do estudo “Atuação do psicólogo no tema das relações interculturais e étnico-raciais: um estudo comparativo entre psicólogos do Brasil e da Rússia que atuam em serviços de migração”. Confirmo que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como a ausência de riscos ou benefícios financeiros decorrentes da minha participação.

Local e data: _____

Nome do participante:

Assinatura do participante: